

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MUSEU AMAZÔNICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

ISABELLE BRAMBILLA HONORATO

ENTRE TENSIONAMENTOS E DISPUTAS:
Família, religião e o processo de *se assumir* entre jovens de uma Igreja
Inclusiva de Manaus

Manaus
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MUSEU AMAZÔNICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Isabelle Brambilla Honorato

Orientadora: Profa. Dra. Fátima Weiss de Jesus

ENTRE TENSIONAMENTOS E DISPUTAS:

Família, religião e o processo de *se assumir* entre jovens de uma Igreja Inclusiva de
Manaus

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Manaus
2016

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

H774e Honorato, Isabelle Brambilla
Entre tensionamentos e disputas: família, religião e o processo de se assumir entre jovens de uma Igreja Inclusiva de Manaus / Isabelle Brambilla Honorato. 2016
109 f.: il.; 31 cm.

Orientador: Fátima Weiss de Jesus
Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Homossexualidade. 2. Religião. 3. Família. 4. Juventude. I. Jesus, Fátima Weiss de II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MUSEU AMAZÔNICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

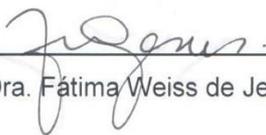
ENTRE TENSIONAMENTOS E DISPUTAS:

Família, religião e o processo de *se assumir* entre jovens de uma Igreja Inclusiva de Manaus

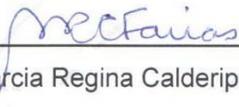
Isabelle Brambilla Honorato
Orientadora: Profa. Dra. Fátima Weiss de Jesus

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Fátima Weiss de Jesus



Profa. Dra. Márcia Regina Calderipe Farias Rufino



Prof. Dr. Marcelo Tavares Natividade

Manaus
2016

*Este trabalho é dedicado aos
meninos e meninas das mais
diversas denominações
evangélicas de Manaus que foram
expulsos de casa, sofreram maus-
tratos dos seus e dos de fora e
mesmo assim continuam
refazendo, ressignificando suas
vidas e sonhando com mães Mary
Griffith.*

AGRADECIMENTOS

Parafrazeando Gayle Rubin (1993, p.26), digo que agradecimentos é uma expressão inadequada posto que este trabalho, como a maior parte dos trabalhos deste tipo, é o produto de várias mentes. É também preciso libertar outros da responsabilidade pelo que é, finalmente, uma visão pessoal de uma conversação coletiva. Desse modo, quero liberar e agradecer às seguintes pessoas:

À minha orientadora professora Dra. Fátima Weiss de Jesus, que com muita atenção, firmeza e carinho, conduziu este trabalho junto comigo. Foi amiga e conselheira amorosa.

A professora Dra. Márcia Regina Calderipe Farias Rufino, que me acompanha na academia a longa data, sempre gentil, amável e disposta a auxiliar quem a procura.

Ao professor Dr. Sidney Antonio da Silva, por aceitar participar como suplente da banca de defesa da dissertação. Também pelos valiosos ensinamentos como meu professor na graduação e no mestrado.

A professora Dra. Ana Carla Bruno, participar como suplente da banca de defesa dessa dissertação e por aulas maravilhosas de teoria antropológica. Sempre querida, gentil e arrebatadora nas suas observações em sala.

Ao professor Dr. Marcelo Natividade, por, mesmo sem saber, dialogar comigo nas noites de dores intelectuais. Esta dissertação é também um diálogo com o trabalho do professor Marcelo. Por aceitar participar da banca de defesa da dissertação, sou grata também.

Ao Patriarca Phablo Dantas, por ter aberto as portas da IARI para mim. Sem ele seria muito difícil acessar o campo. Valiosos ensinamentos e ideias ele me proporcionou.

Aos interlocutores desse trabalho que me aceitaram, me ensinaram muito sobre o significado da resistência.

Ao meu pai, meu amigo, incentivador, Livaldo Antonio Honorato, sem qual nada do que vi e vivi na vida seria possível, muito menos minhas conquistas acadêmicas.

À minha mãe Neli Fátima Brambilla Honorato, pela sua força, orações, comidas enviadas, amor, carinho, doçura e inúmeros adjetivos que tomariam mais páginas que toda esta dissertação.

Ao meu irmão Pietro Henrique Brambilla Honorato, pela ajuda nas correções deste trabalho, por trazer alegria a minha vida e entender o real significado de irmandade.

A Emanuelle da Silva Vilar, minha amiga querida, que me deu força e me segurou em momentos difíceis, bem como é grande companheira de diálogo acadêmico.

A Isabel Wittmann, por sua amizade e companheirismo na sala de aula. Trocas e paçocas fizeram meu mestrado mais feliz e gostoso.

A Ana Kely Mendes, por sua amizade sincera, por me ensinar sobre prioridades na vida. Itaipavas e petiscos, risos e amenidades com certeza contribuíram significativamente para este trabalho.

A toda a turma de 2014 do mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, pelas trocas e boas risadas.

Ao CNPq, por financiar minha bolsa de pesquisa por dois anos, sem nenhum atraso. Sem ela seria bem difícil realizar o mestrado.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir as articulações entre homossexualidade, religião, família e juventude, a partir de pesquisa etnográfica realizada com a Igreja Apostólica da Renovação Inclusiva (IARI), da cidade de Manaus. A IARI congrega pessoas, predominantemente jovens, não heterossexuais, advindas de famílias pertencentes a igrejas evangélicas tradicionais, que após o processo de *se assumir* como homossexuais foram desligados ou se desligaram de suas igrejas de origem, buscando uma reinterpretação de sua religiosidade na IARI, bem como a possibilidade de realização de sua sexualidade. Nessa perspectiva, discutem-se as negociações da *aceitação* familiar em meio ao processo de *se assumir* que, frequentemente, gera um rompimento que aparta os sujeitos de suas famílias e de sua religião de origem.

Palavras-chave: Homossexualidade. Religião. Família. Juventude.

ABSTRACT

The objective of this paper is to discuss the links between homosexuality, religion, family and youth, from ethnographic research conducted with the Igreja Apostólica da Renovação Inclusiva (IARI), the city of Manaus. The IARI brings together people, predominantly young, not heterosexuals, arising from families belonging to traditional evangelical churches, which after the process to take as homosexuals were disconnected or hung from their home churches, seeking a reinterpretation of his religiosity in IARI and the possibility of carrying out their sexuality. In this perspective, discusses the negotiations of family acceptance amid the process of assuming that often generates a break that separates the subject from their families and their religion of origin.

Keywords: Homosexuality . Religion. Family. Youth.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	13
INTRODUÇÃO	14
PARTE I. DO MÉTODO E DO AFETO: O TRABALHO DE CAMPO ETNOGRÁFICO	19
1.1 A “entrada em campo”: afetos, negociações e o lugar da pesquisadora	20
1.2 Reflexões sobre subjetividade e identidades no trabalho de campo.....	25
1.3 O recorte e as questões norteadoras	28
1.4 A metodologia ou sobre como se deu a coleta de dados	31
1.4.1. Perfis dos interlocutores	35
PARTE II. DAS CATEGORIAS NORTEADORAS: FAMÍLIA, SEXUALIDADE, RELIGIÃO E JUVENTUDE	39
2.1 Religiões cristãs e sexualidades	40
2.2 Igrejas Inclusivas: um panorama	44
2.2.1 A IARI de Manaus: notas sobre o surgimento de uma igreja inclusiva	47
2.3 A juventude como categoria fundamental no processo de se <i>assumir</i>	51
2.4 Família: locus privilegiado de socialização de valores	54
PARTE III. DO MERGULHO NA VIDA: TRAJETÓRIAS E OS PROCESSOS DE SE ASSUMIR E ACEITAÇÃO	59
3.1 Família e os processos de <i>se assumir</i> e <i>aceitação</i>	60
3.2 A igreja de lá e a igreja de cá: as igrejas tradicionais de origem e o trânsito entre várias denominações e a IARI.....	68
3.2.1. A influência da tradição nos trânsitos e na IARI.....	76
3.2.2 Das funções e dos dons dentro da igreja como justificativa para o trânsito e para o “ficar” na IARI	81

3.3 Estar dentro e estar fora da igreja	86
3.4 A homossexualidade e a igreja: Normas prescritivas de relacionamentos e de conduta	91
3.5 Preconceito e perseguição como categorias enfatizadas no discurso da IARI..	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERENCIAS	104

Tinha vindo de tão longe

Enfrentando difícil viagem, foi consultar o oráculo sagrado, embora sabendo que há anos mantinha-se mudo. “Comigo falará”, pensou cheio de fé, prostrando-se no templo, sob olhar vigilante dos sacerdotes.

Mas por mais que implorasse, o silêncio foi o único eco à sua pergunta, nenhum som varando os vapores que envolviam o oráculo.

Pago o tributo, saiu na praça ensolarada. Uma nova alegria parecia explodir em cada canto, transbordando risos e brindes pelas ruas, escorrendo danças até o mercado. E ao indagar o porquê de tão súbita felicidade, soube enfim, consultado por um estrangeiro, o oráculo havia falado.

Só ele, o estrangeiro, nada ouvira.

*Marina Colasanti
Contos de amor rasgados*

PRÓLOGO

...A gente tava conversando semana passada, eu mais ele e eu falei: mas como? isso não existe? Aí ele falou: Existe sim!...Aí eu falei então deixa eu ir lá...aí foi quando eu vim aquele sábado passado aqui, aí eu já mudei já [aponta pra cabeça]. Então a gente começa a ter uma visão do que vai ser a igreja. Eu conversando com ele perguntei pra ele: Inclusiva é por que realmente ninguém seja tipo assim...excluído? Que todos sejam todos, que agregue pessoas...

(David, diário de campo, setembro de 2015)

INTRODUÇÃO

Família, sexualidade, juventude e religião, mais do que categorias amplamente discutidas, não somente na antropologia como em diversas áreas do conhecimento e sob diferentes perspectivas, constituem dimensões da vida social que perpassam diversos aspectos e constantes processos dinâmicos de modificação que estão além de normas e valores prescritivos. “Essas dimensões da vida social funcionam como grades de leitura, guias de orientações que demandam, dos sujeitos, atitudes frente às regras sobre as quais lhes é socialmente solicitado escolher e posicionar-se. Trata-se, antes, de um dispositivo social que atribui crescentemente aos indivíduos o dever da escolha”. (HEILBORN et al, 2005 p.10)

Entendendo a religião não somente como produtora de solidariedade, sentimentos de pertencimento e coesão social, mas também como esfera da vida social perpassada pelos conflitos, tensões, ambiguidades e ambivalências, expressivas de relações de poder e lutas políticas (NATIVIDADE & OLIVEIRA, 2013), sugiro uma aproximação dessa dimensão da vida social com a categoria família, sexualidade e juventude. A proposta não é discorrer exaustivamente sobre essas categorias, mas demonstrar como elas estão estreitamente ligadas umas às outras e engendrando relações.

Desse modo, proponho uma aproximação entre dois espaços de socialização do indivíduo – a família e a religião – no sentido de compreender os tensionamentos e articulações nessas duas esferas da vida social, cruzando-os com sexualidade, entendida aqui como dimensão da experiência humana vivida socialmente e permeada por relações de poder e juventude – compreendida como categoria social representada como uma “passagem” para a vida adulta, de caráter não homogênea e fortemente ligado a marcadores sociais da diferença (classe, gênero e raça).

Parto da compreensão de que a família produz indivíduos, dos quais se espera a reprodução dos valores familiares no processo de individualização, em que especialmente a juventude está em constantes negociações e conflitos familiares e religiosos, por um lado, e sua sexualidade, por outro. Desse modo, este trabalho se insere na temática das religiosidades chamadas evangélicas¹, propondo apresentar as

¹Termo abrangente para definir “igrejas filiadas à tradição das igrejas reformadas e pentecostalizadas, que se destacam por uma atitude “evangelizadora”, de “propagadores e difusores” de uma leitura da bíblia centrada no Novo Testamento, daí uma certa adequação entre o termo e a identificação da religiosidade.

articulações entre juventude, homossexualidade e família, a partir de pesquisa etnográfica realizada com membros da Igreja Apostólica da Renovação Inclusiva (IARI), da cidade de Manaus.

Pesquisas sobre a emergência de grupos religiosos que acolhem a população LGBT² vêm ganhando espaço no meio acadêmico há algum tempo. Eles evidenciam, segundo Grossi (2010, p. 308) “um intenso momento de crescimento em face de acolhida e reconhecimento que têm dado a indivíduos LGBT e a casais do mesmo sexo em busca de encontro espiritual”. Os estudos baseados nas intersecções entre gênero e religião têm apontado tensões e disputas nesses campos, especialmente relacionadas à sexualidade (*ibidem*). A homossexualidade ocupa lugar de destaque dentre as temáticas mais controversas e polêmicas.

Estudos nas igrejas da Comunidade Metropolitana do Brasil e na Igreja Cristã Contemporânea desenvolvidos por Marcelo Natividade (2006 e 2008) e Fátima Weiss de Jesus (2010 e 2012), destacam-se, como evidenciado em Miriam Grossi (2010). Essas pesquisas nos revelam as vivências religiosas e tensões presentes no campo de estudos sobre Igrejas Inclusivas.

O foco desta pesquisa, portanto, foi sobre as vivências e tensionamentos vividos por jovens membros da IARI, oriundos de famílias evangélicas chamadas tradicionais, que, após o processo de *se assumir* como homossexuais, foram desligados ou se desligaram de suas igrejas de origem e buscaram uma reinterpretação de sua religião na IARI, bem como uma “alternativa” para família, ou mesmo uma “hiper-família” (DUARTE, 2006, p. 12), recorrendo a um sentido de comunhão e referência “perdido” no processo de *se assumir*.

Naturalmente, esta ênfase na “difusão da mensagem” não se faz sempre da mesma forma ao longo de todo o processo, segundo um mesmo *ethos*, tendo os mesmos agentes”. (MAFRA, 2001, p.8). Contudo, cabe ressaltar que a IARI é apostólica, portanto de tradição neopentecostal, que “evidencia uma mudança importante em relação às pentecostais predecessoras, que se caracterizavam por apresentar uma vida religiosa mais nominal”. Segundo Siepierski (2001), o neopentecostalismo vem anunciando um novo discurso, uma nova matriz para se pensar a vida: A ideia que está no centro desse novo discurso religioso é a de tomar posse das boas coisas da vida já e não numa possível vida posterior. Para eles, a felicidade e o sucesso são percebidos como uma espécie de direito natural e suas características apontam para o uso bastante acentuado dos meios de comunicação.

² “É uma sigla que designa lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Em alguns locais no Brasil, o T, que representa a presença de travestis e transexuais no movimento, também diz respeito a transgêneros, ou seja, pessoas cuja identidade de gênero não se alinha de modo contínuo ao sexo que foi designado no nascimento (crossdressers, drag queens, transformistas, entre outros)” (FACCHINI, 2011). Sigla que será utilizada nesse trabalho também por ser a mais empregada entre autores acadêmicos, mídia e público abrangente.

Isto posto, cabe destacar que o objetivo geral deste trabalho é, então, descrever e analisar articulações entre família, sexualidade, religiosidade evangélica e juventude entre membros da IARI de Manaus, focando principalmente nos processos de *se assumir* e de *aceitação*³ da sexualidade.

O trabalho visa contribuir nos estudos sobre religião, sexualidades e família no contexto amazônico, buscando dar corpo a essa temática, pouco estudada na região norte do país, especialmente estudos relativos às igrejas inclusivas e as vivências religiosas de seus membros.

A proposta inicial para este trabalho surge no âmbito das pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidades e Interseccionalidades — GESECS⁴, ligado ao Departamento de Antropologia e ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Amazonas. Está vinculada a um projeto de pesquisa maior, denominado Gênero, Religião e Sexualidades em contexto Amazônico⁵, coordenado pela professora Dra. Fátima Weiss de Jesus.

Portanto, olhar para articulações entre juventude, homossexualidade, família e religiosidade evangélica em contexto amazônico, através de membros da IARI de Manaus, focando principalmente nos processos de *se assumir* e de *aceitação* é uma proposta de olhar essas categorias a partir das problemáticas e especificidades locais.

Este trabalho está dividido em três partes. Na primeira, trato das questões de metodologia e trago uma reflexão sobre subjetividade e sexualidade no campo de pesquisa. Na segunda parte, faço uma localização teórica e, na terceira, apresento relatos etnográficos mais contundentes.

A primeira parte é denominada “Do método e do afeto: o trabalho de campo etnográfico” e nela realizo uma reflexão sobre os afetos em campo, as negociações e o lugar da pesquisadora, apontando as nuances e tensões das primeiras entradas em campo. Aponto como a primeira visita foi fundamental para a pesquisa e determinante

³ Termos importantes para este trabalho que serão melhor explicitados ao longo do texto.

⁴ A concepção do grupo parte do entendimento de que, como nos diz Judith Butler, o gênero estabelece “interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais, regionais de identidades discursivamente constituídas”, e aquelas relacionadas às religiosidades e outros marcadores sociais da diferença. (GESECS, UFAM).

⁵ Que desenvolve pesquisas em diferentes contextos do Estado do Amazonas privilegiando a Região Metropolitana de Manaus, tendo como objeto de investigação principal dois diferentes espaços discursivos institucionais, a saber: os campos religioso e escolar e de indivíduos envolvidos em processos de subjetivação vinculados a constituições identitárias (especialmente LGBTs). O projeto propõe a continuidade das discussões dessas temáticas a partir da experiência da sua coordenadora no Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) da UFSC (2007/2012), buscando a consolidação do campo de estudos de gênero e sexualidades nesta instituição e na região norte do país. (GESECS, UFAM).

para definir a quais informações e conversas eu teria acesso. A sexualidade e subjetividade da pesquisadora como ponto crucial no e para o trabalho de campo, bem como um dos itens de maior relevância ao se tratar de uma igreja inclusiva, na qual a sexualidade de seus membros e a religiosidade deles é o que lhe dá sentido. Desenho um pequeno panorama do recorte dado a este trabalho, bem como um panorama das teorias utilizadas, privilegiando obras que fazem interseções sobre os temas abordados aqui.

Portanto, não se trata de uma grande revisão teórica sobre categorias tão grandes e importantes na antropologia (família, sexualidade, religião e juventude), mas sim de como elas se relacionam/combinam para produzir a análise da identidade ao grupo social pesquisado. Por fim, evidencio as questões de cunho mais prático, a metodologia propriamente dita. Demonstro como recolhi os dados e como os sistematizei a partir de observação participante nos cultos, estudos bíblicos, passeios e célula da igreja.

Na segunda parte, “Das categorias norteadoras: família, sexualidade, religião e juventude”, realizo um apanhado sobre categorias relevantes para este trabalho que são representativas das bases teóricas e eixos de análise que alicerçam toda a pesquisa e escrita etnográfica. São elas: família, sexualidade, juventude e religião, divididas em quatro tópicos que buscam as interseccionalidades entre essas diferentes categorias que se apresentam como o aporte teórico da pesquisa. O primeiro item trata da intersecção entre as religiões cristãs e a sexualidade, ressaltando as dimensões de regulação sexual da primeira e outras formas de viver a sexualidade e a religiosidade, a partir da experiência das igrejas inclusivas. Outra intersecção importante que apresento nesse primeiro capítulo é a de família e religião, tema do segundo tópico, que evidencia os estudos sobre família no Brasil e a contribuição teórica acerca desses estudos, que norteiam essas duas esferas da vida social, sinalizando que a família é um *locus* privilegiado de socialização de valores e princípios religiosos. No terceiro item, abalizo as intersecções entre juventude e religião, assinalando para o caráter processual das transformações no estatuto da pessoa na juventude e a socialização desta a partir da sua religião. Por fim, traço um panorama sobre os estudos de igrejas inclusivas, para situar o leitor na discussão maior sobre a ideia de conciliação entre religiosidade e sexualidade, que a princípio parece ser contraditória, mas que na verdade se apresenta como importante dimensão da vida social. Os estudos sobre igrejas inclusivas nos mostram/provam que é possível a (com) vivência entre homossexualidade, lesbianidades, travestilidades, e transexualidades com as religiões evangélicas, com

protestantismo e, nos mostra também, como os dogmas das igrejas são sempre construções que partem de um momento histórico e cultural específico e com propósitos definidos. Não é algo dado, portanto, é passível de ser modificado, abrindo espaço para acolher diferentes pessoas.

Na terceira parte, “Do mergulho na vida: trajetórias e os processos de *se assumir* e *aceitação*”, apresento as trajetórias e vivências dos interlocutores, demonstrando como os processos de *se assumir* e *aceitação* ligam pessoas de um grupo religioso que buscam (re) significar sua identidade familiar, religiosa e sexual, partilhando de situações semelhantes. No primeiro item, trato das questões da família e dos processos de *se assumir* e *aceitação* e como a família tem relação direta e intrínseca com esses processos. A relação homossexualidade e igreja é tema do segundo item, que trata das normas prescritivas de relacionamentos e condutas adequadas para o “homossexual inclusivo” na IARI. Essas prescrições e normas implicam diretamente nas ambiguidades vividas pelos interlocutores. Contudo, veremos que elas fazem parte do processo de constituição dos indivíduos e que não são tão ambíguas assim. Preconceito e perseguição são temas do quarto item, que mostra como essas categorias são enfatizadas no discurso da IARI. O trânsito entre as igrejas é o tema do quinto item, que traz também um pequeno subitem sobre as funções exercidas dentro da IARI e os dons como importantes pontos que conferem valor e um lugar no mundo aos interlocutores.

Nas considerações finais enfatizo algumas questões fundamentais que se apresentaram durante todo o trabalho, sendo pontuadas as questões da família, da igreja, dos processos de *se assumir* e *aceitação*, bem como a constituição da pessoa através desses processos.

**PARTE I.
DO MÉTODO E DO
AFETO: O
TRABALHO DE
CAMPO
ETNOGRÁFICO**

The ethnographic encounter, like any encounter, however distorted in its immediacy or through time, never ends. It continually demands interpretation and accommodation. The ethnographic [...] is an attempt to put a full stop to an encounter that is necessarily disorienting.

Vincent Crapanzano (1985, p. 140)

1.1 A “entrada em campo”: afetos, negociações e o lugar da pesquisadora

Chegamos à IARI, eu e um colega que também faz pesquisa com a igreja, no fim da tarde de um domingo de abril. Àquela hora o sol já se punha. Procuramos em todas as salas do prédio empresarial que tínhamos como endereço da igreja e, como se tratava de um domingo e todas as salas estavam fechadas, pensamos que não havia chegado ninguém da igreja ainda. Ficamos conversando na calçada por um tempo e eis que surge do fundo do prédio um rapaz com um sorriso acolhedor e pergunta: *Vocês vieram pro culto?*⁶ Respondemos que sim e ele pediu que o acompanhássemos.

A sala ficava nos fundos, numa espécie de puxadinho do prédio empresarial. Ao entrarmos, Gabriel⁷, um dos membros mais antigos da IARI, se apresenta e logo diz que não irão ficar naquela sala por muito tempo: *Aqui é provisório, vamos pra um lugar melhor!* Em seguida, nos apresenta Marcos, seu namorado e diácono⁸ da igreja.

Enfileiradas em três séries horizontais de quatro cadeiras de plástico cinza, um pequeno púlpito em madeira, um teclado, um bebedouro e caixas de som, em uma sala de paredes claras. Vislumbramos o ambiente físico da igreja e logo nos sentamos na primeira fileira.

Enquanto aguardávamos o início do culto, Gabriel falou um pouco sobre as atividades da igreja: Estudo bíblico, culto e as células⁹. Ele reforça que, *apesar de todo mundo pensar que lá é uma boate, não é verdade. É uma igreja como outra qualquer, mas que não discrimina ninguém.*

⁶ Todas as falas dos interlocutores estão em itálico.

⁷ Todos os nomes dos colaboradores/interlocutores da pesquisa são fictícios.

⁸ *Área do diaconato, que é aquelas pessoas que ficam na porta da igreja, servindo o líder da igreja, que recebe oferta, recepcionam as pessoas.* (Resposta de um dos membros sobre o que era o diaconato na IARI)

⁹ Segundo Natividade (2010) as células constituem grupos não institucionalizados, caracterizados pela utilização de residências (ou espaços de sociabilidade) para cultos e reuniões. Elas estão associadas a estratégias de implantação ou expansão de uma denominação. Quando o grupo encontra-se em estágio mais avançado, contando com um espaço próprio para a realização de atividades, pode ganhar o *status* de missão, sendo reconhecido como formalmente vinculado à denominação de origem (NATIVIDADE, 2010, p. 118). Em Manaus, as células da IARI ocorrem em casas de membros ou espaços públicos como praças. Há algumas células em diferentes bairros da cidade.

Gabriel tenta preparar o som com louvores¹⁰, porque *o líder da igreja gosta de falar ao som de louvores*, mas a caixa de som está com defeito. Ele liga outra caixa de som e consegue tocar os louvores com seu celular ligado à caixa.

O líder chega logo em seguida, com seu kipá azul na cabeça. Ele nos cumprimenta: *É prazer recebê-los na IARI!* Àquela altura já havíamos conversado e ele estava ciente de minha posição em campo como pesquisadora.

Ele nos explica que será realizado um estudo bíblico sobre a homossexualidade na bíblia, mais especificamente estudos dos trechos que são usados por pastores de outras igrejas evangélicas tradicionais para atacar/condenar a homossexualidade.

Sentamos em roda, eu, meu colega, Gabriel, Marcos e o *líder da igreja*. Após o início do estudo chegou Miguel. Apresentamo-nos como estudantes em campo da Universidade Federal do Amazonas a todos da roda e explicamos nosso trabalho de pesquisa. Eles concordaram com nossa presença, mas não fizeram nenhum tipo de pergunta sobre o trabalho.

Logo em seguida, inicia-se o estudo bíblico. Marcos nos fornece uma bíblia para acompanharmos a leitura e participar dela.

O líder da igreja inicia com a leitura de Coríntios 10:23, que diz: *Todas as coisas são lícitas, mas nem todas me convém; todas são lícitas, mas nem todas me edificam*. O líder da igreja exemplifica perguntando: *É lícito beber?* E todos respondem: *Sim!* Ele rebate: *mas não me convém? É lícito fumar? É, mas não me edifica. Porque meu corpo é templo do senhor e eu não posso destruí-lo.*

Continua sua fala sobre *a igreja das mulheres que cobrem a cabeça* (Cristã do Brasil). Ele diz que: *em Coríntios 11:5 está escrito: toda a mulher, porém, que ora ou profetiza com a cabeça sem véu desonra a sua própria cabeça, porque é como se tivesse rapada*. O líder da igreja então comenta: *que isso está na lei, mas não para ser cumprido nos dias de hoje, porque na época as mulheres raspavam a cabeça para adorar deuses pagãos e isso não convém mais*.

¹⁰ Categoria êmica para se referir a chamada “música gospel”, que se caracteriza pela adoção de gêneros musicais populares de sucesso. “Trata-se de um movimento tributário da cena gospel norte-americano e implica, em linhas gerais, a utilização indistinta para a evangelização de sonoridades musicais ditas profanas, mundanas ou “seculares”. Na verdade, a intenção parece ser dupla: ao mesmo tempo em que se busca atingir o mundo não evangélico, se busca também renovar o interior deste universo religioso cristão tornando-o menos tradicional nas esferas da estética e do comportamento. Alguns chamam isso de “renovação”, embora essa palavra possa ser também utilizada para designar aquela revitalização “espiritual” das comunidades evangélicas que seria produzida por obra do Espírito Santo”. (JUNGLUT (2007, p. 147)

O líder se utiliza desses dois trechos bíblicos para fazer a ponte com o que ele vai falar depois sobre homossexualidade e a lei que está na bíblia, assinalando que *muitos dos trechos que estão na bíblia são leis para educar um povo pagão e que nem sempre convêm tais leis, porque as coisas mudam, o mundo muda*. Enfatiza ainda que: *cabe bom senso na hora de analisá-las e interpretá-las*.

Seguindo o estudo bíblico, passamos para os trechos que ele afirma que são usados por outras igrejas para condenar a homossexualidade.

O líder da igreja pede que leiamos um trecho cada um de nós. Ele pede ainda que eu comece em Levítico 18:22. E eu começo a ler o conhecido trecho: *Com homem não te deitaras, como se fosse mulher; é abominação*. O líder da igreja segue, como se continuasse a minha leitura e pergunta: *E se for de pé? É pecado? Não meus irmãos. De pé não é pecado, porque a bíblia diz deitado. É a brecha na lei!* Houve risadas e burburinhos, mas eu não sabia se ria ou não, meus lábios apenas entreabriram com um sorriso pálido e sem graça. Gabriel completa: *Sentado também não é pecado, nem em outras posições*. O líder da igreja complementa: *Ele diz deitarás, não diz ter relações sexuais, não diz transar, no vocabulário popular. Ele diz deitarás!*

Os estudos bíblicos seguem enfatizando outros trechos que não são destacados pelos mesmos que utilizam o Levítico 18:22 para atacar a homossexualidade. Continua falando de trechos, no mesmo livro de Levítico, que não são ressaltadas. Segue dando exemplos sobre comer animais e cortar o cabelo no mesmo Levítico, e castigos às crianças em Deuteronômio:

Não comereis coisa alguma com o sangue; não agourareis nem adivinhareis. Não cortareis o cabelo, arredondando os cantos da vossa cabeça, nem danificareis as extremidades da tua barba. (Levítico 19:26,27)
E dirão aos anciãos da cidade: Este nosso filho é rebelde e contumaz, não dá ouvidos à nossa voz; é um comilão e um beberrão.
Então todos os homens da sua cidade o apedrejarão, até que morra; e tirarás o mal do meio de ti, e todo o Israel ouvirá e temerá. (Deuteronômio 21:20,21)

Finaliza o estudo apontando que são leis situadas em um momento histórico em que se fazia necessário educar um povo pagão e que não cabem nos dias de hoje.

Nesse momento, ele fala sobre casamento. Dizendo que *não se deve manter relações antes do casamento. A vontade é grande, mas é preciso resistir*. Nesse instante ele interrompe, desliza a mão sobre a impecável camisa listrada e mesmo conhecendo todos os membros ali presentes, pergunta qual é a orientação sexual de cada um deles, inclusive a minha e de meu colega. Momento embaraçoso, que, apesar de toda a reflexão antropológica sobre a subjetividade em campo, ainda desafia-nos quando

lidamos com a exposição de nossa própria subjetividade e identidade diante daqueles que pretendemos manter certo distanciamento epistemológico e uma identidade “una” de pesquisadora. Mais tarde, eu viria descobrir que, na realidade, são as várias e instáveis identidades atribuídas e construídas que definiram as minhas complexas posições em campo.

No instante em que íamos responder, fez-se um silêncio absoluto na sala e todos nos olharam para saber a resposta. Senti que foi o momento que definiria ao que e quais informações teria acesso. Respondi que me atraía por pessoas. Eles relaxaram os músculos, soltaram a respiração e disseram: *Ah, então você bi!* Eu sorri um riso de Monalisa e não neguei, nem confirmei. Não precisava. Eles tinham certeza. E logo a atenção se voltou para meu colega.

Eles então aguardaram com a mesma apreensão a resposta do meu colega, que se embaraçou muito e não soube como responder. Eles logo disseram com a propriedade de extremos conhecedores da causa: *ele não sabe ainda!*

A pergunta sobre nossa sexualidade, aparentemente sem pretensões, na verdade foi uma das portas de entrada mais importantes em campo.

Esse primeiro contato efetivo com a IARI aproximou-me dos membros de maneira que pude acompanhar suas vidas para além dos muros da igreja. Por não raras vezes me surpreendi sendo chamada de irmã (no sentido de irmandade religiosa) ou de amiga e isso me fez (re) pensar por que eu estava sendo irmã ou amiga para eles, mas eles não para mim? A leve sensação de “traição” para com os meus interlocutores rondava minhas noites de sono. Por vezes pensei: será que eles fazem isso para “ganhar minha alma” para a igreja? Visto que em pesquisas sobre religião, determinadas correntes “se blindam” de estudos e a conversão da pesquisadora passa a ser o alvo do grupo¹¹. Por outras vezes pensei: deve ser o linguajar ou gírias do grupo, ser chamada de irmã ou amiga não deve ser algo que envolva algum sentimento de proximidade comigo. Essa teoria também caiu por terra tempos depois quando me vi sendo chamada para mediar briga de namorados que me consideravam uma amiga em comum ou quando me ligavam para falar sobre seus novos empregos, suas brigas em casa, suas roupas novas, suas aspirações para o futuro e uma infinidade de coisas sobre as quais eu também ligava para os meus amigos para contar. Desse modo, somos forçados a entender que estamos em campo em relação às pessoas que nos relacionamos e que essa

¹¹ Mais adiante exemplifico um caso que ocorreu em minhas primeiras “explorações” no campo da religião.

relação é dialética, o “que implica em uma sistemática reciprocidade cognitiva entre o (a) pesquisador (a) e os sujeitos pesquisados” (ROCHA & ECKERT, 2008, p. 4).

Desse modo, como evidencia Blackwood (1995), a experiência etnográfica é mais do que uma identificação de posicionalidade ou subjetividade, pois ocupamos várias posições e identidades que se transformam ao longo do tempo, forçando-nos constantemente a reconstruir o que somos em relação às pessoas que estudamos. Esses momentos de disjunções, em que nos encontramos desconfortáveis, apontam o caminho para a compreensão dessas transformações e as diferenças entre “nós” e os “outros”.

Percebendo que não representava somente uma “pesquisadora assexuada em campo” (GROSSI, 1998) me deixei afetar, nos termos de Favret-Saada (2005), pelo campo, pelos meus interlocutores e vivências junto com eles. A partir desse ponto, comecei a compreender melhor as questões trazidas pelo campo e meu lugar nele.

Por que a sexualidade pode ser algo que define os caminhos etnográficos? Por que teria acesso a falas, vivências, memórias, trajetórias por ter sido identificada como igual? E, por que o desejo de me distanciar? Por que o medo de “comprometer” a pesquisa sendo identificada como igual? Mais tarde eu viria a perceber isso, problematizar sobre a sexualidade no campo de pesquisa e qual o meu lugar enquanto pesquisadora e as múltiplas identidades nas quais me reconheceria e seria reconhecida mais tarde dentro de campo e na minha vida pessoal, se é que pode haver/fazer uma distinção clara e marcada entre pesquisadora e “resto de mim” no mundo. Assim:

Cada acontecimento está vinculado ao contexto social em que a ação humana é desenvolvida [...] Isto quer dizer que o (a) antropólogo (a) vivencia, seja na interação face a face, seja no ato de refletir sobre esta experiência, o momento de descoberta do Outro, mas onde o pesquisador faz sempre um retorno a si mesmo porque ele também se redescobre no Outro. O(a) antropólogo(a) reconhece, ao se relacionar na pesquisa de campo, uma diferença, uma separação de valor, um abismo entre valores que é definido desde a fundação da premissa de estranhar o Outro como de relativismo cultural. (ROCHA & ECKERT, 2008, p. 7).

Claramente podemos afirmar que o “lugar da pesquisadora” não é neutro de sentidos. O lugar da pesquisadora está diretamente relacionado com suas identidades, seu contexto social. Por essa razão que uma reflexão sobre subjetividades é interessante e necessária, na medida em que fala muito sobre o campo e sobre nossa disciplina de formação.

1.2 Reflexões sobre subjetividade e identidades no trabalho de campo

Ainda no primeiro encontro, quando os estudos terminaram, por volta das 21 horas, seguimos para o ponto de ônibus todos juntos. Enquanto esperávamos o ônibus, retomamos uma conversa sobre casamento interrompida durante o estudo bíblico daquela mesma noite. Todos falam do casamento como grande sonho a ser realizado, tendo a igreja inclusiva como incentivadora.

A conversa toma outro rumo assim que meu colega vai embora. Os rapazes voltam a especular sobre a sexualidade de meu colega. Os palpites dados pelos rapazes variavam entre: ele não se descobriu ainda e é assexuado. Pressionaram-me para que revelasse a sexualidade dele, mas eu insistia em dizer que não sabia. Os palpites, piadas e teorias sobre a sexualidade dele seguiram até que o ônibus chegasse.

Desse modo, a sexualidade das pessoas que chegam à igreja sempre é um dado importante, que permeia todas as conversas e direcionamentos do culto. Assim, este tópico trata de como é que a experiência subjetiva (em especial da sexualidade) aplicada no campo desafia a distância entre “nós” e “eles”.

Quando iniciei as pesquisas no campo religioso, procurei a Bola de Neve Church¹², por atrair o público jovem, do qual eu tenho interesses voltados à pesquisa. Estive em alguns dos cultos e conversei com o pastor e a pastora responsáveis pela igreja. As primeiras perguntas que me fizeram foi: *Você cristã? É ou já foi de qual igreja?* Respondi que não era de igreja nenhuma e que não tinha religião naquele momento. Da mesma forma que na IARI, senti que aquilo nortearia uma possível pesquisa com a igreja.

Daí em diante todas as falas giravam em torno de: *Deus que te mandou aqui! Ele tem um propósito para sua vida!* Toda e qualquer tentativa de saber sobre a juventude, sobre o funcionamento da igreja e outros assuntos, era rechaçada de imediato na

¹² Igreja neopentecostal, fundada oficialmente em 1999, em São Paulo, por Rinaldo Luiz de Seixas Pereira, conhecido como apóstolo Rina (Ap. Rina). Utiliza-se de linguagem coloquial em seus cultos. “A Bola de Neve Church atrai um público jovem, conectado à internet que, aliás, é o meio de comunicação mais utilizado pela igreja, com layouts que dialogam com jovens. Público urbano formado por atletas, surfistas, skatistas, entre outros. Boa parte de classe média”, segundo Maranhão Filho (2013).

tentativa de realizar minha conversão. Notando que seria quase impossível uma entrada para pesquisa com Bola de Neve Church sem “me converter”, decidi procurar a IARI.

Apondo essas duas experiências comparativamente para evidenciar meu lugar no campo em cada um das “entradas” e como meu “lugar no mundo” e subjetividades determinaram os caminhos da pesquisa e a abertura maior ou menor que me foi dada. Enquanto a IARI enfatizou minha sexualidade como dado importante para que “pudesse estar em campo”, a Bola de Neve enfatizou minha religiosidade ou religião como ponto fundamental de entrada e acesso à informação. Optei pela segunda.

Notei que a resposta sobre minha sexualidade na IARI fez com que eles criassem certa empatia imediata, o que me permitiu acessar informações e seus mundos particulares. Nesse sentido, é a partir da minha subjetividade exposta no e para o campo que obtive “passe” e pude dialogar. Assim, utilizo-me da reflexão de Fátima Weiss (2013) para demonstrar como é fundamental a subjetividade da pesquisadora em campo, sem, contudo, afetar uma reflexividade profunda na pesquisa de campo:

Foi somente através dessa comunicação ética entre subjetividades (objetivadas, é bem verdade) que pude, como antropóloga, ser também levada a sério por aqueles com os quais pesquisei. E isso, longe de tornar a pesquisa antropológica menos refletida (ou reflexiva) do ponto de vista ético, teórico e metodológico, pode tornar-se fundamental para a reflexão das condições de construção do próprio conhecimento. (WEISS, 2013, p. 302)

Desse modo, a sexualidade figurou como um passe para o acesso ao campo e, na medida em que ia “me deixando afetar”, pude compreender um pouco melhor as trajetórias, subjetividades e conflitos dos meus interlocutores e a complexidade do campo.

O pressuposto nesta ocasião, portanto, trata de colocar a subjetividade da antropóloga na relação com os interlocutores como central na construção dessa etnografia, nos rumos que ela tomou e como é importante discussão antropológica sobre o “o lugar da pesquisadora” em campo. Luiz Eduardo Soares (1989) relata sua experiência com o Daime e como foi fundamental para pesquisa ter vomitado junto com seus interlocutores, ou seja, ele partilhou de algo em comum para acessar um “mundo que não era seu”. É a isso que me refiro ao postular minha sexualidade e subjetividade como promotora do encontro com o outro.

Miriam Grossi (1992), ao comentar experiências subjetivas de antropólogas em campo, relembra que para encontrar o outro é preciso encontrar a si mesmo. Acrescento o vice-versa à ideia da autora. A relação engendra o encontro de si e do outro.

Evelyn Blackwood (1995), fazendo uma reflexão sobre a identidade e subjetividade no trabalho de campo¹³, aponta como os conflitos de múltiplas identidades podem conduzir a novos significados e entendimentos mais profundos de diferenças e semelhanças entre o “outro” e “nós” e como podemos usar nossa experiência subjetiva como uma ponte para desafiar a distância entre “nós” e “eles” inscrita no trabalho de campo etnográfico.

Esse desafio de entender o campo na relação com o outro e de manter um distanciamento ou não é sempre um dilema, pois a pesquisadora sempre está dentro e fora. É insider e outsider ao mesmo tempo. Insider porque partilha de algumas identidades, o que me aproxima dos conflitos e ambiguidades, e outsider por não partilhar do mesmo *ethos* religioso e familiar e, principalmente, por estar na posição de pesquisadora, ou seja, racionalizando atitudes, falas, gestos, histórias, trajetórias, até subjetividades.

De todo modo, o ponto central dessa discussão e base norteadora deste trabalho é de não marcar uma diferença entre “nós” e “eles” que seja exotizante, mas discutir a construção do conhecimento sobre o grupo social estudado junto com eles. Assim, destaco que “a experiência etnográfica é sobre experimentar a si mesmo no outro, de saber que somos todos diferentes, mas reconhecendo as ligações entre nós, em vez de ratificar a diferença para fazer do outro exótico ou inferior. Encontrar um terreno comum através da nossa experiência subjetiva é a base a partir da qual se pode construir o entendimento e conhecimento...” (BLACKWOOD, 1995. p. 72. Tradução livre).

Em meio a esse emaranhado de teorias sobre o que fazer com a subjetividade e identidade em campo, resolvi então ponderar, me deixar afetar, mas procurando reconhecer minhas posições, identidades partilhadas e usar isso como “fonte” reveladora de conhecimento no trabalho de campo etnográfico. Evoco, como sinopse das reflexões sobre subjetividade, o trecho do famoso texto de Jeanne Favret-Saada (2005):

Como se vê, quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível (FAVRET-SAADA, 2005 p. 160).

¹³ Pesquisa sobre identidade de gênero de lésbicas na aldeia muçulmana Minangkabau, na Indonésia.

Assim, deixar-se afetar e se colocar em campo como sujeito dotado de subjetividade não significa tornar o trabalho “menos científico”, mas sim acessar mundos e lugares fundamentais para a construção do conhecimento, para o entendimento do grupo social estudado e para o rompimento de uma suposta superioridade intelectual do (a) pesquisador (a) sobre o grupo.

1.30 recorte e as questões norteadoras

A sexualidade apresentou-se como grande porta de entrada para o campo. Não aleatoriamente, ela apareceu também como uma das grandes questões que move a IARI, uma questão-chave, observada nas conversas, cultos, estudos bíblicos e encontros informais. Desse modo, não poderia ser algo que ficasse fora de uma reflexão mais apurada e contundente neste trabalho.

O recorte dado à sexualidade, através dos processos de *se assumir* e *aceitação*, que explanarei mais adiante, faz parte de um mosaico importante para compreensão da IARI, enquanto um grupo social que partilha de uma identidade.

Exercer simultaneamente sua sexualidade e sua religiosidade evangélica foi uma hipótese que surgiu logo de início na pesquisa e, mais tarde, compreendi que a família e a *aceitação* da homossexualidade entrariam como pontos que ocupariam lugar central no processo de *se assumir* e na religiosidade exercida pelos meus interlocutores. Dessa forma, foi mais o campo que trouxe as questões para o trabalho, do que o contrário, pois de início pensava em fazer algo mais relacionado a estudos de religião, mas o campo me trouxe essas questões como abalizadoras de relações.

Para compor o quadro teórico deste trabalho privilegiei estudos que trouxessem as intersecções entre temas: sexualidade e religião; família e religião; e sexualidade e religião. Realizei um pequeno histórico de estudos sobre sexualidade, estudos sobre religião e estudos sobre família para, posteriormente, introduzir os temas interseccionados. Elaborei um tópico sobre a categoria juventude, que, em campo, vislumbrei como importante para pensar os processos de *se assumir* e *aceitação*. Realizei também um pequeno panorama dos trabalhos sobre igrejas inclusivas para situar o leitor nas discussões acerca do fenômeno que as determinam.

O quadro teórico que norteou a pesquisa vai sendo apresentado ao longo de todo o trabalho, desde textos de autorreflexão antropológica sobre o campo e metodologia até as teorias fundamentais que dão o suporte teórico-conceitual. Nesse primeiro momento, como pode ser observado, fiz uso de bibliografias que fazem uma ponderação sobre o próprio estar e o estatuto da antropóloga em campo e um pouco sobre a metodologia utilizada.

A composição desse quadro teórico é feita por bibliografias que versam sobre sexualidades e suas intersecções com família, religião e juventude. Busquei também um aporte teórico mais específico, como os trabalhos que versam sobre a homossexualidade e as igrejas inclusivas. Estudos que explicitam o acolhimento de pessoas LGBT por grupos religiosos. Pesquisas como os de Marcelo Natividade (2006, 2008) e Fátima Weiss de Jesus (2010) constarão como uma importante contribuição, visto que se configuram como precursores na temática, fornecendo, portanto, as bases para a dissertação proposta. Destaco também, nessa temática, o trabalho de Karina Barajas (2015) sobre diversidade sexual, campo religioso e político no México, trazendo um panorama histórico de oito igrejas inclusivas de Guadalajara, as quais a autora denomina “iglesias para la diversidad sexual”, além de trazer uma perspectiva comparada com igrejas inclusivas brasileiras.

Neste trabalho também serão utilizadas as teses de André Musskopf (2008) e Murilo Araújo (2014) com questões concernentes à constituição identitária. Outros trabalhos recentes, que revelam experiências de inclusivas em alguns estados brasileiros, como é o caso do trabalho de Carlos Lacerda Coelho Junior (2014) sobre o processo de formação da Igreja Missionária Inclusiva (IMI), em Alagoas, e Raquel Moreira de Souza (2013), com a Igreja Comunidade Athos de Brasília. Thiago Bonfim dos Santos (2013) analisa, por meio de relatos jornalísticos, sermões, entrevistas e por sua própria experiência como ex-evangélico, as comunidades neopentecostais urbanas que se autodenominam “inclusivas”, também em São Paulo. Ainda no nordeste, apresento o trabalho de Carlos Chagas Vilela Lima (2013), que, em sua dissertação de mestrado, analisa os discursos produzidos pela Comunidade Cristã Nova Esperança, em Natal.

Assim, busquei remontar o caminho dos estudos sobre igrejas inclusivas no Brasil para traçar um pequeno panorama sobre esses estudos e situar o presente trabalho nesse campo, visto que a experiência da inclusiva em Manaus se situa no campo mais abrangente desse fenômeno.

Pesquisas que cruzam o tema da juventude com a sexualidade e a religião certamente nos forneceram também suporte teórico. Trabalhos como os de Elias Evangelista Gomes (2010) e Regina Novaes (2012), cujo objeto é a socialização da juventude entre grupos evangélicos e outros grupos religiosos, subsidiarão as experiências empíricas da juventude da IARI.

No campo que aborda as experiências de gays, lésbicas e suas famílias, destaco o trabalho de Leandro Oliveira (2013). Estudo que traz a contribuição das questões que envolvem família, os processos de *se assumir* e a *aceitação*.

Destaco também os trabalhos de Luiz Fernando Dias do Duarte (2006), que, de um ponto de vista mais amplo, apresenta as relações entre “as duas dimensões da vida social contemporânea: família e religião”, como o autor mesmo explicita. Elenco ainda Edlaine de Campos Gomes (2006 e 2009), na mesma temática da família e religião, apresentando questões acerca das trajetórias individuais e das subjetivações, valiosas para sustentar alguns pontos dessa pesquisa, que buscam olhar também para os processos de subjetivação dos membros da IARI. Cynthia Sarti (2011) nos revela que mesmo, em face ao aspecto individualista de nossa sociedade moderna, ainda é frequente em grupos sociais populares a solidariedade e uma sociabilidade intensa. De modo bastante contundente, enfatizo também os trabalhos de Maria Luiza Heilborn (et al., 2005) apontando as múltiplas dimensões de família, sexualidade e *ethos* religioso. Claudia Fonseca (1987 e 2004) traz uma perspectiva das relações conjugais e laços de afinidade e consanguinidade. Tânia Salem (1985), Elisabete Dória Bilac (2003), Tânia Dauster (1986) Mariza Correa (1982) e Sérvulo Figueira (1987) trazem as dimensões históricas da categoria família e dos estudos sobre família, apontando um importante panorama sobre esses estudos.

A abordagem sobre sexualidade como categoria social e histórica é de suma importância para pensar aspectos da vida social e também constará como um dos itens para análise dos dados. Desta forma, trabalhos como os de Richard Miskolci e Júlio Simões (2007), e diversos de Miriam Grossi (1998, 2006), servirão como apoio para recuperar e fazer um apanhado geral dos estudos sobre sexualidade, que é uma das bases norteadoras do presente trabalho. Adriana Piscitelli, Maria Filomena Gregori e Sergio Carrara (2004) trazem a este trabalho um resgate dos estudos sobre sexualidade, a partir de Carole Vance e Gayle Rubin, demonstrando a desnaturalização da sexualidade. A coletânea organizada por Emerson Giumbelli (2005) aparece aqui com a questão geral das discussões sobre religião e sexualidade, trazendo falas de diversos

autores no sentido de resgatar e expor visões diferentes sobre sexualidade e religião, que contribuem para transformações de valores religiosos e laicos. Heilborn (1996) reaparece novamente na discussão sobre sexualidade feita neste trabalho apresentando os dilemas da construção da identidade social de homossexuais. Miguel Vale de Almeida (2003) e Heilborn (1999) apresentam, também, a construção da sexualidade como objeto de estudo das ciências sociais. Julio Simões e Sergio Carrara (2014) apontam um pouco da questão da superioridade da homossexualidade como a principal categoria, que “incluiria menções a sujeitos designados como “homossexuais”, o que invariavelmente se refere apenas a homens ou “homossexuais masculinos” (temos apenas duas menções à ‘homossexualidade feminina’), ‘homoeróticos’ e ‘homoafetivos’”. (SIMÕES & CARRARA, 2014). Pretendo neste ponto abordar um pouco de como essa categoria aparece fortemente marcada por uma superioridade em oposição a categorias de gays, gays efeminados, lésbicas, travestis e transexuais. Valéria Busin (2011) contribui também com esta pesquisa elencando algumas questões relacionadas à moral sexual católica, à família e ao *ethos* privado (HEILBORN, 2005 e DUARTE, 2006).

1.4 A metodologia ou sobre como se deu a coleta de dados

O caminho pelo qual decidi realizar a pesquisa foi a observação participante e descrição do fenômeno estudado, através da participação nos cultos e estudos bíblicos da IARI, bem como em atividades externas realizadas por seus membros. Acrescento ainda as redes sociais (*Facebook* e *WhatsApp*) como importante espaço de interlocução com os colaboradores dessa pesquisa. Hoje, a produção de escritas etnográficas com textualidades digitais vem ganhando cada vez mais espaço na antropologia, como apontam as autoras Eckert e Rocha (2008):

Uma antropologia do cyberspace ou no cyberspace é hoje uma das formas possíveis de expressão do trabalho de campo em Antropologia através do uso do método etnográfico clássico em ambientes virtuais, o que tem gerado uma reflexão cada vez maior em torno do processo de desterritorialização da representação etnográfica e a desmaterialização do texto etnográfico no

âmbito das ciências sociais. O processo de desencaixe espaço-tempo que as novas tecnologias da informática têm proposto para os lugares da memória no corpo da sociedade contemporânea, ao configurar as relações entre homem e cosmos em redes mundiais de comunicação, tem provocado, nas ciências humanas, a necessidade de se aprofundarem novas formas de entendimento das estruturas espaços-temporais que conformam a magia dos mundos virtuais. (ROCHA & ECKERT, 2008, p. 18).

Desse modo, foi fundamental o uso do ciberespaço como “campo” de pesquisa. Nele deslocaram-se, como elucidado pelas autoras, as noções de espaço-tempo, as formas de linguagem e comunicação. Tudo isso se configurou como uma novidade para realização do trabalho de campo e a consciência desse novo espaço custou algum tempo de adaptação, mas que no fim, me rendeu bons frutos.

Outro ponto essencial que merece uma breve explanação por se tratar de método tradicional da antropologia, do qual eu fiz uso, porém com adaptações próprias para o campo estudado, é a observação participante. Ressalto que a observação participante feita para este trabalho se deu no cotidiano, acompanhando meus interlocutores pelos encontros semanais e redes sociais da internet.

Posso dizer que a observação participante não é uma técnica puramente codificável, porque é quase que artesanal, não há uma receita pronta. A dificuldade resulta da posição do observador num espaço determinado, com uma perspectiva limitada, tendo um determinado estatuto no sistema e sendo ele próprio nó de interações (RIVIÈRE, 2011). O observador, contudo, é parte integrante do objeto de estudo, mas é necessário distinguir aquele que observa daquele que é observado, sem dissociá-lo. Nunca observamos os comportamentos de um grupo tais como eles se dariam se não estivéssemos lá, obviamente, pois perturbamos uma determinada situação, até criamos uma nova devido a nossa presença e, muitas vezes, também somos perturbados por essa situação. Contudo, o que vivemos com nossos interlocutores é parte integrante da pesquisa e é essencial que apareça como algo que determinou de certa forma nossos caminhos no campo.

Assim, uma verdadeira antropologia deve sempre colocar o problema das motivações extracientíficas do observador e da natureza da interação em jogo. Pois a antropologia é também ciência dos observadores capazes de observarem a si próprios, e visando a que uma situação de interação (sempre particular) se torne o mais consciente possível. (LAPLANTINE, 2012)

Ainda sobre observação participante, gostaria de ressaltar sua natureza de intervenção. Por mais que busquemos nos manter “neutros”, sempre estaremos lá, nossa presença por si só já modifica o ambiente. “Se antes o ato de participar que configurava a técnica da observação participante não trazia consigo o engajamento do (a)

antropólogo (a) nas mudanças das formas de ser da cultura nativa, hoje, o método etnográfico não pode ignorar que o próprio trabalho de campo do(a) antropólogo(a) provoca nela intervenções, a ponto de ser um fator de transformação da cultura do “nativo””. (ROCHA & ECKERT, 2008, p. 20).

Durante o processo de constituição da pesquisa e da escrita a certeza é que nunca se consegue prever todas as etapas, a tensão é sempre grande e torna-se fundamental saber que sempre o conhecimento é parcial e limitado. Por essa razão, aceito o convite de Howard Becker (2008), que sugere um mergulho em nossas certezas, abandonando as “verdades” e juízos prontos, pois atender o chamado de nos entregarmos ao campo para verificar, a todo o momento, avanços e retrocessos da pesquisa, parece-me o mais sensato a fazer.

Efetivamente, os momentos metodológicos da pesquisa foram divididos em: 1) revisar a bibliografia sobre o tema escolhido para pesquisa e os temas tangenciais a ele. 2) simultaneamente ao primeiro, realizar a pesquisa de campo junto aos interlocutores da IARI, munida do olhar de nossa disciplina de formação, porque nas palavras de Roberto Cardoso de Oliveira (2006), na domesticação teórica do olhar do pesquisador é que enxergamos o objeto de nosso estudo. E, finalmente, 3) A escrita, que se configura como um “produto final”, no qual se revela as articulações dos dois primeiros momentos da pesquisa: tensões, ambiguidades e indeterminações próprias do sistema de relações que se configuram no campo. (CRAPANZANO, 1977)

Assim, os três “momentos” da pesquisa: o olhar, o ouvir e o escrever, que estão presentes nas ciências sociais e adquirem um sistema de ideias e valores próprios na antropologia (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006), foram a base norteadora deste trabalho.

Não obstante, aceito a sugestão de Crapanzano (1977) ao propor o diálogo, observando sempre a sua natureza intertextual e buscando articular a vida das pessoas e o contexto cultural. Nesse sentido, pretendo evidenciar os tensionamentos vividos pelos membros da IARI, no processo de *se assumir*, a partir de suas vivências relatadas e vistas e do contexto cultural do qual essas pessoas fazem parte.

Entendo a dificuldade de articular todas essas propostas em campo. Sabemos que na experiência real, como nos informa Clifford (1998), raramente sobrevive o ideal. Contudo, a matriz exemplar que segui foi na perspectiva de experimentar, dialogar, praticar o exercício etnográfico. Como nos informa Crapanzano (1985), o encontro etnográfico é um exercício contínuo, sempre desorientador. Ele nunca acaba.

Na prática, participei dos cultos realizados na IARI, com autorização do líder da igreja, bem como dos demais membros frequentes¹⁴. A partir desses cultos, desenvolvi meu diário de campo. Participei de células da igreja, o que me forneceu dados valiosos para análise, bem como uma proximidade maior com meus interlocutores, por ser uma reunião mais intimista, um espaço em que as pessoas sentiam-se mais à vontade para falar e contar suas histórias e trajetórias.

A metodologia de pesquisa desse trabalho faz parte desse primeiro capítulo e ao longo do texto se perceberá o quão importante e influente foi para realização do campo. Considero-o não como item apartado, mas como uma postura que permeia toda a pesquisa, inclusive influenciando diretamente o caminho pelo qual ela percorreu até a escrita final.

Para finalizar este tópico, gostaria de ressaltar que o recorte dado a princípio pode parecer de grande fôlego e, realmente, se fosse tratar dos temas que aparecem aqui (família, religião, juventude e sexualidade) seria exaustivamente trabalhado, mas deixo claro, que não é esse o caso. Aqui trato dessas categorias interseccionadas entre si e para demonstrar como elas operam no grupo social estudado e quão são fundamentais para compreensão dos processos de *se assumir* e *aceitação* no contexto específico da IARI e seus membros.

Deste trabalho, busco apontar algumas questões, dentre elas: Como se dão os processos de *se assumir* e *aceitação* da família sobre a homossexualidade de jovens oriundos de famílias evangélicas? Como as categorias de família, sexualidade, religião e juventude ajudam a pensar a IARI e os processos de *se assumir* de seus membros? Onde a IARI está inserida no campo das inclusivas? Outras questões que permearam a pesquisa serão discutidas ao longo do trabalho.

¹⁴Durante a pesquisa encontrei muitos outros frequentadores da IARI, contudo os 14 interlocutores dessa pesquisa, eram os considerados assíduos e comprometidos com a igreja.

1.4.1. Perfis dos interlocutores

Nomes*	Moisés	Humberto	João	Mateus	Fernando	David	Mário	Gabriel	Marcos	Rafael	Miguel	Pedro	Felipe	José
Perfil														
Escolaridade	Superior completo	Ensino médio	Ensino médio	Cursando ensino médio	Ensino médio	Superior incompl.	Cursando ensino médio	Super. incompl.	Superior incompl.	Ensino médio incompl.	Super. Compl.	Ensino médio completo	Cursando Ensino médio	Cursando ensino médio
Idade	24 anos	22 anos	43 anos	16 anos	19 anos	26 anos	17 anos	21 anos	21 anos	20 anos	25 anos	25 anos	21 anos	16 anos
Naturalidade	Pará	Amazonas	Roraima	Pará	Amazonas	Amazonas	Amazonas	Amazonas	Amazonas	Amazonas	Amazonas	Amazonas	Amazonas	Amazonas
Idade que “se assumiu”	19 anos	14 anos	Depois dos 30	12 anos	14 anos	19 anos	Ainda não “se assumiu” para a família.	13 anos	20 anos	17 anos	16 anos	17 anos	15 anos	Ainda não “se assumiu” para família
Trabalho	Func. público	Estuda	Guarda em empr. privada	Estuda	Cabeleir.	Bicos constr. civil, venda de cosmético e estuda.	Estuda	Estuda	Estuda e ajuda o pai em empresa familiar	Cabeleir.	Estuda	Estuda	Estuda	Estuda e dança
Com quem reside	Pais (quarto separado)	Pais	Sozinho	Irmã	Transita entre casa dos pais e casa do namorado	Transita entre casa dos pais e casa do namorado	Pais	Pais	Pais	Sozinho	Sozinho	Pais	Pais	Pais
Zona da cidade que	Zona leste	Zona leste	Zona leste	Zona Oeste	Zona leste	Zona leste	Zona leste	Zona norte	Zona leste	Zona leste	Zona leste	Zona leste	Zona leste	Zona centro-oeste

reside														
Status do relacionamento**	Noivo	Namor.	Esperando em Deus	Noivo	Namor.	Namor.	Solteiro	Namor.	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteiro
Orientação sexual	Homo.	Homo.	Homo.	Homo.	Homo.	Homo.	Homo.	Homo.	Homo.	Homo.	Homo.	Homo.	Homo.	Homo.
Identidade de gênero	Masc.	Masc.	Masc.	Masc.	Masc.	Masc.	Masc.	Masc.	Masc.	Masc.	Masc.	Masc.	Masc.	Masc.
Igreja de origem	Igreja do Evangelho quadrangular	Deus é amor	Assem. de Deus	Filadélfia	Universal	Igreja do Evangelho quadrangular	Assembleia de Deus	Batista	Assembleia de Deus	Congreg. Cristã do Brasil	Não informada	Assembleia de Deus-Madureira	Renascer	Adventista

* Nomes fictícios

** Linguagem da rede social, mais apropriada do que estado civil. Categoriaêmica.

O perfil dos interlocutores diz muito a respeito da IARI e de como este texto será conduzido, as escolhas das categorias teóricas e os autores com os quais dialoguei são pautados pelo perfil e pelos dados acessados em campo.

Os interlocutores são todos membros da IARI. Os 14 interlocutores foram escolhidos (ou escolheram-me) porque tive maior contato com eles, por apresentarem frequência assídua nos cultos, células e participarem ativamente do grupo do *WhatsApp*. São também exemplares no que se refere ao perfil dos membros da IARI, pois nenhum outro que conheci se encaixa fora desse perfil.

Todos são homens cisgênero¹⁵, com identidade de gênero masculina e orientação sexual homossexual. As idades variam entre 15 e 26 anos (apenas um dos participantes tem 43 anos) com escolaridade entre ensino médio incompleto e superior completo. A maioria mora com os pais e ajuda em casa ou nas atividades da igreja em que a família congrega.

A faixa etária predominante e as vivências deles evidenciam a juventude como categoria importante para análise, pois permitiu perceber negociações intergeracionais, a construção da identidade, da sexualidade e o desempenho de diferentes papéis sociais a que estão submetidas a juventude, enquanto “fase da vida”, permeada por descobertas, conflitos e tensões sociais. A partir da categoria juventude, os processos *se assumir*, analisados aqui, ficaram mais evidentes.

A homossexualidade e a religião de origem apontaram para uma normatividade e um conservadorismo eminente. Todos são de família evangélica. Prezando por um discurso e práticas normativas, revelaram que o grau de *aceitação* da homossexualidade do filho por parte da família é elevado caso se mantenham numa homossexualidade santificada (NATIVIDADE, 2010), em que masculino é valorizado.

São solteiros, na maioria, outros namoram ou estão noivos. Todos oriundos de igreja evangélicas pentecostais ou neopentecostais.

Todos são oriundos da região norte do país e têm a visão de que no eixo Rio – São Paulo e parte do sul do país as igrejas inclusivas são mais “desenvolvidas”, melhor aceitas e menos perseguidas que a IARI.

A maioria mora na zona leste da cidade de Manaus. Região que, juntamente com a zona norte, é apontada como a “região de crescimento” da cidade, consolidando-se

¹⁵Conceito “guarda-chuva” que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento. (JESUS, 2012). Termo usado pela militância. Utilizo aqui para dizer que não estou falando de homens transexuais, bem como não há nenhum homem trans dentre os interlocutores dessa pesquisa.

também como área onde os problemas causados pela desorganização da ocupação do solo urbano do município contribuíram decisivamente para o aumento da segregação econômica, social, cultural e espacial da maioria da população. De igual modo, se alinha às características marcantes das áreas urbanas brasileiras, especialmente aquelas que passaram ou passam por fases de acelerado crescimento como Manaus¹⁶.

Nos cultos e reuniões da célula nunca presenciei familiar de nenhum membro da IARI. Muitos ainda não contaram para suas famílias que frequentam a igreja ou elas sabem, mas não comparecem e nem falam sobre o assunto. Gostaria de ter tido acesso à família dos meus interlocutores, mas não foi possível, ainda devido ao tensionamento que existe entre eles e a família, além dos pais muitas vezes não estarem dispostos a falar sobre o assunto da homossexualidade de seus filhos e de estarem frequentando uma igreja inclusiva. As análises sobre família e os processos de *se assumir* e *aceitação* constantes neste trabalho são baseados nos relatos dos interlocutores.

Desse modo, após exame do perfil e das trajetórias dos interlocutores, pude traçar algumas linhas norteadoras para conduzir os apontamentos aqui presentes. A primeira dessas linhas foi família, enquanto categoria fundamental para entender os processos de *se assumir* e *aceitação*, bem como juventude. A religião e a sexualidade, como segunda linha, que se revelaram produtoras de valores, comportamentos e subjetividades, assim como a sexualidade.

¹⁶ Informações do Anuário Estatístico da Segurança Pública 2012 / Secretaria de Segurança Pública do Estado do Amazonas – SSP/AM; Comissão de Análise da Criminalidade. - n.1(jan./dez. 2012). Amazonas: Editora UEA, 2013 e do site do IBGE.

PARTE II.
DAS CATEGORIAS NORTEADORAS:
FAMÍLIA, SEXUALIDADE, RELIGIÃO
E JUVENTUDE

A antropologia social, por sua vez, começa destacando a coesão das instituições, o caráter integrativo da família, da moral, e, sobretudo, da religião.

Laplatine (2012, p. 115)

2.1 Religiões cristãs e sexualidades

Como parte do campo de estudos de gênero, a sexualidade é entendida aqui como uma dimensão da experiência humana na qual se estabelecem relações de poder (SCOTT, 1990; VANCE, 1995). É vivida socialmente e o modo como a sexualidade é sentida passa por variações determinadas pela história e grupo social a que cada indivíduo pertence.

A sexualidade não pode ser compreendida em termos puramente biológicos. Nesse sentido, Rubin (1998) explica que:

(...) a sexualidade humana não pode ser compreendida em termos puramente biológicos. Organismos humanos com cérebros humanos são necessários para culturas humanas, mas nenhum exame do corpo ou de suas partes pode explicar a natureza e variedade dos sistemas sociais humanos. [...] O corpo, o cérebro, a genitália e a capacidade de linguagem são todos necessários para a sexualidade humana. Mas eles não determinam seu conteúdo, suas experiências, ou suas formas institucionais. Além disso, nunca nos deparamos com um corpo sem as mediações que as culturas lhe acrescentam (RUBIN, 1998, p. 106. Tradução livre).

Nas últimas décadas observamos mudanças emblemáticas no modo como a sexualidade é pensada e vivida. O surgimento de movimentos feministas e pelos direitos de pessoas LGBT, o advento da pílula anticoncepcional, a emergência da epidemia do HIV/AIDS e o desenvolvimento de tecnologias de reprodução assistida promoveram inúmeras transformações (FACHINI, 2005, p. 154) Esse conjunto de transformações colocou a sexualidade em pauta, nas políticas públicas, na mídia, transformando essa dimensão da vida social, antes pensada somente como da ordem do privado, em pública e política.

As questões relativas à sexualidade geralmente são abordadas levando em consideração a sua potencialidade reprodutiva, reafirmando a norma que remete, tanto à reprodução da espécie quanto dos valores dominantes. Desse modo, as diversas possibilidades que não atualizam esse modelo – homoerotismo, autoerotismo, reprodução independente e fora do casal heterossexual, o celibato, as condutas sexuais de pessoas trans, assim como o resultado das uniões consideradas “precoces”, como o caso da “gravidez na adolescência” (HEILBORN e equipe GRAVAD, 2005) são ignoradas, silenciadas, marginalizadas ou consideradas como “problemas” a serem enfrentados.

Como apontado ainda por Heilborn e Duarte (2005), investigar sexualidade necessariamente pressupõe levar em consideração gênero, construção da identidade e de papéis sociais, especialmente em um período de vida de socialização em sexualidade.

Nesse sentido, a homossexualidade como construção de identidade, na IARI, surge muito marcadamente perpassada pela religião, e também por isso é composta por uma homossexualidade como categoria que se sobressai em relação a outras sexualidades. Homossexualidade aparece aqui como categoria fortemente marcada por uma superioridade (moral, social, espiritual) em oposição a categorias como gays, efeminados, lésbicas, travestis e transexuais. Como apontado por Julio Simões e Sergio Carrara (2014), a superioridade da homossexualidade como a principal categoria “incluía menções a sujeitos designados como “homossexuais”, o que invariavelmente se refere apenas a homens ou “homossexuais masculinos”” (SIMÕES & CARRARA, 2014).

Desse modo, é apropriado apontar que, de uma forma geral, pode-se dizer que as religiões impõem uma regulação à sexualidade. Para Fátima Weiss de Jesus (2012), a religião é produto e produtora de representações e dispositivos [...] reguladores das sexualidades. Da mesma forma, as religiões também legitimam e constroem determinadas concepções de “masculinos” e “femininos”, que funcionam como normativas para seus membr@s (WEISS, 2012, p. 33).

Decorre disso que há uma dificuldade na aceitação da diversidade sexual¹⁷ em maior ou menor grau por parte das religiões cristãs tradicionais, que “demonstram algum nível de rejeição ou preconceito, definindo valores morais e impondo o que é aceitável em termos de sexualidade, pois permeia todas as relações e modela subjetividades” (BUSIN, 2011, p. 109). E, como aponta Weiss, “a onipresença de Deus – mecanismo acionado nas igrejas tradicionais para reforçar um Deus que tudo vê e que, portanto, vigia e condena as pessoas, constrói uma noção de pecado como estruturante daquilo que é segredo” (WEISS, 2013, p. 106).

¹⁷ Entendendo aqui diversidade sexual como “as múltiplas práticas, expressões e identidades construídas a partir das variantes “sexo-gênero-sexualidade” e suas inter-relações, comumente utilizadas nos estudos *queer* como categorias de análise para questionar perspectivas naturalistas e essencialistas que conferem um *continuum* entre distintos aspectos da materialidade dos corpos em relação”. (MUSSKOPF, 2014, p. 184)

Nesse mesmo sentido, Natividade (2005) assinala que estes dois domínios da vida social – experiência religiosa¹⁸ e sexualidade – fazem parte do processo de construção de si dos indivíduos. Para o autor;

Sexualidade e experiência religiosa são domínios que modelam a subjetividade dos sujeitos, conduzindo a distintas formas de percepção e de vivência do mundo e das relações sociais, que são continuamente reelaboradas no fluxo da experiência social. Assim, nas interações face a face e na inserção em determinados contextos, os sujeitos encontram um certo campo de possibilidades para a construção de si. Tanto as experiências relativas à sexualidade como as vivenciadas no âmbito religioso fornecem, em diferentes momentos da vida, mapas culturais que orientam a vida dos sujeitos. (NATIVIDADE, 2005, p. 248)

A sexualidade é entendida aqui como aquilo que se refere ao dado sexual, que se define pelas práticas erótico-sexuais nas quais as pessoas se envolvem, bem como pelo desejo e atração que leva a sua expressão (ou não) através de determinadas práticas. Esse dado também é chamado por alguns/as de “orientação sexual”, e comumente classifica as pessoas em “heterossexuais”, “homossexuais” e “bissexuais”. (MUSSKOPF, 2008, p. 1)

Desse modo, religiosidades cristãs e sexualidades não heterossexuais são duas categorias que se apresentam historicamente em oposição, constituindo-se em verdadeiros “campos de batalhas” nas subjetividades dos indivíduos e nos espaços públicos em que a temática é foco de embates.

A respeito disso André Musskopf (2008) nos informa que;

[...] do ponto de vista da religiosidade, a sexualidade desempenhou um papel decisivo na qualificação das formas religiosas (i-religiosidade – ingênuas ou demoníacas – indígena versus religião verdadeira dos colonizadores). Do ponto de vista da sexualidade, a religiosidade desempenhou o mesmo papel: as práticas sexuais foram qualificadas a partir das crenças religiosas (sensualidade e erotismo – inocentes ou perversos – indígena versus [suposta] virtude dos europeus cristãos). (Musskopf, 2008, p. 41).

Em princípio, é difícil vislumbrar que a conciliação entre religiosidade cristã e sexualidade não-heterossexual exista em algum nível e que ambas convivam bem em determinados contextos, contudo essa é uma relação que tem sido possível. A respeito disso Araújo (2014) nos esclarece que:

A relação entre as religiões cristãs e a questão das sexualidades não-heterossexuais é tomada historicamente como uma relação conturbada, impressão que se aprofunda quando observamos, especialmente no contexto

¹⁸ Experiência religiosa, entendida, aqui, como sendo “constituída por três dimensões distintas: identidade ou pertencimento; adesão; experiência ou crença”. (NATIVIDADE, 2006, p. 128)

brasileiro, as tantas vozes fundamentalistas que investem no impedimento do avanço dos direitos sexuais e reprodutivos. Num panorama como este, em que cristãos são costumeiramente vistos como os principais inimigos da população LGBT, é curioso observar a existência de pessoas e grupos que, em sentido contrário, afirmam conciliar as homossexualidades com a vivência religiosa cristã. (ARAÚJO, 2014, p. 10)

Ainda nesse sentido, “contrastando com a propagada regulação das religiões cristãs, o surgimento de alternativas religiosas que elaboram uma hermenêutica própria possibilita a conciliação entre cristianismo e formas de exercício da sexualidade dissonantes da norma heterossexual”. (NATIVIDADE, 2010, p. 90)

Outra observação importante diz respeito à separação entre a esfera privada e a pública. Nesse sentido, Luiz Fernando Dias Duarte (2005, p. 138) aponta a articulação entre um *ethos* religioso, ligado a um *ethos* privado, composto por valores, sentimentos e comportamentos referentes à sexualidade, à reprodução e à constituição de um núcleo familiar, partindo do pressuposto que esse *ethos* privado tem relação com o pertencimento e adesão a religiões. Esse ponto será mais bem explicitado no terceiro capítulo, em que fica claro como esse *ethos* privado toma dimensão determinante no que se refere às escolhas religiosas dos indivíduos da IARI.

Desse modo, a sexualidade foi excluída da esfera pública devido ao papel que exerce na família e vice-versa e na subjetividade das pessoas. “À medida que a adesão religiosa também se define como parte da dimensão privada dos sujeitos modernos, a família, a sexualidade e a religião voltam a se encontrar”. (DUARTE, 2006, p. 64)

Assim, “como se poderia compreender um universo social em que, ao mesmo tempo em que cada religião continua a aspirar, a moldar as pessoas à sua maneira de ser, cada vez mais pessoas parecem acreditar que devem escolher a religião melhor adaptada à ‘maneira de ser da pessoa?’” (DUARTE, 2005, p. 171). Pode-se considerar que a iniciativa das igrejas inclusivas é uma experiência exemplar nesse sentido, pois se caracterizam pela inclusão religiosa da população LGBT, ou seja, um lugar onde se pode realizar sua religiosidade e sua sexualidade.

Isto posto, cabe ressaltar que não há como falar em religiões cristãs e sexualidades sem mencionar as transformações sociais no campo religioso brasileiro, causadas pelos movimentos homossexuais, que, como apontado por Fachini (2005), se intensifica a partir de 1990, quando se iniciam as reivindicações relacionadas aos direitos civis de homossexuais, a despatologização da homossexualidade, luta contra a discriminação e o enfrentamento da epidemia de HIV/AIDS no país. Essas reivindicações são causadoras de profundas mudanças em diversos espaços, dentre eles

o religioso, onde começa a ser questionada, por atores sociais ligados aos movimentos ativistas, a inclusão de gays e lésbicas nesses espaços. Desse modo,

Em termos sociológicos, é possível inferir, por um lado, que tal demanda surge ligada ao crescente reconhecimento e à progressiva legitimação das ditas “minorias sexuais” na esfera pública. Por outro, a vertente protestante desponta como segmento do cristianismo afeito às mudanças e consciente das dinâmicas de transformações socioculturais mais amplas, com incrível capacidade de inovação e espaço para rupturas. (NATIVIDADE, 2010, p. 91)

Nesse sentido, o pluralismo religioso brasileiro configura-se como um campo complexo e multifacetado. Não se pode olhar para esse campo a partir de uma perspectiva engessada e a partir das grandes teorias sobre religião que temos nas ciências sociais¹⁹, é preciso localizar os sujeitos e experiências a partir de seus locais de fala. A experiência das chamadas igrejas inclusivas é exemplar, como já mencionei acima, por essa razão, dedico o próximo item desta dissertação a um panorama sobre essas igrejas no Brasil e o surgimento de uma denominação inclusiva em Manaus, da qual fazem parte os interlocutores deste trabalho.

2.2 Igrejas Inclusivas: um panorama

Igreja Inclusiva, de modo geral, pode ser definida como “um termo êmico e controverso pelo qual se designam as igrejas, que em geral podem ser definidas em termos de compatibilizar sexualidades não heterossexuais e religiosidades cristãs, majoritariamente evangélicas; tais igrejas não são discriminatórias a LGBTs”. (WEISS, 2012, p. 65)

As chamadas igrejas protestantes “inclusivas”²⁰ surgiram no país por volta de 1990, geralmente fundadas por líderes religiosos anteriormente ligados a igrejas

¹⁹ As ciências sociais são o campo que tem feito reflexões importantes sobre religião e sexualidade. A sociologia tem contribuído com grandes inquéritos sobre o comportamento sexual da população, enquanto a antropologia, em princípio, tem respondido pelas descrições detalhadas de valores e práticas de grupos sociais demarcados. (HEILBORN, 1997)

²⁰ Sobre o termo “inclusiva”, gostaria de ressaltar o apontamento feito por Fátima Weiss. Nele, a autora esclarece que: O termo “inclusiva” pode ser problematizado ainda no campo das representações por sua ligação com aquilo que está à margem, como os deficientes físicos e mentais (questão mais conhecida no campo do senso comum como “educação inclusiva”), com a população carcerária, o que marca o termo de forma a dar conta de “corpos abjetos” no sentido que Judith Butler (2003) nos propõe. O inclusivo,

conservadoras, que abandonavam esses pertencimentos originais – em alguns casos por escolha, em outros, por expulsão, mas geralmente em função de discordâncias a respeito das questões de sexualidade. (NATIVIDADE, 2008). Muitos deles buscaram referências em segmentos inclusivos já existentes em outros países.

Igualmente, segundo Weiss (2012), “as igrejas inclusivas surgiram nos anos de 1990, a partir da articulação de grupos que discutiam a homossexualidade e a religião em suas igrejas de origem, mas somente nos anos 2000 é que acontece uma proliferação de denominações religiosas inclusivas no Brasil”. (WEISS, 2012 p. 65).

Em um primeiro levantamento realizado por Fátima Weiss, em 2004, a autora localizou quatro denominações inclusivas no Brasil. Em 2012, oito anos depois de seu primeiro levantamento, a autora localizou mais de vinte denominações.

A grande parte destas igrejas é autônoma e existe apenas no país. Através da observação do conteúdo dos sites, percebe-se que as “igrejas inclusivas” possuem discursos diferentes e conflitantes, doutrinários e com respeito às suas prescrições morais e que, apesar disto, todas têm ligação - e a utilizam como discurso fundador - com Igrejas tradicionais (Igrejas Protestantes, Pentecostais e Católicas). (WEISS, 2012, p. 73).

Uma das principais denominações estudada é a Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM), que foi tema de análises acadêmicas de alguns autores (NATIVIDADE, 2008; MUSSKOPF, 2008; WEISS, 2012 e SILVA, 2013) que nos informam sobre a estrutura da ICM e, mais além, fazem um histórico importante sobre igrejas inclusivas no Brasil. A partir desses autores, compreendemos que tal segmento vem acompanhando “a dinâmica de renovação e pluralização do campo religioso brasileiro.” (NATIVIDADE, 2010, p. 116).

Podemos apontar trabalhos sobre inclusivas que demonstram justamente esse pluralismo que vêm ocorrendo no campo religioso brasileiro, onde grupos minoritários ganham espaço e passam a reivindicar uma maior visibilidade. Alguns desses trabalhos aproximam-se mais do que observo na IARI, outros, no entanto, tomam uma direção contrária. Nesse sentido, vislumbro duas grandes “correntes” inclusivas: a primeira se alinhando a um discurso conservador e normativo e o outro alinhado com o discurso da militância e da valorização da diversidade. A IARI, por sua vez, se liga à primeira “corrente”. Os estudos, contudo, demonstram também que as inclusivas não podem ser

assim, acabaria por corroborar os discursos que colocam sexualidades e corpos não heterossexuais e não normativos à margem da religião e da sociedade ou alertaria para uma necessária legitimação de muitas existências que a normatividade mantém “abjetas”. [...]. (WEISS, 2012, p. 66)

vistas desse modo binário conservador/liberal. Podemos apontar, sim, tendências a um ou a outro, mas não podemos nos esquecer da resistência desses grupos e das vivências e subjetividades que nem sempre (ou quase nunca) condizem com normas prescritivas e os modos de driblá-las são, realmente, muito diversos.

Trabalhos como os de Carlos Lacerda Coelho Junior (2014) sobre o processo de formação da Igreja Missionária Inclusiva (IMI) em Alagoas revelam a busca por reconhecimento, através da reprodução de um discurso cristão, principalmente quando perpetua determinadas crenças em instituições, como o casamento monogâmico e a família cristã. Assim, para o autor, o discurso da IMI incorpora valores conservadores;

Acreditam que os homossexuais podem ser inseridos normalmente no contexto social. Muitos dos elementos religiosos cristãos são apropriados, enquanto uma estratégia – consciente ou inconsciente – da necessidade de reconhecimento, levando em conta o papel consolidado das instituições cristãs no Brasil (COELHO JUNIOR, 2014, p. 170).

No mesmo sentido, Raquel Moreira de Souza (2013), ao estudar a Igreja Comunidade Athos de Brasília, identifica essa necessidade de reconhecimento e certo conservadorismo. A autora apresenta os sentidos e denominações atribuídas à homossexualidade, “analisando os significados conferidos ao termo por seus/suas lideranças religiosas, teólogos e pastores/as” (SOUZA, 2013), identificando o que ela denomina uma identidade “evangélica-homoafetiva”:

Tal identidade se refere à constituição de uma autoidentificação e desejo de reconhecimento por parte de outrem, como gays e lésbicas cristãos/ãs que seguem os preceitos morais religiosos, principalmente por estarem neles inscritos ou por almejem relações conjugais monogâmicas, pautadas na fidelidade e na concepção de família, tanto que o seu próprio nome traz esta palavra em posição chave. (SOUZA, 2013, p. 67).

Thiago Bonfim dos Santos (2013) analisa, por meio de relatos jornalísticos, sermões, entrevistas e por sua própria experiência como ex-evangélico “as comunidades neopentecostais urbanas que se autodenominam “inclusivas”, percebendo suas subjetividades e práticas discursivas que as libertam e, ao mesmo tempo, atem os “homens pescados” às redes de saber religioso”. Sua pesquisa, realizada em São Paulo, revela uma mesma tendência às normas prescritivas monogâmicas, contudo, o autor centra-se no que ele denomina “resistências”, procurando entender “as idas e vindas, os lugares e os não lugares, os ditos e os não-ditos de espaços e discursos que capturam homens e mulheres em redes de saberes”. (SANTOS, 2013, p. 11)

Carlos Chagas Vilela Lima (2013), em sua dissertação de mestrado, analisa os discursos produzidos pela Comunidade Cristã Nova Esperança (CCNE) em Natal. Ele

aponta a CCNE como uma alternativa para os que estão buscando a prática da religiosidade, sem se dispor a uma tentativa de “cura” ou à exposição de comportamentos ou atitudes que denotem um perfil diferente daquilo que eles realmente são.

Assim, podemos dizer, segundo Musskopf (2008), que as “igrejas inclusivas” se inserem no quadro de disputas pela legitimação e autoridade religiosas na medida em que têm se dedicado a legitimar práticas e modos de vida não heterossexuais reassignificando o texto bíblico a partir da experiência de sujeitos não heterossexuais.

Tendo isso em mente, entendo a IARI como inserida nesse campo de disputas por legitimação social, não somente a partir da reassignificação do texto bíblico, mas buscando alinhar seu discurso com as outras igrejas tradicionais, no sentido de normatizar condutas homossexuais a partir de um padrão estabelecido pela norma heterossexual, ou seja, mudam-se os atores, mas o enredo permanece, com nuances e desfechos próprios.

2.2.1 A IARI de Manaus: notas sobre o surgimento de uma igreja inclusiva

A Igreja Apostólica da Renovação Inclusiva (IARI) surge em Manaus em 2009, como igreja Evangélica Reviver, fundada por um ex-pastor da igreja quadrangular. Seu primeiro culto oficial aconteceu em Janeiro de 2011, antes disso só havia reunião com um grupo pequeno de pessoas. Entre 2011 e 2012, há a inserção de novos participantes, principalmente vindos de igrejas neopentecostais. Nesse período houve então uma reformulação da igreja que passou a se denominar Igreja Apostólica da Renovação Inclusiva. (WEISS, 2013, p. 6).

Em um dos encontros durante o campo, o líder da IARI em Manaus faz alguns apontamentos sobre a criação da IARI e das dificuldades que, sob a visão dele, as chamadas inclusivas encontram dentro e fora do *mover inclusivo*.

Ele fala das relações conflituosas entre líderes das igrejas chamadas inclusivas e a tentativa de se unirem para fortalecer o fenômeno das igrejas inclusivas. Segundo ele, *a união dessas igrejas é um dos pontos fortes, para “combater” as outras igrejas que os atacam sempre.*

Completa sua fala relatando a difícil tarefa de *tocar uma igreja inclusiva em Manaus* e que em outras cidades do estado do Amazonas foram obrigados a fechar as portas por medo. Em Iranduba²¹ *tivemos um pastor ameaçado e aqui (Manaus) também eles sofrem com os ataques. Diz ainda que: no Rio de Janeiro e São Paulo é mais fácil e que não há tanto ataque assim.*

Ainda sobre a perseguição que sofrem e uma visão de que há uma estabilidade maior das inclusivas do eixo Rio – São Paulo e parte do Sul do país, Humberto (membro da igreja) faz o seguinte relato:

Eu quero me tornar missionário e levar esse mover inclusivo pra todo norte do país, porque o sudeste e sul não reconhece o mover inclusivo aqui, porque eles dizem que aqui é uma terra estéril, as pessoas aqui não querem saber do mover inclusivo...já que o pessoal de lá não vem pra aqui pra abrir seu ministério a gente tem que se virar pra poder expandir...aí sabe o que vai acontecer, eles vão começar a se interessar, porque aqui já vai começar a crescer, entendeu? Nosso objetivo mesmo é pregar o evangelho pra toda criatura, criatura mesmo gay, hétero, bi, tri, poli, de uma forma inclusiva...e levanta as mãos pro céu porque se você quiser uma igreja com a visão como a nossa, só tu indo pro sul...

(Humberto, diário de campo, outubro de 2015)

David, outro interlocutor membro da IARI também descreve a mesma coisa em outro momento, enfatizando a perseguição sofrida aqui e como no sul e sudeste é “mais amena” a perseguição com as inclusivas. Ele diz:

Deixa eu pensar um versículo bíblico sobre perseguição.....no caso a igreja inclusiva ela é duplamente perseguida, por ser uma igreja para homossexuais e por ser uma igreja e a perseguição fica mais intensa por conta das outras igrejas que não aceitam. Quantas igrejas denigrem a imagem da nossa igreja ...a perseguição abrange uma série de coisas, tá vendo como vai surgindo uma série de assuntos?! Assim como o preconceito já começa dentro de casa por você ser gay, aí vem da pessoa de fora ou então é pela cor...no caso da nossa igreja, é um pouco mais delicado, porque é dupla por ser para homossexuais e por sermos cristãos...aí a nossa é perseguida por abranger todo o público, tanto o público hétero, quanto o LGBT, apesar de não termos hétero em nosso meio, mas vamos orar pra que tenha e fica um pouco complicado também porque a gente não sabe administrar, mas também podemos dizer que tivemos um ótimo processo porque a gente não fez como outras pessoas que se digladiam, no sul não podem dizer a mesma coisa, tanto que as igrejas se desmembram, não tô falando da Metropolitana, sendo que na Metropolitana aconteceu isso né? Não foi que saiu um lá de dentro e criou outra? Na assembleia teve muito, teve a própria tradicional, aí depois surgiu um monte de assembleia, agora é assembleia de assembleia.

²¹ Cidade da região metropolitana de Manaus

Assembleia de Deus, era um corpo de pessoa, agora é um corpo de corpo de pessoas...daqui a pouco vão inventar Assembleia de Deus inclusiva...Aí o (Deputado evangélico da Assembleia de Deus) vai matar a gente (risos) aí vai ser a nossa cabeça na forca.

(David, diário de campo, outubro de 2015)

Machado (2011) e Duarte (2005) advertem que há autonomia das pessoas em relação às instituições religiosas, mas que “a autodeterminação e a capacidade de discernimento em face das instituições religiosas depende, entre outros fatores, da autoconfiança dos indivíduos e da inclusão em diferentes redes de sociabilidades” (MACHADO, 2011, p. 103).

Pensando nesse sentido, pode-se apontar a IARI como essa “diferente” rede de sociabilidade²², pois o campo apontou que os jovens da IARI são oriundos de famílias evangélicas tradicionais, que após o processo de *se assumir*, são disciplinados e/ou expulsos da sua igreja de origem. Desse modo, buscam novas alternativas inclusivas para conciliar suas religiosidade e sexualidade. No entanto, considero que esta é apenas uma das possibilidades de ampliação da rede de sociabilidade e que possivelmente outras redes forneçam elementos para sua autodeterminação na esfera da sexualidade, mesmo assim, a IARI configura um importante meio para sua afirmação do mundo.

Ao ponderar sobre a Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo (ICM-SP), Weiss (2010) nos oferece um apontamento exemplar nesse sentido: “no campo da sexualidade tudo parece ser “negociável” e “aberto”, o que implica numa proposta de simetria. Tal modelo, as sexualidades de indivíduos constantemente reguladas pelos discursos religiosos, familiares e institucionais, passam através dos discursos pastorais, a serem abordados da perspectiva da intimidade e da escolha. Isso tensiona as próprias trajetórias dos membros da ICM-SP, elaborando novas estratégias de significação para elas”. (WEISS, 2010, p. 113).

Entretanto, a autora aponta que a ICM parece ser exceção dentre as alternativas religiosas inclusivas que acabam regulando a sexualidade através de prescrições morais constituidoras de uma “homossexualidade santificada” (NATIVIDADE, 2010). Essa consideração é fundamental para a compreensão do modo como a IARI constitui-se como Igreja Inclusiva e como lida com a sexualidade, uma vez que, como outras

²²Sociabilidade entendida aqui como “esses processos puros de associação que têm seu fim neles mesmos, essas formas de interação social no limite desprovidas de conteúdo ou dotadas de conteúdos socialmente anódinos” (SIMMEL, 1949, apud WACQUANT, 2002, p. 56).

denominações inclusivas nos informam, a “sexualidade é positivada, entendida como um dom de Deus, que não está limitada às relações estáveis, à reprodução, preocupa-se com relações igualitárias e consentidas” (WEISS, 2012, p. 104).

Weiss (2012) buscou compreender as articulações entre gênero, sexualidade e vivência religiosa na ICM-SP, focando sua análise em “como se dá a construção e valorização de ‘femininos’ entre gays, lésbicas, travestis, transexuais e *drag queens*”. Nesse sentido, aponto uma distinção importante da ICM com relação à IARI, pois nesta última os valores estão na homossexualidade vivida de forma “menos feminina possível”. Assim, *namorar pessoas que não sejam gays rasgados, porque ele vai se comportar!* É uma das recomendações mais expressas feitas pela IARI. Ao contrário da ICM que valoriza o feminino.

Outro dado interessante sobre a IARI é sua postura que busca a todo o momento se afastar de uma possível “taxação de igreja gay”, sempre enfatizando que é inclusiva, que busca a todos os “excluídos” para incluir. Assim, nosso interlocutor questiona: *porque se referir como igreja gay né?! Porque sempre alguém vai ter motivo pra te colocar preconceito? Porque você é gay, negro, gordo*, nesse sentido a fala de um dos interlocutores é exemplar. Ele continua: *a nossa (igreja) é perseguida por abranger todo o público, tanto o público hétero, quanto o LGBT, apesar de não termos hétero em nosso meio, mas vamos orar pra que tenha.*

Assim, é “interessante perceber que as igrejas que se afirmam “inclusivas”, - embora sejam direcionadas a uma perspectiva de inclusão e *aceitação* da homossexualidade como perfeitamente compatível com uma religiosidade cristã expressa por elas -, não são exclusivamente para homossexuais, estando abertas a todas as pessoas, incluindo, assim, heterossexuais” (WEISS, 2013, p. 67). Contudo, essa abertura também representa um exposto desejo de diminuir ou acabar como uma separação entre hétero e homossexuais, além de uma pretensa *aceitação*. Nesse sentido, Natividade questiona “tomar a diferença como eixo das reivindicações ou elaborar discursos que tendem a apagá-la, forjando fendas e forçando rachaduras em sistemas de valores tradicionais, de modo a obter mudanças estruturais mais profundas?” (NATIVIDADE, 2010, p. 113).

Nesse mesmo sentido de um possível apagamento da diferença, um outro interlocutor coloca que: *porque quando a gente mexe e eles não gostam não tem uma lei que defenda, mas pra gente tem uma lei contra homofobia, eu acho isso um pouco injusto.* Assim, “uma das tensões expressas desde o início dos grupos religiosos

inclusivos em São Paulo está dada na relação entre religiosidade/espiritualidade e militância” (WEISS, 2012, p. 72) e na IARI a militância não é bem vista. Não representa uma bandeira importante.

Assinalo que a IARI está inserida no universo das inclusivas com uma combinação de múltiplas disputas de significados, tradições, regulações e subjetividades, que a torna um grupo social único, diverso e controverso. Nesse sentido,

No decorrer desse período de proliferação das Igrejas Inclusivas, considero que mesmo estas começam a compor um campo de disputa próprio, em torno daquilo que Natividade chamou de “significado da homossexualidade”. Creio que esse campo poderia ser identificado por duas vias: uma, que posso denominar “teológica”, com vertentes mais ou menos próximas das igrejas cristãs evangélicas “tradicionais” e outra, a da “sexualidade”, com vertentes mais ou menos reguladoras da sexualidade. Isto é, as igrejas inclusivas, embora atribuam significado positivo à homossexualidade, ainda têm, entre si, diferentes posições acerca do exercício da sexualidade. Nesse sentido, as igrejas, além de serem distintas naquilo que diz respeito aos “significados da homossexualidade” também são distintas em sua cosmologia, sua visão de mundo. (WEISS, 2012, p. 66)

Portanto, a IARI pode ser percebida mais alinhada ao pensamento das igrejas chamadas tradicionais. Aproximando-se de um discurso utilizado por essas igrejas, como será visto mais adiante, bem como valorização do masculino e de condutos normativas e conservadoras.

A IARI, enquanto instituição que acolhe o homossexual oriundo de igrejas evangélicas tradicionais, torna-se fundamental para entendermos os processos de *se assumir* e *aceitação* e nesses processos a categoria juventude entra em cena.

2.3 A juventude como categoria fundamental no processo de *se assumir*

Juventude é entendida aqui como “um processo, dirigido às transformações no estatuto da pessoa.²³” (HEILBORN e EQUIPE GRAVAD, 2005, p. 40). Desse modo, a

²³ É importante lembrar que essa é apenas uma das perspectivas para se olhar a “juventude”. E, é a que será adotada aqui, mas levando em consideração outras abordagens, como as que consideram “a juventude em determinado momento da vida que não se reduz a uma passagem, mas assume a importância em si.” (GOMES, 2010, P. 8).

ideia adotada será de “trajetórias”, para descrever “as diferentes temporalidades, ritmos e modos de transição para vida adulta” (*ibidem*, p. 41). Nesse sentido, o destaque será para os tensionamentos vividos e experimentados durante as trajetórias dos jovens da IARI.

Elias Evangelista Gomes (2010), ao estudar as práticas de socialização juvenil entre evangélicos, observou “pontos de tensão entre os jovens e a igreja, principalmente relacionados ao comportamento nos cultos, à estética e à sexualidade”. Os jovens mostravam que a igreja colocava limites às suas práticas culturais, restringindo, de modo incisivo, o campo de possibilidades da combinação “ser jovem e ser evangélico” (GOMES, 2010, p. 1).

Nessa perspectiva, pesquisas recentes têm demonstrado que, em suas atuações no espaço público, os jovens somam “causas”, sobrepondo diferentes identidades. Nesse “processo de transformação no estatuto da pessoa” a juventude pode ser aferida em termos de fluidez e não de fixidez. Assim, as trajetórias se compõem no social e nos processos de subjetivação e vivência, como evidencia Novaes (2012). Para a autora,

Múltiplas causas e experiências de discriminação podem se somar na vida de um mesmo jovem (ser jovem, ser negro, ser favelado, ser homossexual, ser mulher, ser lésbica e “ser cristã”...). A predominância de uma identidade sobre outra ou a combinação de identidades e causas não acontece em abstrato, mas em processos sociais e trajetórias individuais concretas. Daí a necessidade de evitar esquemas empobrecedores que se ancoram em substantivação de identidades como se fossem únicas e fixas. (NOVAES, 2012, p. 199)

Trata-se, portanto, de buscar “outras categorias e costuras explicativas que nos aproximem um pouco mais da experiência social dos jovens desta geração”. (*ibidem*, p. 204), a partir de suas diversas vivências e contextos sociais específicos.

Desse modo, é essencial pensar a juventude como uma “fase de vida”, definida socialmente, que é diversificada de acordo com grupo social. “Além de relativizar o “ser jovem”, em termos de visão de mundo e estilos de vida, ressaltando as peculiaridades do contexto social em que se dão diferentes manifestações da juventude, parece importante pensar a juventude, em termos das representações e práticas relacionadas a ela por nossa sociedade contemporânea, como um valor social.” (MEINERZ, 2004, p. 127).

Na contemporaneidade, como demonstram os autores citados, o “ser jovem” ganha novos contornos e recebe um lócus próprio de análise. Não sendo mais representado como “parte de um adulto”. De tal modo, “observa-se uma

horizontalização dos processos de socialização, nas quais os jovens são produtores de novas condutas entre eles mesmos”. (HEILBORN, 2002, p. 80)

A exemplo dos jovens evangélicos mencionados por Novaes (2012), que reafirmando elos com esse universo religioso, mas não se sentindo presos a denominações, inserem mais uma possibilidade no repertório dos modos de estar e se movimentar no espaço público (*Ibidem*, p. 194).

Por fim, cabe resaltar o pluralismo do campo religioso brasileiro, no qual a variedade de possibilidades de vivências religiosas depende de uma série de fatores que devem ser levados em conta para análise. As relações intergeracionais que dele fazem parte é um desses fatores que nos possibilitam a compreensão.

Assim, é impossível pensar nos jovens da IARI, sem pensar nos contextos culturais em que vivem, na família e na sexualidade. Nesse sentido, Novaes (2012) nos adverte que:

Para perceber ampliação do pluralismo no interior do campo religioso é preciso olhar, mais atentamente, para as relações entre gerações. Na medida em que diminui a transmissão religiosa intergeracional, e aumentam as famílias multirreligiosas, modificam-se as maneiras socialmente disponíveis para lidar com a questão da diversidade religiosa. (NOVAES, 2012 p. 200)

No caso da IARI temos, a exemplo de outras igrejas inclusivas, jovens que se identificam essa categoria, que estão no processo de *se assumir*. Muitos lidam com o segredo desde muito cedo e suas trajetórias são sempre contadas no antes e no depois que “se assumiu”. Os adolescentes vivem tempos de tensão consigo mesmo e com suas famílias. Antes de *se assumir* porque vivem sob o abrigo do segredo, mas que *pelo meu jeito dava pra perceber* a homossexualidade e o conflito com a família começa antes mesmo de *se assumir*, muitas vezes esse processo passa pelo não-dito e a *aceitação* pelo trabalho do tempo.²⁴

Enfatizo que juventude pensada enquanto categoria transitória para os jovens da IARI representa um ponto-chave em suas vidas, que marca suas trajetórias, significando uma “fase” de subjetivação importante.

Para finalizar, acrescento que “a família reproduz a estrutura e as relações sociais, as relações e as identidades de gênero. É nesse contexto em que se dão a reprodução geracional e grande parte da vida privada dos indivíduos”. (VALDÉS, 2005, p. 319). Nesse sentido, não há como falar em sexualidade, em religião e juventude, sem falar no lócus de reprodução dessas categorias. Tema de nosso próximo item.

²⁴ Ver Veena Das. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos. RBCS Vol. 14. No 40. Junho, 1999.

2.4 Família: lócus privilegiado de socialização de valores

As literaturas sobre família e religião têm demonstrado que ambas as instâncias da vida social não são, de modo algum, apartadas, fazem parte de um mesmo “campo de tensões” vividas pelas pessoas. Nesse sentido, Duarte (2006) esclarece que “o pertencimento familiar concomitantemente ao pertencimento religioso se dá em permanente tensão com a sexualidade, com interditos e prescrições que tendem a subordiná-la à conjugalidade com fins reprodutivos” (DUARTE, 2006, p. 65)

Os estudos sobre família no Brasil²⁵, como nos informa Tânia Salem (1985), constituíram-se em dois vieses principais: o individualista, que parte da ideia que o indivíduo tem preeminência sobre o todo, forte presença nas sociedades complexas modernas e o outro viés que é o hierárquico, onde a totalidade tem prioridade sobre as partes, tendo sido associado ao tradicional. Sendo assim, as duas vias de pensar a família nos leva aos binarismos individualista/moderno e hierárquico/tradicional. Nesse sentido, Salem (1985) aponta que:

[...] há uma vasta literatura acerca dos estudos sobre a família que apontam como plano de fundo a dicotomia individualismo/hierarquia. Esta literatura insiste na questão de uma dominância relativa, e não exclusividade absoluta, da ideologia que adquire proeminência em dado segmento social, nesta medida e de modo recorrente, alude-se a uma tensão derivada da presença de orientações culturais subordinadas, que em determinadas situações e contexto, deixam-se vazar, contraditando padrões ideológicos dominantes. (SALEM, 1985, p.13)

Ainda que se possa demarcar dicotomicamente esses dois campos de estudos sobre família no Brasil, é pertinente observar que são relacionais, na medida em que apontam “as tensões entre individualizar-se e ser englobado”. (SALEM, 1985, p. 24).

Para Duarte (1983) resulta disso “que, em contexto sociocultural, onde o “culto do eu” se esboça como religião, o relacionamento entre o indivíduo – singular ou coletivo – e a unidade maior que o contém, tenderá a apresentar cunho ambivalente,

²⁵ Entre os estudos socioantropológicos mais proeminentes sobre família no Brasil podemos citar: Salem (1985), Dauster (1986), Heilborn (2005), Duarte (2006), Sérvulo Figueira (1987), Fonseca (2000), Sarti (1996).

quando não conflitivo”. Isso significa que, com o processo de individualização da pessoa e da família na vida moderna, as oscilações/tensionamentos se apresentam de forma contínua e paradoxal dessas duas esferas da vida social.

Tendo em vista que o modelo familiar nuclear não “supera” a necessidade de uma ordem relacional mais ampla ou nos termos de Duarte (2006), uma “hiper-família”, as tensões entre os valores individuais e os hierárquicos são evidenciados em extrema medida quando se articulam estudos sobre família e religião. Assim, “a hegemonia do modelo de família nuclear mínima nas sociedades modernas não elimina o sentimento de pertença a algum tipo de ordem relacional mais amplo, mesmo em culturas nacionais e de classe mais expostas à individualização” (DUARTE, 2006, p. 12. tradução livre).

Entretanto, em nível empírico, é possível observar diferentes organizações familiares. Contudo, “a família elementar envolvendo homem, mulher e prole mantém-se como representação e o padrão cultural balizador das relações sociais concretas”. (DAUSTER, 1986, p. 111)

É importante pontuar que os conceitos de “família patriarcal²⁶” e de “família nuclear” sempre foram muito utilizados nos estudos de família no Brasil. O primeiro, em trabalhos sobre “A história da família brasileira” e o segundo mais empregado em estudos acerca da “família brasileira na sociedade moderna”. Contudo, compreendendo esses conceitos como categorias que achatam as diferenças, “comprimindo-as até caberem todas num mesmo molde que é então utilizado como ponto central de referência quando se fala em família no Brasil” (CORRÊA, 1982, P. 16), apenas o segundo servirá como plano de fundo nas análises realizadas neste trabalho.

Dessa forma, assinalo que o conceito de “família nuclear” norteará a pesquisa, na medida em que, como aponta Dauster (1986), ainda representa no Brasil um padrão cultural balizador das relações sociais e é em torno desse conceito que as disputas e tensões entre família e a religião se revelam, especialmente entre a membresia jovem da IARI.

Contudo, advirto que a categoria de “família nuclear” não servirá para “encaixar” as famílias dos membros da IARI, pois a configuração dessas famílias

²⁶ Refere-se “a um tipo fixo onde personagens, uma vez definidos, apenas se substituem no decorrer das gerações, nada ameaçando sua hegemonia, e um tronco de onde brotam todas as outras relações sociais. Ela se instala nas regiões onde foram implantadas as grandes unidades agrárias de produção [...] mantém-se através da incorporação de novos membros, de preferência parentes, legítimos e ilegítimos, a extensos “clãs” que asseguram a invisibilidade de seu poder, e sua transformação dá-se por decadência, com o advento da industrialização e a ruína das grandes propriedades rurais, sendo então substituída pela “família conjugal moderna”” (CORRÊA, 1982, P. 16) e mais recente “família nuclear”.

dependerá da forma que elas se apresentarão nos dados empíricos que se revelaram em campo e, somente a partir daí que poderei traçar suas formas de organização. Pois, é necessário o entendimento de que a variabilidade histórica e social da instituição família desafia qualquer conceito geral de família. “Ao mesmo tempo, a generalização do termo “família”, para designar instituições e grupos historicamente tão variáveis, termina por ocultar as diferenças nas relações entre a reprodução e as demais esferas da vida social” (BILAC, 2003, p. 31), como as religiosidades nelas presentes.

A “família”, instituição comumente associada à esfera privada, emerge nesse trabalho, relacionada a um cenário político onde a homossexualidade aparece como contrária e/ou adversária daquela instituição. Nessa perspectiva, “a homossexualidade pode ser considerada efetivamente uma ameaça ao corpo social, às crianças e às “famílias”” (OLIVEIRA, 2013, p. 21).

Assim, “nessa representação mais ou menos hegemônica, as “famílias” aparecem como núcleos formados a partir do vínculo sexual e amoroso entre pessoas heterossexuais e destinados a re-produzir uma nova geração de pessoas também heterossexuais”(OLIVEIRA, 2013, p.21). Nesse sentido, como alerta Oliveira (2001), ainda se representa a “heterossexualidade” como uma prática sexual que “produz relação” (casamento e descendência, construção de alianças e preservação da linhagem) e oposição à categoria homossexualidade, como se esta última não produzisse relação.

Segundo Maria das Dores Campos Machado (2006), o modelo católico de família nuclear foi, no Brasil, durante todo o século XX, considerado o ideal de família cristã. Segundo a autora, nessa perspectiva da igreja hegemônica, esse pequeno grupo doméstico está associado à função reprodutiva tanto física quanto cultural, e, por isso, questões como aborto, divórcio e homossexualidade foram, e ainda são, ainda que parcialmente, extremamente ameaçadores à instituição católica. Se, por um lado, a modernidade favoreceu o individualismo, tanto no nível pessoal quanto familiar (“famílias individualizadas”), esse processo não se deu – ainda não se dá – sem “tensões entre autonomia das pessoas e as identidades coletivas ou a pertença familiar”. (MACHADO, 2006).

Essa perspectiva sobre as famílias não é somente católica, ela se revela nas mais diferentes crenças e no “senso comum”. Contudo, é importante lembrar que as religiões cristãs tomam esse modelo de família ideal como base para um discurso condenatório a práticas e subjetividades das pessoas. Segundo Duarte (2006), “a Igreja Católica, assim, é provavelmente o repositório mais abrangente de reflexão e elaboração pastoral desse

tema, possuindo diversos textos doutrinários diretamente concernidos a ele”. Não podemos esquecer, portanto, que não é irrelevante que a cosmologia cristã católica é marcada por uma família original, a Sagrada Família, “como mediadora entre o sagrado e o propriamente humano, que reforça a identidade familiar terrena. Por isso, a principal estratégia utilizada pelo Catolicismo para impor seus valores morais para a sociedade pressupõe um forte investimento na família de origem e na manutenção do modelo nuclear de família” (BUSIN, 2011, p. 115).

Desse modo, a descoberta ou revelação da orientação sexual dos filhos tem sido apontada como grande propulsora de um “drama” familiar, “que num primeiro momento deixaria os pais em “estado de choque”, e que sublinha as dificuldades e os limites possíveis da *aceitação* familiar” (OLIVEIRA, 2013). Nesse sentido,

A revelação da homossexualidade é representada como “alívio” para os filhos, que se sentiriam mais confortáveis ao serem dispensados da necessidade de sustentar uma “mentira social” sobre si mesmos. Revelar a homossexualidade para os familiares envolveria uma espécie de “cálculo psicológico” dos benefícios possíveis e dos custos envolvidos, podendo representar para alguns homossexuais uma forma pela qual estes colocariam à prova o caráter incondicional do amor de seus pais. (OLIVEIRA, 2013, p. 22).

Isto posto, enfatizo que o foco dado à família dos jovens da IARI, refere-se ao “drama” familiar que se configura após a “revelação” e a *aceitação* da homossexualidade, tendo em vista a conduta da IARI perante esse processo e o “papel” que esta representa nele.

Nesse sentido, normalmente, pensamos que as denominações religiosas têm única e exclusiva responsabilidade pelo comportamento social de seus fiéis. Entretanto, Duarte (2005) nos mostra que a liberdade religiosa permite não só a convivência entre múltiplas denominações, mas também a legitimidade da existência de diversas crenças e diferentes pertencimentos religiosos. Dessa forma, o pertencimento religioso teria mais a ver com um *ethos* privado não confessional, ou seja, a pessoa escolhe continuar pertencendo a uma religião de atribuição (em que foi socializada, normalmente a mesma da família de origem) se encontra nela ressonância para seus próprios valores e forma de conduta. Caso não encontre afinidade com a sua maneira de ser, ela escolhe mudar para uma religião em que essa afinidade seja mais possível. (BUSIN, 2011). Duarte (2005), entretanto, enfatiza que é impossível se fazerem escolhas completamente individuais, pois o pertencimento à família e a uma localidade são, também, determinantes. Nesse sentido, Valeria Busin (2011) aponta que:

É importante também destacar que o pertencimento – e o trânsito – religioso implica em uma negociação de realidade que cada vez mais se desloca do regime de atribuição (religião da família de origem) para o regime de aquisição (religião de conversão); o que, por sua vez, implica em um recrudescimento da liberdade transgeracional, ao mesmo tempo em que se mantêm expectativas, das gerações anteriores, de continuidade do pertencimento religioso das gerações sucessoras. (BUSIN, 2011, p. 114)

Um dos pontos-chave sobre os interlocutores da IARI é exatamente essa reprodução do pertencimento religioso que Busin aponta, pois ao mesmo tempo em que os interlocutores da IARI rompem com sua igreja de origem e com suas famílias ao *se assumir*, eles também buscam manter o elo que os liga à família e a igreja de origem, através da IARI.

Em suma, a família é para diversas tradições religiosas um lócus privilegiado de transmissão e/ou socialização de valores e princípios religiosos. Como as religiões não dispõem de mecanismos coercitivos, elas instituem uma aliança com a família – fazendo a apologia desta – que inculca em seus membros, especialmente nos das gerações sucessoras, os valores morais defendidos pelas religiões (BUSIN, 2011), contudo, como apontado por Duarte (2006), os tensionamentos entre escapar a esses valores e reproduzi-los é eminente.

PARTE III.
DO MERGULHO NA VIDA:
TRAJETÓRIAS E OS
PROCESSOS DE SE
ASSUMIR E ACEITAÇÃO

É interessante que o tema do 'segredo', como forma de adequação entre as decisões individuais e as condições morais prevalecentes no âmbito da família ou da congregação, apareça como uma estratégia digna, capaz de ser explicitada a um pesquisador. Que melhor sinal do 'subjativismo' crescente se poderia encontrar, ainda mais por se tratar majoritariamente, nesses casos, de membros das classes populares, habitualmente associados à preservação de uma visão de mundo mais hierárquica, menos atravessada pela ideologia do individualismo?

Luiz Fernando Dias Duarte (2006)

3.1 Família e os processos²⁷ de *se assumir* e *aceitação*

Relações com a família antes e depois do processo de *se assumir* são aspectos de grande ênfase nos discursos dos membros da IARI, sendo esse processo apontado como “divisor de águas” nos “dramas” vividos entre antes e depois do processo de *se assumir*, revelando o tempo como grande vetor da *aceitação* familiar.

Se assumir é um termo êmico, que faz referência à trajetória do jovem homossexual que decide *se assumir* como tal (revelar o segredo), para a família, principalmente. E a *aceitação*, também um termo êmico, por parte da família a homossexualidade de um seus membros (na *aceitação* aparecem os conflitos e negociações até que se estabeleça mais ou menos um grau de *aceitação*). Utilizei os termos êmicos dos jovens da IARI, que também são relatados em outros trabalhos acadêmicos. Aqui, Leandro Oliveira (2013), em sua tese de doutorado, foi a grande inspiração, pois o autor elucida essas categorias.

Desse modo, “quando o tema das relações com a família de origem é evocado nesta produção sobre identidades homossexuais, são realçadas as “rupturas”, em detrimento da manutenção de compromissos em médio prazo com a rede familiar”. (OLIVEIRA, 2013, p. 10)

As rupturas são sempre enfatizadas como uma fronteira que vai “desligar” relações familiares no processo de *se assumir*, das quais as tensões da *aceitação* são ressignificadas com o trabalho do tempo (DAS, 1999). As relações são forçadas ao limite até que eles tomem a decisão de romper. Nesse sentido, um dos interlocutores que chamei de Humberto, nos conta um caso exemplar:

[...] eu tava até comentando com um amigo meu que tem um menino que mora em Rio Preto da Eva²⁸, ele queria vir pra cá pra Manaus a pé, de lá pra cá...aí eu peguei e falei: cê tá loco?! Aí ele falou: é porque aqui em casa tá acontecendo isso, isso e isso?...aí peguei e falei: tá abandonando a pessoa no momento em que ela mais precisa, que é a vó dele, mesmo que

²⁷No dicionário Michaelis a definição de processo diz: **Processo:** pro.ces.so *sm* (*lat processu*). **1** Ato de proceder ou de andar. **2 Sociol** Sucessão sistemática de mudanças numa direção definida. **3** Concatenação ou sucessão de fenômenos. **10 Dir** Ação, demanda.[...] Utilizo processo de *se assumir* nesse mesmo sentido de mudança, sucessão de fenômenos sociais que abrangem o período em que o jovem “se descobre” homossexual até a assunção dessa homossexualidade para si e para a sociedade, especialmente a família. Assim, “processo” aqui é entendido como qualquer mudança proveniente dos contatos e da interação social entre os membros de uma sociedade que constitui, um processo social. (OLIVEIRA, 2001)

²⁸Cidade da região metropolitana da cidade de Manaus.

ela demonstre raiva, ela também demonstra que tá precisando de ajuda..aí ele queria sair de casa de cabeça quente...aí eu falei: de cabeça quente ninguém resolve nada. Nisso ele tava com 15 reais e queria mais 15 pra pagar o ônibus e ainda descer do ônibus e ir a pé daqui pra Alvorada²⁹...aí eu falei: não, não venha. Eu falei: eu gosto muito de você, eu sei que você é um amor de pessoa. Você me conhece há dois anos, você viu a vida que eu passei, eu também passei por uma circunstância há dois anos atrás, que eu quase morro, eu não desejo isso pra ninguém...agora você quer gastar 10 horas sua da vida, sem água, de madrugada, com uma mochila nas costas...tu é louco?! Volta pra casa, toma um banho, esfria a cabeça. Quer vim? Vem, venha, mas vai pra sua casa hoje! Amanhã peça dinheiro de alguém que possa te arranjar, mas pelo menos dorme lá que você vai ter conforto, vai ter água pra tomar, vai ter descanso, dorme e amanhã você vem com a cabeça fria, leve...eu acredito que quando é um sacrifício por quem a gente ama é válido...tanto que em João, tem um trecho que diz assim, que não existe amor maior do que aquele que dá a vida pelos seus...

(Humberto, Diário de campo, setembro de 2015)

Em Veena Das (1999), o trabalho do tempo surge como uma categoria que nos apresenta o tempo como pacificador de relações. Trabalho do tempo, que na tecitura da vida, é responsável por colocar os fios soltos em certa ordem manejável pelos atores envolvidos em conflitos e tensões sociais. No caso dos processos de *se assumir* e *aceitação*, o trabalho do tempo surge aliado a outros fatores – como o pertencimento a igreja, mesmo que inclusiva – que possibilitam reestabelecer mais ou menos as relações familiares minimizando as rupturas e tensionamentos.

Em um domingo de maio, às 18h20min, estava presente na IARI na hora em cheguei, o Marcos, que chegou bem cedo, limpou o templo e aguardava para recepcionar as pessoas. Ele começou a contar-me um pouco sobre sua vida. Disse que estuda e que ajuda o pai em um negócio da família. Descreveu que no início foi difícil contar para a família sobre sua orientação sexual.

Marcos, que é homossexual, revela que contou primeiro à sua mãe, que relutou, mas aceitou mais facilmente que seu pai, só o alertou que *não queria ver homem dentro de casa*. Seu pai ainda é meio relutante, mas não há grandes conflitos como antes.

A *aceitação* é, segundo Oliveira (2013), “uma categoria que alude, com alguma frequência, para experiências vivenciadas por uma pessoa a partir da publicização de sua orientação sexual dentro de certas redes – pode ser produtivo olhar também para experiências diametralmente opostas à visibilização, pertinentes ao “segredo”, à “discrição” e ao “armário””. Nesse sentido, a revelação ao mesmo tempo em que causa

²⁹Bairro da zona centro-oeste da cidade de Manaus.

tensões, conflitos e rupturas, apresenta-se também como um alívio para os filhos, nas palavras de Oliveira (2013), que se sentem dispensados da “mentira social” sobre si mesmos.

Aceitar-se para depois revelar o segredo é um das dimensões da *aceitação* enquanto categoria que nos fala de “processos de negociação que são desencadeados pela revelação da orientação sexual (*se assumir*), mobilizando valores afetivos e materiais” (OLIVEIRA, 2013). Envolvendo assim distintos significados em múltiplas situações sociais relatadas. Com relação às questões de “se aceitar” para depois *se assumir*, David relata seu primeiro questionamento no processo de *se assumir*:

O problema?...são as pessoas que fazem o problema...por muitos anos eu me bati comigo, não me aceitava, eu pensava que o problema tava comigo, mas aí eu fui vendo, observando as pessoas e chegou um momento da minha vida que eu falei não, o problema não tá comigo, são as pessoas.

(David, diário de campo, outubro de 2015)

Assim, “a *aceitação* – os usos da categoria e os arranjos sociais sobre os quais esta incide – deve ser pensada, sociologicamente, não como um fenômeno unitário, mas como feixes de relações” (OLIVEIRA, 2013, p. 148).

Em um domingo de maio, as pessoas começam a chegar uma a uma para o culto, os rapazes vão entrando, bem arrumados, de roupa formal e bíblia na mão. Sentamos em roda novamente o líder começa a perguntar sobre como chegaram à IARI, suas trajetórias até o encontro com a igreja. Todos contam suas experiências.

Rafael diz que era de uma igreja evangélica tradicional de uma cidade no interior do Amazonas. Ele frequentava há muitos anos com sua família essa mesma igreja. Em um determinado dia foi a uma festa na casa de um amigo, entrou na casa desse amigo, eles estavam bebendo e alguém da igreja viu Rafael entrando nessa casa e *a fofoca se espalhou*. Chegou aos ouvidos do pastor que chamou a família de Rafael para uma conversa, onde disseram que precisavam discipliná-lo³⁰.

³⁰Um processo em que a pessoa é afastada das atividades que normalmente cumpria dentro da igreja e o pastor *chama atenção*, aplicando um sermão e expõe para igreja que o irmão está sendo disciplinado, revelando o motivo da disciplina à igreja e em caso de recorrência a expulsão do membro da igreja é a atitude final. Entendo a disciplina nesse contexto a *la Foucault*, que diz que ela “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente”. (FOUCAULT, 2006. p.143).

No caso de Rafael, ele foi disciplinado na frente de todos da igreja que ele frequentava. O pastor disse que ele *estava com atividades homossexuais e por isso estava sendo disciplinado*. Rafael não conseguiu ficar até o final do “sermão disciplinador”. Ele relata:

Saí correndo da igreja, empurrando todo mundo, foi muita humilhação e fiquei ainda mais revoltado, pois não estava fazendo nada na casa dos amigos e nem sabia ainda que era homossexual.

(Rafael, diário de campo, maio de 2015)

Depois desse ocorrido, ele “se assumiu”, veio para Manaus, onde reside atualmente e frequenta a igreja inclusiva. Conta que quando chegou passou *maus bocados* por estar *longe da família, ser muito novo, não ter uma profissão ainda e ainda precisar morar na casa de parentes*.

Ainda em casa, no interior do estado, Rafael conta que também sofreu sanções da família (ações conjuntas e combinadas com a igreja), num processo de unificar os esforços de “reverter a possível homossexualidade”. Assim, “toda sexualidade dissidente do modelo familiar cristão se encontra passível de condenação, seja pelo simples interdito que as define como pecado e prática ilícita e marginal, seja sob a forma do problema espiritual”. (NATIVIDADE e GOMES, 2006, p. 46).

João, outro membro da IARI, revelou que: *também sofreu com isso*. Participava junto com a família de outra igreja evangélica tradicional e quando *se revelou* foi tirado de inúmeras funções importantes que ele exercia na igreja. Ministérios que coordenava e outras funções respeitáveis para ele. Passou por disciplina na igreja, mas não foi expulso, nem saiu no primeiro momento, mas com o tempo e as pressões sociais dos outros membros acabou se afastando da igreja, pois não suportava o fato de *não ser alguém dentro da igreja* e de ser preterido e desprezado. Ele repete várias vezes que exercia funções importantes e tiraram isso dele. Esse ponto parece machucá-lo muito. Mais uma vez isso revela que os processos de deslegitimação da pessoa forçam-na a se enquadrar à norma ou se revertem em ações práticas, que retiram da pessoa seu “lugar no mundo” marcado fortemente pela religiosidade, nesse caso.

Em dia de realização de um encontro de uma célula da IARI, em setembro de 2015, em uma praça pública da cidade de Manaus, o assunto da família, com relação à *aceitação*, novamente perpassa a conversa. Sempre que se começa a falar de qualquer assunto bíblico, ou não, os processos de *se assumir* e *aceitação* sempre são evocados e exemplificados a partir de vários pontos de vista diferentes, mas sempre seguindo um

mesmo padrão e uma mesma sequência: Em um primeiro momento, aponta-se para a manutenção dos laços familiares, mesmo com o conflito e um possível rompimento e, em um segundo momento, no perdão e na “submissão” a certos valores e regras familiares para se manter mais ou menos os laços.

Aproveito para assinalar a ligação de jovens à IARI como uma tentativa de manutenção dos laços familiares através da religião, mesmo sendo “gays”, ainda estão sobre a proteção da “palavra”.

A respeito desses pontos mencionados, durante a realização do encontro em mais um dia de célula, em uma praça da cidade, fomos interrompidos por uma pessoa pedindo dinheiro. O Mateus deu algumas moedas. O seguinte diálogo se inicia. Humberto diz:

Achei bonito o gesto dele. Ele amou sem nada em troca...se lançou, porque ela pode muito bem gastar, porém é uma circunstância que ela vai resolver com Deus, por conta do que ele fez, pois ele praticou o amor que deveria ser praticado por muitas igrejas, aliás, vou até além, por muitos cristãos, que não é mais pregado hoje em dia e eu menos particularmente não vejo as igrejas inclusivas se isentando de ajudar os outros, porque, geralmente os homossexuais daqui a revolta já começa dentro de casa, que é com o pai e com a mãe e quando vai pra fora é aquela coisa, eu mando em mim, eu faço o que bem entender, não tô nem aí e nisso afasta as pessoas até de dentro de casa de onde ele veio, não que esteja errado, é até certo³¹, mas bater no peito dessa maneira é até um pouco, como eu posso dizer...machuca, porque, independente do que aquela pessoa fez, é obvio que a gente não quer que a pessoa passe pelo que a gente passou, principalmente nossos pais...denegriram nossa imagem, nos xingaram, nos ofenderam, nos deixaram as vezes sem comer, sem vestir, não nos deram aquilo que a gente queria tanto, nos privaram de muitas coisas quando a gente era criança, porém agora maior você pode ser exemplo pras pessoas que tão ao seu redor, tanto para os que já se foram, quanto para os que estão e os que virão, né? Esse tipo de perseguição que deveríamos fazer dentro de casa, pelo menos é isso que acho o mais correto, porque o que passei na minha vida de ruim eu não quero para aquela pessoa de volta.

(Humberto, diário de campo, setembro 2015)

Fernando faz uma frase interrogativa, quase afirmativa:

Mas geralmente a pessoa tenta passar o que ela viveu né?

Humberto responde:

É porque, deixa eu te dizer por quê? Porque quando a gente fala bem assim: eu venci! Dá a entender que tipo o fim da jornada foi bem ali, aí as pessoas pensam não precisam mudar mais nada, mas a etapa continua,

³¹ Condena a atitude de romper com a família, brigar, mas depois diz que é certo. Ambiguidades pertinentes à negociação do *se assumir* e *aceitação*.

venceu naquele instante, ora a fome não feita pra comida?! a comida não foi feita pra fome?! A bíblia cita que tanto uma coisa quanto a outra Deus vai aniquilar. Isso é provérbios...Então assim, independente das nossas escolhas, o que vai ficar são nossas ações aqui, não vai ser o meu nome, as minhas conquistas, o meu dinheiro, não! Isso aí é coisa material, vai acabar um dia...

(Humberto, diário de campo, setembro 2015)

Todos no grupo sempre querem falar um pouco sobre suas experiências de *se assumir* para a família e para a sociedade, enfatizando, cada um dos interlocutores, um aspecto diferente, mas todos apontam a ruptura e a negociação. David conta que:

Desde 17 anos que me assumi, mas eu tentei me colocar dentro da....eu sempre procurei namorar pessoas que não sejam gays rasgados, porque ele vai se comportar. Não adianta procurar uma pessoa só porque ela é bonita...a gente tem que se colocar no lugar da gente. Na minha família 90% é evangélico...a minha mãe chegava pra mim e nunca falava me agredindo, mas fazia piada: E aí? cadê sua namorada? Não sei o que...porque todo mundo tem namorada e você não?

(David, diário de campo, setembro 2015)

Humberto “brinca” falando de algumas estratégias usadas em casa, como o humor para “apaziguar” as tensões:

Ai o gay usa aquela: Qual delas? E todo mundo: eeehhh caraio, já tá assim? não sei o que....(risos)

David não acha muita graça e esboça um sorriso pálido e continua sério relatando:

Às vezes eu ficava chateado, porque eu respondia que não tinha, mas eles queriam que eu dissesse que eu era gay, entendeu?! Por que eles sabiam da minha opinião, então...

Humberto interrompe novamente para contar o seu caso sobre *se assumir* e como a família e ele lidaram/ lidam com isso:

E o meu caso: eu era doce demais: mamãe dizia: iiihhhh! Aí um dia eu quebrei o pau lá em casa e mamãe: é melhor tu se endireitar, ou tu se endireita ou Aí eu disse: eu tento ser gentil a senhora não gosta, eu tento ser grosseiro a senhora não gosta, decida! Ou é assim ou é assado, porque não dá pra eu tentar me identificar do jeito que sou. Sabe, eu cheguei e me invoquei...teve um tempo desse que discuti com a minha mãe sobre uma coisa que eu não tolero, que não vem ao caso agora. Aí no meio dessa

discussão eu perguntei pra ela e se eu fosse gay?³² A minha mãe chegou e falou: eu posso respeitar, mas por conta da palavra ela não ia me deixar morar na casa dela. O cúmulo da hipocrisia! A hipocrisia pior ainda, no mesmo dia meu pai tava lá e perguntei a mesma coisa pro papai também. Ele respondeu: o que? E se fosse gay? Isso aqui [aponta com o dedo para baixo como quem diz aqui, nessa casa] não vai acontecer. Eu olhei assim...Não denegrindo a imagem de ninguém, mas eu fui pra doutrina mórmon ela aceitou, espírita, já fui pro centro espírita e ela também aceitou, eu já fui pra tudo quanto é canto, eu posso ser qualquer coisa, eu posso ser até ET. Ela aceita que eu tenha amigos gays, mas eu não posso ser gay...ET pode, ser gay não pode. É incrível. A minha mãe ela tá evoluindo aos poucos, isso foi ano passado.

(Humberto, diário de campo, setembro 2015)

A fala de Humberto é exemplar no que se refere a fluxos do processo de *se assumir* e *aceitação*. Sua narrativa inicia-se revelando os conflitos e tensões constantes entre ele e os pais e, por fim, o trabalho do tempo como algo que faz “evoluir aos poucos”, ou seja, reconectar/apaziguar as relações.

As falas também são seguidas de outras que, sob minha interpretação, aparecem como uma forma de “quebrar o clima de tristeza” que todos compartilham com relatos desses processos de *se assumir* e *aceitação*. Na sequência daquela fala, Humberto continua da seguinte forma:

Eu parei pra analisar: a gente tava conversando lá em casa essa semana agora sobre seres de outros planetas. Será que Deus seria tão injusto de fazer somente um planeta que fosse composto pelos filhos dele pra caber todo mundo aqui?! Porque para pra analisar, porque se Deus fez a terra, que é aqui, para todos nós vivermos e fez o inferno que fica debaixo dos nossos pés e o cara é tão grande, não dá pra gente pensar que o inferno é debaixo da terra então também não dá pra pensar que existe somente a gente aqui. Ninguém ainda foi pro inferno, somente aquelas pessoas que realmente Deus levou, agora pessoas que morreram naturalmente não foram tanto que no velho da testamento diz que todas as que morreram foram para o mundo dos mortos...por que não foram pro céu? Porque não foram pro inferno?

(Humberto, diário de campo, setembro 2015)

Em outro domingo de culto, em abril de 2015, Moisés nos conta que também é de família evangélica e que participava de outra igreja, mas não consegue falar sobre o que aconteceu de fato depois que “se assumiu”. Não articula uma frase sobre o assunto e diz que é muito difícil ainda falar sobre isso.

³² A mãe de Humberto sabe que ele é gay. Através de não-ditos e brincadeiras (interpretação minha) ele revelou. Ele diz que mesmo antes, ela já sabia, sempre soube, mas não se fala claramente sobre isso na casa deles.

Desse modo, pode-se assinalar que os processos de *se assumir* e de *aceitação*, que marcam a trajetórias das pessoas daquele grupo, são temas frequentes entre eles e os relatos giram em torno do “drama” familiar vivido por eles. “Todos estes depoimentos evidenciam como é possível haver negociações complexas em torno da *aceitação* da diversidade por uma família, negociações em que dádivas, trocas afetivas e materiais podem ter um peso importante” (OLIVEIRA, 2013).

Para finalizar essa primeira parte a respeito dos processos de *se assumir* e *aceitação*, enfatizo a fala de David sobre a mudança social no que se refere à *aceitação* familiar e da sociedade em geral da homossexualidade. Para David:

Antigamente era mais difícil, os pais não aceitavam...hoje eles podem não gostar mais aceitam, porque era considerado uma opção...e não é uma opção. Ninguém opta ser gay...

(David, diário de campo, outubro de 2015)

Humberto completa relatando o que seria um *sonho* para eles. Um futuro ideal para a igreja:

Chegou a ver o filme orações para Bobby? Você lembra que o próprio filho foi pra igreja Metropolitana e converteu foi a mãe e ela foi a presidente da associação de pais e amigos dos LGBT...então se começarmos dentro de casa, eu sei que é difícil pra muitos, porque têm muitos que não é assumido, mas os que são assumidos, é bom começar por dentro de casa, porque aí vai ter mais coragem ainda de ajudar quem ainda não é assumido. Por que? Porque vai ter pais dentro da igreja que vão poder contar testemunhos de vida dos filhos...tanto de drogas, quanto de pais que tiraram aquela ira da cabeça de dizer que só heterossexuais entram no reino dos céus, sendo que na bíblia nem existe a palavra homossexual, nem efeminado não existia...então tipo, tem várias maneiras, através de estudos, escola bíblica, trabalho social, demonstrar amor mesmo ao próximo, entendeu?! Não é aquela coisa de amar sem preconceito, isso aí é muito superficial, mas tem que ser aquele amor ágape, não é que seja sempre sem nenhum mal, aquele amor que você consegue enxergar aquela pessoa igual como você, independente dela te odiar, dela não te ajudar.

(Humberto, diário de campo, outubro de 2015)

Assim, podemos perceber o imenso desejo por parte dos membros da IARI de unir sua vivência familiar com sua vivência religiosa e sexual. As falas, como as de Humberto, sempre giram em torno de desejo emergente de poder conciliar essas três dimensões da vida social (família, religião e sexualidade), sem ter que optar por uma ou outra, bem como poder transitar livremente entre elas. Interpreto que esse é o desejo mais evocado por eles.

Identifico um trânsito intenso e evidente entre igrejas de várias denominações e uma forte influência de suas igrejas de origem no que se refere às ideias e concepções de que a IARI é feita. Por inúmeras vezes, me deparei com relatos comparativos entre suas igrejas anteriores e a IARI, bem como relatos de que iam à IARI, mas não deixavam de ir ao culto com a mãe em outra igreja. Outros ainda contavam que, sempre que não havia culto na IARI, *não perdiam tempo* e iam a outras denominações. Esses trânsitos entre várias denominações evangélicas, não importa muito qual seja o nome ou tradição dessa outra igreja, são muito presentes entre os membros da IARI.

Neste trabalho, aponto esse trânsito a partir de duas perspectivas diferentes: na primeira, o trânsito se revela como forte elo com a família e com a religião praticada anteriormente, possibilitando a vivência de um *ethos* religioso e familiar, perdido ou fragilizado no processo de *se assumir* e *aceitação*. E, na segunda perspectiva, o trânsito se revela como a possibilidade de vivência e trajetórias em distintos mundos socioculturais. As duas perspectivas são tema de análise do próximo tópico.

3.2 A igreja de lá e a igreja de cá: as igrejas tradicionais de origem e o trânsito entre várias denominações e a IARI

Neste tópico, discutirei um dos pontos que mais me chamaram atenção pela fluidez e complexidade com que se apresentou em campo. É o que chamei de trânsitos³³, ou seja, uma busca pelo sentimento de pertença “perdido” com a saída ou expulsão das suas igrejas de origem.

Os relatos dão conta de uma “perda” de um “lugar no mundo” que compromete as vivências religiosas e familiares e tem lugar privilegiado no processo de subjetivação dessas pessoas.

Em mais um domingo de maio, em que sol fazia tremular o horizonte a nossa frente, fui novamente a IARI para mais um culto. Naquele domingo o portão estava

³³ O termo é encontrado em diversos trabalhos que falam sobre trânsitos religiosos em diferentes segmentos religiosos. Ver: Birman (1995), Almeida e Monteiro (2001) e Natividade (2010).

fechado e alguns membros da igreja aguardavam do lado de fora. Como a espera já passava da hora de início do culto, resolvi enviar uma mensagem, através do aplicativo de comunicação *WhatsApp* para o líder da igreja, perguntando sobre o culto daquele dia. Ele respondeu dizendo que estava fora de Manaus e que voltaria em breve, portanto não haveria culto naquele dia.

Havia dois outros jovens na porta, mas quando confirmei que o líder não viria naquele dia fomos embora juntos.

Ambos eram bem jovens, entre seus 15 e 17 anos. Um deles bem tímido e quase não falou, só perguntou se havia estado no seminário sobre teologia inclusiva. Eu respondi que não, então ele disse que havia sido *muito bom*. Eu falei “que pena que perdi, mas no próximo vou”. Ele segue andando rápido, pois me fala que não iria *perder a viagem, vou para o culto em outra igreja*.

O outro, José, de 17 anos conversou bastante comigo, enquanto aguardava o ônibus para casa. Ele relata que era a primeira vez que vinha à IARI e que sempre conversava com o líder e com outros membros pela rede social *Facebook*.

Continuamos a conversa e ele me contou que pertencia à igreja Adventista, mas que foi expulso, pois houve boatos que teria um caso com um irmão daquela igreja, que era recém-separado da esposa. Na “disciplina” que ele recebeu da igreja foi imediatamente expulso.

Perguntei: “Ué, eles não tem que advertir primeiro, para depois expulsar?” Ele respondeu: *pois é né, mas eu fui expulso na primeira e olha que era só boato, mas também eu danço e eles não gostam e também tem o meu jeito, né!*

Contou ainda que era da Adventista desde criança, que tem 17 anos, que mora com a mãe, mas ela ainda não sabe da sua sexualidade.

José me conta que não tinha problema não ter culto naquele dia, pois ele também iria para outra igreja, *não ia perder a viagem*.

Evidencio com esse relato que após essas pessoas serem disciplinadas, elas iniciam um itinerário de igreja em igreja, buscando um sentimento de pertença, como se fossem destituídas de seu status no mundo e buscassem reinterpretá-lo, reinserir-se novamente num modelo de mundo que sempre conheceram e do qual são, literalmente, expulsos.

Assim, a ideia de acolhida e pertença é acionada para evidenciar o que a IARI representa para esses jovens que buscam reinserção em um novo *ethos* religioso. Por

essa razão, também, o trânsito entre suas igrejas de origem ou outras igrejas é bastante comum, como veremos nos relatos dos interlocutores.

Carlos Lacerda Coelho Júnior (2014), ao descrever o caso de seu interlocutor Danúbio, seu interlocutor, apresenta uma constatação interessante a respeito do sentimento de pertença e acolhida, que também pode ser observada na IARI. O autor aponta que:

Mais uma vez, a ideia de acolhida ganha destaque, a possibilidade de ter contato mais uma vez com as escrituras sagradas, sem associá-la ao preconceito e injúria, forjou um sentimento de pertença, alcançando seu auge maior quando Danúbio se sentiu entre “iguais”. A construção, portanto, de uma comunidade de “iguais” (a Igreja Missionária Inclusiva), como bem afirma Danúbio em sua fala, é o espaço alternativo do reconhecimento, em que entre os mesmos é realizada essa espécie de respeito e amor fraternal. (COELHO JUNIOR, 2014, p. 167).

A acolhida na IARI é um ponto fundamental das discussões e elas giram sempre em torno de como as igrejas evangélicas tradicionais acolhem quem chega à igreja, em oposição às inclusivas, principalmente com relação à acolhida da sexualidade de quem chega. Um discurso que busca, ao mesmo tempo, o afastamento do discurso de preconceito que as igrejas tradicionais proferem na acolhida e a proposta de cura da homossexualidade dos que chegam ou estão nela, e, ao mesmo tempo buscam no discurso uma acolhida que inclua pessoas não heterossexuais, mas que contemple uma regulação da sexualidade e normatividade nas condutas.

Ao discutirem sobre evangelização na parada gay de Manaus, eles falam sobre camisetas, panfletos e frases adequadas para atrair o público da parada. Fernando diz:

Eu gostei de uma frase que eu vi escrita na marcha pra Jesus de 2013: Sorria! Jesus te aceita!

David rebate:

Não fica muita igreja evangélica tradicional ortodoxa essa frase?

Fernando:

Eu achei legal, eu achei legal...

David:

Eu também achei legal, mas eles podem pensar que a gente é evangélico tradicional, né?

Fernando:

Mas nenhuma igreja evangélica tradicional vai pra parada gay...

Humberto:

Eu tava até pensando em por a placa da igreja e atrás só o símbolo da célula e na frente esse dizer aí (sorria! Jesus te aceita) eu gostei...como é 5(reais) dá 75 (reais), a gente pode vender alguma coisa pra arrecadar dinheiro também...

Fernando:

Olha placa de igreja...a pessoa vê a placa de igreja, ela já se afasta...pensando que a gente vai lá obrigar a aceitar Jesus... (risos)

(Interlocutores, diário de campo, setembro de 2015)

Dessa forma, percebemos que os discursos dos membros da IARI sempre giram em oposição aos das igrejas tradicionais, enfatizando o aspecto da inclusão. Esse afastamento parcial do discurso das tradicionais busca agregar pessoas que já são evangélicas para congregar em um lugar que as aceitem como são, mas, ao mesmo tempo, busca “resgatar” jovens homossexuais que estão no “mundo”³⁴.

É prática comum que os membros da IARI circulem por outras igrejas e desenvolvam atividades e funções³⁵ nelas. Tanto em suas igrejas de origem, como em outras que dão espaço para eles.

Geralmente, nessas igrejas, eles se mantêm sob a égide do “segredo” ou ainda se encontram em fase de pressão social para que se “curem” da homossexualidade. Nesse sentido, inúmeros relatos desses trânsitos são sempre contados. Contudo, é comum enfatizarem que estão lá provisoriamente como frequentadores, não como membros. Da mesma forma estão na IARI na condição de frequentadores e não de membros. Nesse sentido, David nos esclarece:

Eu na igreja sempre fui muito perseguido, tanto é que eu tive que escolher...ou tá na igreja e me anular ou sair e levar a minha vida...tanto que dos 17 anos pra cá eu decidi sair da igreja e fiquei frequentando como frequentador, não como membro. Mas mesmo assim nunca achei um ministério...porque eu tanto lá, mesmo não sendo mais membro, eles começam a os próprios parentes, eles começam a acusar, eles jogam piada, fazem de tudo pra denegrir a imagem...ah, tava no shopping com homem e já tá aqui na igreja, sabe como é?! Então tipo assim, eu fui muito perseguido, até hoje eu sou e foi aí que decidi me afastar...

(David, diário de campo, novembro de 2015)

³⁴ A categoria de “mundo” será explicada e analisada com maiores detalhes no item 3.2 sobre estar dentro e fora da igreja.

³⁵ As funções e os dons exercidos na IARI e em outras igrejas serão o tema do subitem 3.1.1. Discuto que esse trânsito tem relação também com as funções exercidas e lugar social importante conquistado.

Identifiquei uma distinção importante entre frequentadores e membros. O primeiro é aquele que “faz visita na igreja”, ou seja, frequenta esporadicamente e pertence a outra igreja ou não pertence a nenhuma, enquanto o segundo é aquele que tem compromisso com a igreja. Fernando descreve melhor o membro da igreja:

Irmãos (as) acreditem no sonho de Deus. O nosso ministério é o primeiro na inclusão em toda a região Norte do país. Somos os pioneiros. Creiam o ministério se tornará numa das maiores potências em ministério da inclusão no reino de Deus. Milhares de vidas conheceram a Cristo através de suas, de nossas vidas. Só precisamos de pessoas que queiram mesmo compromisso com a obra. COMPROMISSO SÉRIO!

(Fernando, diário de campo, novembro de 2015)

Aquele que é membro da igreja precisa de compromisso e não pode transitar de uma igreja para outra, assumindo funções por onde passa. Na prática nem sempre é assim, pois, como foi exposto no início, os trânsitos são também fazedores de elo e de sociabilidade entre jovens evangélicos, abarcando aí todos, que, de uma denominação ou outra, participam desse *ethos* religioso, bem como forte pilar que mantém ou ameniza a ruptura/tensão/conflito nos processos de *se assumir* e *aceitação* por parte da família e da igreja do jovem homossexual. Sendo assim, é importante observar que as práticas e discursos são permeados por caminhos nem sempre condizentes um com outro, mas seguramente dotadas de sentido para os atores sociais que fazem conexões e perpassam caminhos fluídos em suas trajetórias.

Ao me apresentar Felipe, Humberto demonstra mais uma vez como são importantes esses fluxos e como eles buscam juntar pessoas que partilham de uma vivência similar. Humberto me fala:

Esse aqui é o Felipe, ele é do grupo já e tem também o José, ele tá numa banda que é composta de várias igrejas e ele já tem uma igreja e assim, não que eu queira pegar peixe no aquário dos outros, mas como ele é como a gente [gay] e ele já canta seria uma boa né,mas eu não tenho essa ideia.....Ele era da quadrangular.

(Humberto, diário de campo, outubro de 2015)

Sobre a fluidez dos trânsitos, o compromisso com a igreja e as pressões sociais envolvidas nesse trânsito, Humberto faz um relato exemplar:

Cadê? Olha o José semana passada ele não compareceu a célula, ele disse que foi na universal. Aí eu fui ontem no privado com ele e falei: José, fala a verdade, você não quer compromisso com a nossa igreja? Aí ele pegou e falou: olha acho melhor sair do grupo, porque eu acho melhor pra dois. Eu disse: eu não tô perguntando o que é melhor pra mim ou pra você...eu não

quero que a sua particularidade seja maior do que fé. Voltei e falei pra ele: você quer ir pra universal eu te respeito, ninguém é obrigado a vir pra cá...a nossa amizade continua, porém a nossa igreja tá num momento de crescimento, ela está começando do zero e ela precisa de pessoas que se acham capacitadas, que estejam disponíveis a trabalhar na obra, que queiram realmente um relacionamento sério com Deus, se namora melhor ainda, traz o namorado pra igreja que a gente interage com ele, ampara, conversa, discípula, faz o que achar que a pessoa é digna de receber, que a recepção é desse jeito. Do mesmo jeito que a gente aqui faz pros que também tão vindo. Porque como eu falei na semana passada: um dia eu não vou tá mais aqui e vocês vão me substituir Ninguém sabe o que vai acontecer comigo, eu posso ir pra outro ministério, eu posso ir pra outro país abrir outro ministério e isso pode acontecer com vocês também...então isso se trata de testemunhos de vida...então eu falei pra ele. Você quer ir na universal, vá, não vou te impedir, porém, te deixo bem claro que não pode servir a dois senhores...até eu peguei e falei se você quer sair tudo bem, eu não vou te impedir ...ele pegou e saiu livremente.

(Humberto, diário de campo, outubro de 2015)

Ainda sobre esses trânsitos religiosos, podemos apontar que eles revelam ainda, para além da manutenção de elos, trocas, redefinições, ressignificações. Assim, como ressalta Natividade (2010), “essa ideia é importante na compreensão sociológica de quais mudanças e alterações os grupos inclusivos vêm propiciando no campo religioso brasileiro e na sociedade mais ampla”. (p. 116)

De tal modo, podemos ainda perceber que esses trânsitos geram certa disputa para fixar e criar membros, não apenas frequentadores. No caso da IARI, o que mais se usa como atrativo no discurso é a possibilidade de inclusão, e ainda continuar exercendo uma sexualidade dissidente da heterossexual. Além de possibilitar um livre trânsito sem maiores problemas para os que circulam. Nesse sentido, a fala de Humberto nos mostra como isso é concebido:

Eu falei semana passada, eu prefiro mil vezes a pessoa resolver do que resolver e tirar a pessoa, não gosto de remover ninguém [do grupo da igreja]...eu não tenho coragem de remover ninguém, é melhor que saia, nem por força, nem por violência...tem que ser tudo na graça, na espontaneidade, né?...E foi isso que aconteceu...livre arbítrio! E ele voltou...livre arbítrio! O segredo é esse. O segredo é acabar com a perseguição e deixar que as coisas aconteçam, mas que acima de tudo possamos fazer nossa parte...por que na bíblia diz que se corta o dedo, se sente a dor no corpo inteiro daquele único dedo cortado e isso significa o que? Cada um é importante aqui, mesmo estando distante. Se você tá com raiva todos nós sentimos raiva, se você tá triste compartilhamos a mesma tristeza. Não é um dever...isso é amor. Você quer se juntar a gente automaticamente as coisas acontecem, você se ressent daqui que acontece com o outro. Isso acontece muito comigo, às vezes eu mando mensagem e a

pessoa diz: cara queria muito falar contigo mesmo, olha! Ou então já ia mandar mensagem pra ti. Sabe o que eu faço às vezes, não é marketing, eu chego pra pessoa quando eu converso e falo bem assim tava acabando de pensar em você! Cara, a pessoa se sente tão importante quando ouvem isso...o coração chega amolece..Sério? Sério, eu tava pensando em ti agora há pouco, tava a tua imagem na minha mente e do nada você apareceu ...imagina isso acontecendo dentro da igreja com as pessoas que a gente mais ama...a gente entra..a pessoa sendo diácono, aí uma pessoa estranha entra na igreja : Deus tava te esperando..sabe?

Quem mais?...ãh...o Mário, lá do Japiim, me conhecia há dois anos fora da igreja, ele se interessou e tá com a gente também. E, detalhe: é eles que vem atrás, não sou eu que vou lá. Nenhuma das pessoas que tão, como dizem nas outras igrejas, eu fui buscar no aquário dos outros, eu não fui buscar no aquário de ninguém. Eu fui nos grupos de sacanagem do WhatsApp, eu fui nos grupos de sacanagem do Facebook, eu fui em boates, eu fui em luais e foi de lá que fui achando cada um e a prova tá no grupo...Não tem como dizer que esse mover não funciona...não coloquei saco na cabeça de ninguém e nem algema nas mãos de ninguém, nem tão pouco denegrimos a imagem, nem tão pouco ameaçamos a salvação de vocês, pelo contrário, nós demos a garantia do galardão, que é diferente, né? Porque é no amor que Deus age, não na ameaça...eu não posso chegar e dizer que você vai pro inferno, aproveite que esse poderia ser seu último dia, não gente, que isso? Isso é pressão, isso é pressão mesmo...

(Humberto, diário de campo, outubro de 2015)

Os trânsitos são intensos e “as circulações devem ser entendidas em planos distintos, porém correlatas, como se houvesse uma retroalimentação que acelerasse tanto a mobilidade de fiéis quanto o trânsito de práticas e crenças, resultando na invenção religiosa e em novos agrupamentos de pessoas”. (ALMEIDA & MONTEIRO, 2001, p. 100).

Igualmente, os relatos de trânsitos e circulação dão conta de um processo que também faz parte de um *ethos* religioso que se configura na fluidez. Assim, podemos apontar à maneira de Almeida e Monteiro (2001), que essa circulação encontrada na IARI é uma circulação de crenças e valores, bem como algo intrinsecamente ligado a trajetórias dos indivíduos. A respeito disso, Humberto acrescenta que:

O João e o Gabriel saíram do grupo, eles eram namorados e não são mais, eles saíram da igreja, mas querem continuar no grupo do WhatsApp, eles saíram mais eu quero trazer eles de novo, é e porque eu sou assim, mas é tudo no amor, é tudo na paciência, mansidão, usando as palavras certas, tá fazendo alguma coisa errada você não chega julgando as pessoas...chega e dá uma palavra de apoio de fé, uma palavra de consolo, é assim que faço com todo mundo...

(Humberto, diário de campo, outubro de 2015)

Desse modo, é importante que compreendamos as trajetórias das pessoas, sem relacioná-las a uma instituição, ou seja, a circulação faz parte da experiência de subjetivação das pessoas. Nesse sentido,

Acredita-se, contudo, que essa correlação e interpenetração devem ser indicadas, em primeiro lugar, na trajetória do indivíduo (daí a necessidade de melhorar as perguntas sobre pertença religiosa, associando-as a dados qualitativos) e não propriamente na instituição. Os circuitos se concretizam e se tornam mais claros na trajetória do indivíduo, sendo que o acúmulo de experiências proporcionadas pelo trânsito torna o seu repertório religioso mais amplo do que o pregado pela instituição à qual se filiou em determinada etapa da vida. (ALMEIDA & MONTEIRO, 2001, p. 100)

Como mencionei acima, a prescrição é que a pessoa escolha uma igreja, escolha a IARI, mas isso é bem complicado, não somente pela tradição do trânsito entre igrejas, mas porque muitos têm família composta por membros de tradicionais há muitos anos e sempre precisam acompanhar ou fazer coisas para a família relacionada à igreja. Os relatos a seguir demonstram isso. Humberto pergunta sobre o que o líder falou para Mateus sobre ele frequentar outra igreja também. Daí se segue o seguinte diálogo:

E o que ele falou de você estar nas duas igrejas?

Mateus:

Ele disse que agora que só estou vindo na célula tudo bem, mas quando for pra igreja vou ter que escolher, porque tipo vou tá servindo a dois senhores, né? Ou escolheria uma e abandonaria a outra, mas lá na outra eu vou sair, mas não vou abandonar assim, vou como membro visitante, porque quando eles pedirem pra eu ir cantar, precisarem de mim, eu vou estar disponível pra eles, mas meu foco vai ser aqui...

Humberto reforça:

Nós estamos precisando de gente que trabalhe na nossa obra, não é que é obrigado, ela fica se ela quiser, livre arbítrio, porém nós estamos precisando de pessoas capacitadas que possam trabalhar pra obra do mover inclusivo...ele escolheu, ele escolheu, não obriguei. Obriguei? [solicita confirmação para o Felipe que sinaliza que não com a cabeça] tanto que eu falei pra ele...ele não vai conseguir ser feliz com uma pessoa que ele ama tanto naquela igreja..todo mundo lá sabe que ele é, porém a igreja não aceita...e a nossa igreja já é diferente...

David comenta:

Mas quando sai alguém a gente fica triste também, olha assim, nós estamos num projeto e esse projeto pra mudar a vida das pessoas, então se você sair

ou qualquer pessoa sair a gente se sente triste, porque a gente não foi capaz de mudar a vida daquela pessoa...

(Interlocutores, diário de campo, setembro de 2015)

Desse modo, é importante reiterar que esses trânsitos fazem parte da construção religiosa do indivíduo. Assinalo ainda que não se deve pensar essa questão sem relacioná-la com as trajetórias de pessoas que acumulam experiências e buscam um sentimento de pertença, uma sociabilidade evangélica e, ao mesmo tempo, a realização de sua sexualidade.

É importante que se coloque que a experiência dos trânsitos é algo que gera conflitos e ambiguidades. Diferentes discursos originários de diferentes tradições evangélicas se misturam dentro da IARI. A importância e influência da tradição é algo marcante nos trânsitos. O estar lá e cá é perpassado pela tradição e pelas funções dentro da igreja como algo que produz um lugar social importante e afirma laços tanto lá (nas tradicionais), quanto cá (na IARI).

3.2.1. A influência da tradição nos trânsitos e na IARI

Um dado interessante observado é que os membros da IARI, ao mesmo tempo em que se apresentam trazendo uma ideia inovadora de inclusão, em que se diz que os tempos mudaram, também se apresentam com ideias bastantes conservadoras advindas de suas experiências religiosas anteriores. David conta com espanto:

A igreja da minha mãe é bem tradicional, né! Eles tem uma visão... Eles saíram da igreja assembleia de Deus tradicional e formaram um ministério e lá eles trouxe a visão da igreja pro ministério, mudaram de nome, mas a mesma visão, o mesmo discipulado, tudo. Só que agora o pastor de lá aboliu a bíblia.

(David, diário de campo, outubro de 2015)

Humberto assustado diz:

Aboliu a bíblia? Como assim?

David continua:

É, porque ele [o pastor] dizia que o pessoal demorava muito pra achar e que agora era pra inovar e quem tivesse tablet era pra levar e baixar a bíblia. Aí ele dizia que a pessoa achava mais rápido o versículo, pesquisando no tablet ou celular...tinha até criança de tablet na igreja...o que tão esperando? O juízo final?

(Interlocutores, diário de campo, outubro de 2015)

Nessa hora, Humberto comenta sobre interpretações de trechos bíblicos ressaltando como o mover inclusivo é específico e requer estudo em oposição a outras teologias, sempre exaltando o caráter de lucidez interpretativa da bíblia que a teologia inclusiva possui. Humberto fala:

A dúvida que todo mundo tem, qual era a fruta que adão e Eva comeu? Todo mundo usa uma maçã, mas poderia ter sido uma manga, poderia ter sido uma acerola, uma uva, uma melancia, uma azeitona...ninguém imagina, porque virou padrão...outra coisa que eu descobri, porque a bíblia não identifica. Anjos não tem asas, anjos, anjos...no catolicismo diz que sim, os protestantes também, mas a bíblia não, somente nos trechos apócrifos, justamente nos trechos apócrifos que dizem

Fernando:

Não, mas lá em Isaias ele fala...

Humberto:

ANJOS, não serafins

Fernando:

Aé, verdade!

Humberto:

São! É porque eu sou bem específico, por isso é bom ser do mover inclusivo, tá vendo?! (risos)

(Interlocutores, diário de campo, outubro de 2015)

Desse modo, a interpretação do mover inclusivo sobre a bíblia é apontado como um diferencial importante e mais lúcido em relação às outras igrejas tradicionais das quais os membros da IARI são oriundos e circulam com frequência nelas.

É necessário entender essa questão a partir de um contexto mais amplo de análise das igrejas inclusivas no Brasil, em que o pluralismo e a dinâmica seguem a moda do campo religioso pentecostal e neopentecostal no país. Nesse sentido, Fátima Weiss (2013) aponta que:

A oferta religiosa para LGBTs tem aumentado significativamente nos últimos anos e a proliferação de Igrejas Inclusivas no Brasil segue uma dinâmica semelhante ao campo religioso (neo)pentecostal brasileiro (marcado por cismas e “revelações”) tanto nas estratégias para agregar adeptos, na

estrutura hierárquica e organizacional, como nas formas de ler e interpretar o texto bíblico. (WEISS, 2013)

As tradições, nesse sentido, se configuram como base importante para entender não somente os trânsitos dos membros da IARI entre várias denominações, mas também localizá-la no campo religioso brasileiro e compreender sua constituição.

Nessa perspectiva, é interessante perceber na influência das igrejas tradicionais de origem um embate muito forte dentro da IARI, que é a oposição que boa parte dos membros da IARI faz da teologia da prosperidade. Enfatizando que buscam *outras coisas na IARI, coisas do espírito*, levar a palavra para quem precisa e não o acúmulo de bens materiais e conforto. Observando o diálogo a seguir fica mais claro o alinhamento a esse pensamento:

David:

Mesmo que a igreja seja inclusiva, nós temos que ser....

Fernando interrompe:

Ser tradicional?!

David:

Tradicional não, ir na palavra... a minha mãe sempre foi da igreja, sempre foi tesoureira e sempre teve o emprego dela...é professora universitária, ela nunca tirou 1 real da igreja...ai hoje faltou gás eu vou pegar o dinheiro da igreja e depois eu boto, não...eu dizia assim, mãe por que a senhora não pega o dinheiro da igreja, depois repõe? Ninguém vai saber... Ela falava Deus me livre, eu e Deus sabemos, pode ninguém saber, mas eu e Deus sabemos então eu vou ficar sem gás...Deus vai dá um jeito e num instante ela arrumava e pronto. Dinheiro da igreja é uma coisa fora a parte... o mérito da questão é o seguinte: nós temos que ser lícitos independentemente de ser igreja inclusiva ou não, gente... eu não abri mão do ministério, eu abri mão do meu emprego ...se vocês levar essa ideia, falo isso aqui, falo pra qualquer pessoa do ministério, se vocês forem levar essa ideia de ostentação eu tô fora...quero uma igreja que agregue as pessoas, que agregue valores.

(Diário de campo, outubro de 2015)

Concepções de como arrecadar e aplicar o dinheiro da igreja passam diretamente pela influência da tradição, apontando, dessa forma, a estruturação e as diferentes disputas na inclusiva em Manaus. As falas que se seguem nos dizem bastante sobre essas concepções e disputas.

David fala sobre o dízimo:

Não tô dando o que meu [dízimo], porque tudo que eu tenho Deus me deu, eu tô devolvendo! Sou nascido na igreja, meus primos também, todos nascidos na igreja...só que tem alguns que saíram, que quiseram conhecer outras coisas. Tem uns que ficaram na igreja, mas não valem nada, roubam e tudo mais e outros que saíram e são pessoas boas, aí outro dia eu conversando com a minha mãe perguntei: o que vale mais? Tá na igreja ou ser uma pessoa íntegra? Aí ela falou assim: os dois tão condenados, todos os dois tão condenado.

Humberto completa:

A igreja não vai prosperar e, detalhe, a pessoa acaba sentindo que tem alguma coisa errada. Quem realmente é envolvido, não com a obra, mas com o mover espiritual, quando você se entrega de verdade, dá amor e devoção, não aquele fanatismo, porque aí vc já está sendo aquele devoto de placa de igreja (...). Então a gente sente quando uma coisa vem de bom grado, quando é uma coisa que tem uma cobertura divina, quando ela vem abençoada. Porque as outras pessoas sentem e tudo prospera...porque a prosperidade é quando é compartilhado com todo, não só com esperto...não é prosperidade, é exclusividade e exclusão. Exclusividade pros ricos, exclusão para os pobres e não é isso que nossa...

(Diário de campo, agosto de 2015)

Outros de tradição neopentecostal apoiam que a IARI siga “mais”, não completamente, na linha da teologia da prosperidade. Essas posições distintas revelam duas coisas: a primeira é que conseguimos identificar as diferentes tradições do protestantismo brasileiro; a segunda é o conflito entre prosperar e incluir. Nesse sentido, o diálogo que se segue é revelador:

Meu pai e minha mãe arrecadaram sapatos na igreja e entregam para pessoas que precisam...

Mateus:

Mas o problema das igrejas evangélicas é que só querem pra elas...

Humberto:

Eles perseguem coisas materiais...

Felipe:

Quando você não é evangélico eles te perseguem, te perseguem, te perseguem

Humberto:

Aí se você não perseguir seu objetivo, eles dizem: você não tem fé! Você não tem objetivo na vida! Você não tem foco! Gente, não é isso...É igual

dízimo, é pra Ele [aponta o Dedo pra cima] que vai voltar. E pra lá que nós vamos voltar, porque é de lá que viemos, por isso que nós temos que perseguir o nosso canto e a bíblia cita também, quem for perseverante até o fim receberá o galardão. Porque a pessoa quer o venha a nós, mas não quer o seja feita a vossa vontade...outra coisa também é que nós mesmo homossexual denigre nossa imagem, muitas vezes, porque nem o hétero sabe se é hétero, até o homossexual é cheio de não me toque, não me rele, aí quando uma pessoa toca quer tentar exigir os direitos dele, porque sabe que ele é o errado quando ele não consegue se definir...porque quando a gente mexe e eles não gostam não tem uma lei que defenda, mas pra gente tem uma lei contra homofobia, eu acho isso um pouco injusto.

(Interlocutores, diário de campo, outubro de 2015)

Na finalização da fala de Humberto, podemos perceber as ambiguidades e posições em conflito entre o estar lá, partilhar do discurso das igrejas tradicionais de origem, e o estar cá, na inclusiva. A princípio parece contraditório, mas analisando mais a fundo percebemos que faz todo o sentido, pois se alinha a uma inclusão normativa e conservadora. E, nesse aspecto, o prosperar, defendido por parte do grupo, ganha entrada na IARI e se engloba numa gama de valores e perspectivas que são trazidas da igreja de origem.

Assim, torna-se imprescindível compreender a IARI a partir das trajetórias dos membros, das tradições evangélicas a que são ou eram filiados e esse trânsito que tem impacto direto na formação e estruturação da IARI. É importante atentar também para “as trajetórias religiosas anteriores dos/as líderes fundadores/as das igrejas inclusivas (grande parte advinda de igrejas pentecostais e neopentecostais) [...] para a compreensão da dinâmica das instituições e de suas hierarquias e cosmologias”. (WEISS, 2013). E, nesse sentido, tais dinâmicas têm grande força numa teologia inclusiva própria do grupo, nas normatividades de práticas sexuais e no acolhimento a pessoas LGBT, onde o G se sobressai como “padrão de inclusão”.

É importante salientar como a influência da tradição religiosa da qual pertencem os membros da IARI é constitutiva de valores dentro da IARI, bem como “colabora” para o trânsito entre denominações, além de ser ponto de conflitos e tensões, fazendo muitas vezes com que sejam rompidos laços com a igreja, com certa facilidade, justamente por conta dessas visões de diferentes igrejas quando se encontram em uma inclusiva.

O que os une é a sexualidade, a sociabilidade evangélica e o sentimento de pertença, mas as dimensões/concepções/teologias da religião de tradição os separam. Há

uma possibilidade desse ponto mesmo ser o motivo de uma não consolidação da igreja inclusiva até hoje em Manaus.

Uma questão importante que faz com que a fluidez e o trânsito aconteçam, não somente dos membros, mas de concepções, valores e práticas de outras igrejas, são as funções exercidas dentro da igreja. Ela propicia um lugar social importante que mantém um vínculo tanto com a igreja de origem, quanto com a IARI.

3.2.2 Das funções e dos dons dentro da igreja como justificativa para o trânsito e para o “ficar” na IARI

Complementando o item anterior sobre os trânsitos, enfatizo aqui a importância dos dons e das funções dentro da igreja, na constituição de um lugar social tanto na igreja de origem como na IARI.

Num domingo de agosto, eis que se segue a seguinte fala, reveladora sobre a importância dos dons e funções dentro da igreja, e novamente se observa a oposição em relação às igrejas tradicionais.

A bíblia diz que Deus nos habilita a ter quais dons?...as igrejas convencionais só adoram a qual? A principal...a de línguas estranhas, porém a maioria peca pela seguinte questão...E acho que ele vai concordar comigo porque ele também leu a bíblia muito...quem herdou o dom de línguas estranhas deveria ter também o dom de interpretação...porque como é que você vai receber uma benção do Espírito Santo e essa pessoa não vai entender. A mesma coisa, oh, quer ver eu, por exemplo, não tenho o dom de línguas, eu não tenho, mas uma vez eu sonhei que teria e aconteceu justamente no ato de eu ter me assumido, eu sonhei que estava tendo dom de línguas, porém Deus me presenteou com um dom muito melhor, e eu sou muito grata por isso, que é o dom de revelação... Porque vai ter que crescer dons aqui dentro, com seus respectivos talentos pra poder crescer esse mover inclusivo...É bom a gente fazer panfleto também pra cada um entregar na escola, no seu trabalho e ir ajudando mais e mais LGBT...eu tô querendo fazer panfleto da nossa célula, pra ir entregando assim nem que seja na rua...

(Humberto, Diário de campo, agosto de 2015)

Saliento um ponto que me chamou bastante atenção durante o trabalho de campo: é a estima dada pelos interlocutores para as funções realizadas na igreja e para os dons recebidos de Deus.

Mateus, ao relatar sobre a descoberta de seus dons fala de uma “nova pessoa” que se descobre, que nasce novamente mudada, desvenda coisas que nem mesmo ele sabia que podia fazer. Na socialização da igreja essas pessoas se descobrem e se constroem. Sobre sua trajetória e descoberta, segue relato de Mateus:

Tudo começou há um ano atrás, não, há 1 ano atrás não, alguns tempos atrás. O Humberto me conheceu como eu era antes, eu era insuportável, era uma pessoa chata...acho que vocês deveriam tá se perguntando porque eu fiquei calado [Durante a reunião] é, eu não tô muito bem...uma coisa que aconteceu comigo agora no ônibus, mas é fora a parte isso e também porque meu aparelho [ortodôntico] tá quebrado e entra dentro disso aqui meu [mostra a gengiva] e corta, aí por isso que eu não posso falar muito...bom, ele me conheceu ano passado acho, ele quase não conseguia teclar comigo porque eu era uma pessoa ignorante, ele falava comigo eu dava umas 20, 30 patadas...ninguém me aturava, até meu ex-namorado também não me aturava, eu sempre quis as coisas na hora, então ninguém me suportava, até na própria escola eu não fazia amizade com ninguém, principalmente por eu ser uma pessoa arrogante eu queria ser melhor de que todo mundo da sala de aula, pegar notas altas, humilhar todo mundo na escola, entendeu? Aí...bom, eu voltei pra Rondônia, até minha própria família não tava me aguentando...aí meu irmão, ele tem um filho e ele tem 15 anos de idade meu irmão e já tem um filho e também é gay o meu irmão...então assim, eu não moro com os meus pais biológicos, eu moro com meus avós, que me criaram desde dois meses de vida, porque minha mãe falou, dizem né, porque eu só tinha dois meses e não dava pra mim saber, que eu na vida dela só seria um encosto, que tinha sido uma coisa que não era planejada ou seja que ela não me queria mesmo, entendeu? Ela até pensou em me abortar, mas aí ela me deu pros meus avós e meus avós me criaram e agora eu que chamo de pai e mãe pra eles e eles também tão criando o filho do meu irmão, que é do mundo agora [o irmão dele é do “mundo” agora e se descobriu gay há pouco tempo, depois que teve um filho com uma moça]...aí eu com ciúmes do meu sobrinho, do meu próprio sobrinho, eu falei, eu chegava com ódio, eu carregava a criança e jogava ele e ele tem um aninho ainda e sei lá eu odiava muito ele...minha família tava querendo me expulsar, eu tava virando o demônio...aí tá, eu mesmo sai de casa, fui morar na casa de um amigo por dois meses só e fui participar de um célula da Igreja da Paz lá em Rondônia e nisso foi me mudando, eu fui me sentindo...nossa!...Mas eu não aceitei Jesus de primeira logo...não, foi aceitar ainda não, não tô preparado, eu falava assim..aí eu fui mudando, mudando, aí meu próprio familiar percebeu que eu fui mudando, já não era aquela pessoa arrogante que eu era antes...eu era coreógrafo lá, no mês de julho, sempre eu viajo pra coreografar, aí nisso que vim pra Manaus e eu voltei de novo pra coreografar, a minha família percebeu que eu já estava uma pessoa totalmente mudada.

Os relatos do “antes e depois” de uma nova pessoa que “nasce” após a entrada na igreja são sempre permeados por descobertas de si, isto é, de subjetividades que importam e que conferem uma sociabilidade que possibilita uma experiência social em que se é acolhido e escolhido/especial. Mateus segue seu relato falando dessa mudança:

Eu também me pergunto por que eu mudei? Será se foi porque eu quis ou alguém fez eu mudar? Exatamente foi porque, foi um milagre que aconteceu na minha, porque até mesmo eu não me suportava mais e sei lá, eu entrei...no bairro que eu moro tem duas igrejas, uma de cada lado, de um lado a Batista e do outro a igreja Filadélfia e eu participava da igreja Filadélfia. Eu entrei pela primeira vez...antes de eu entrar a primeira vez eu ficava, meu Deus será que eu entro? Aí alguma coisa dizia: não entra, aí eu voltava, trocava de roupa, tirava a roupa e vestia outra roupa, aí eu ficava assim trocando de roupa enrolando pra não ir na igreja (risos) aí um dia eu falei uma coisa assim: aí Senhor, se eu não for nessa igreja hoje quero que o Senhor me castigue de uma maneira cruel. Aí eu peguei tomei banho de novo e troquei de roupa de novo. Eu fui, quando eu abri a porta assim...parecia que todo mundo tava me esperando, porque todo mundo já me recebeu...) me perguntaram meu nome, me deram atenção, aí eu gostei daquilo, sabe? Me acolheram muito bem...nisso eu fui numa terça-feira e no sábado já me convidaram pra um acampamento na igreja mesmo, era pra passar a noite toda acordado dentro da igreja, fazendo atividade e nisso eu nem sabia que sabia escrever músicas, não sabia que sabia cantar perfeitamente, não sabia que eu sabia me expressar, que eu sabia falar com as pessoas de uma maneira educadamente...e, eu peguei e fui, chegou lá a gente jantou meia-noite pra poder aguentar o resto da noite..aí a professora de lá falou mesmo assim: bora fazer uma gincana...vocês tem 1 hora pra escrever uma música e cantar aqui na frente. Aí eu fiquei só com pirralhos mesmo, crianças (risos) e só eu grande [ele tem 16 anos] lá...aí eu perguntava pra um você sabe cantar? Aí ele não sei nem escrever (mais risos) aí ela deu a bíblia pra nós tirarmos uma música de lá ...eu escrevi umas frases só da bíblia e as outras eu tirei da minha própria cabeça e aí na hora de cantar eu pedi pra o menino de lá tocar violão..aí foi pronto, eu descobri que eu tinha um dom, aí desde lá comecei a gostar de escrever..acho que agora eu já estou com seis músicas pra igreja e eles gostam, e tipo, eu também ensaio na igreja e Deus tocou a minha vida na hora que eu mais precisava aí fez eu mudar, porque eu era uma pessoa assim insuportável...Ele fez milagre, que era muito...

(Mateus, diário de campo, agosto de 2015)

Ao dar seu testemunho Mateus fala de duas questões que eu gostaria de ressaltar: a primeira se refere ao seu trânsito entre a IARI e a Filadélfia, fortemente marcado pelo desempenho de uma função que lhe confere um lugar social importante e que ele zela pela manutenção. Lá, ele está sob o abrigo do segredo. A segunda questão para a qual chamo atenção é com relação à constituição da trajetória e da subjetividade da pessoa pautada nos dons e funções que a possibilitam conhecer a si próprio e adquirir um valor

para si e para o grupo social o qual pertence. Essa segunda questão pode ser pensada como forma de manter/amenizar o conflito e a “perda” de um lugar social no processo de *se assumir*.

A respeito do dom como valor recebido do *Altíssimo* e como *o estatuto* do indivíduo dentro de uma denominação são muitos os relatos que dão conta da importância dos dons recebidos e como eles devem ser usados. Sobre isso, Humberto esclarece:

Mas aí a pessoa já acha que é forçado e não é forçado...se a pessoa não tem aquele dom, a gente ajuda a instruir ela, quantos e quantos meninos gordos queriam entrar num grupo de dança, não podem por ser gordos, quantas e quantas meninas queriam tocar numa banda e não podem porque dizem que é coisa de meninos...aí os mais velhos ficam na frente pregando, enquanto os mais novos não têm esse direito...eles tem maioria, mais experiência, tudo bem, mas...a bíblia se renova, a interpretação das sagradas escrituras se renovam,...então deveríamos no mínimo acompanhar essa essência, todos nós, porque querendo ou não um dia não estaremos aqui e outros que vão substituir, aí é nosso dever dar a oportunidade a eles, porque é nosso dever...aí quando chegar nossa hora Deus vai chegar e dizer: servo bom e fiel entra no gozo do pai da casa Abraão, não no sentido de morrer (risos)...é antes eu pensava assim, mas é no sentido de chegou, acabou, o que tinha determinado pra você tá aí...ele vai chegar e vai dizer isso, em algum momento ele vai chegar e dizer isso...ele sempre dá a oportunidade de abriremos mais um segredo, seja com um amigo ou inimigo...sempre Deus nos capacita e nos ajuda de alguma maneira...

E continua:

Você pode trabalhar nos dois...você pode cantar e evangelizar ao mesmo tempo...por isso que é bom a gente tirar foto aqui pra postar pra todo mundo vê e as pessoas vão começar a se interessar...só de vocês estarem aqui já é um testemunho do mover inclusivo, por quê? Porque vocês são inclusivos...aí vão dizer, ah mostra na bíblia, eu vou dizer não vou mostrar na bíblia não, vou mostrar na minha vida...isso é o que importa no momento...

David:

Eu também sou levita e quando Deus te mostra o dom, começa a fluir de forma natural e as pessoas pensam que você faz aqui ali pra se amostrar...

Humberto:

Não! Não é não, porque nem mesmo você se enxerga fazendo aquilo...

David:

Eu lembro que quando eu cantava na igreja, eu conhecia as músicas e as pessoas falavam assim canta a música tal e eu não ensaiava playback e todo mundo que era da igreja ensaiava e eu cantava e dava aquela emoção na igreja e eu em momento nenhum ensaiei, eu pegava de ouvido mesmo...

Mateus:

Tá igual eu...eu pegava coreografia só de olhar e lembro coreografia de 2003 até hoje...estamos em 2015...12 nos, eu tava com 10 anos...

David interrompe:

Pois é, então a gente tava conversando sobre inclusão...inclusão em todos os setores...a pessoa que não canta, toca...vai ter que fazer alguma coisa...

(Interlocutores, diário de campo, outubro de 2015)

Os dons e funções foram trazidos para este trabalho como categorias de análise, primeiramente, porque foram recorrentes nas falas, apresentando-se como categorias que são constitutivas do trânsito e, segundo, porque surgem como uma questão que faz parte da construção da subjetividade, da sociabilidade e das trajetórias deles dentro das igrejas que já frequentaram e se tornam importantes para sua permanência na IARI. A relação entre os dons e a sexualidade é algo a ser explorado, pois, durante os disciplinamentos, muitas pessoas são proibidas de exercer seus dons. Na IARI, os relatos revelam que este é um dos aspectos que faz com que o trânsito aconteça e a vinda para a IARI revela-se como uma possibilidade de exercer o dom e a sexualidade de maneira simultânea.

Os trânsitos não são somente religiosos, os membros da IARI circulam por diversos espaços de sociabilidade. Alguns desses espaços nem sempre são aprovados pela IARI. O jovem homossexual que “se assume” transita por outros espaços que criam conflitos e tensões não somente com a igreja, mas, principalmente, consigo mesmo e com a família. Estar dentro e estar fora da igreja é um dilema que se apresenta com frequência na IARI, sendo o tema do próximo tópico deste capítulo.

3.3 Estar dentro e estar fora da igreja

A categoria “mundo” acionada, principalmente, por fiéis religiosos cristãos, se refere à ideia de que fora da igreja o fiel está “no mundo” sujeito a práticas consideradas denegritórias, como fazer uso de bebida alcoólica, fumo, práticas sexuais não-heterossexuais e fora do casamento (no caso da igreja inclusiva, essa prática poderia “corresponder” a relação de homossexuais com parceiros que não sejam namorados ou casados), ter sociabilidade noturna em festas e boates, entre outras práticas.

Essa categoria é bastante acionada também em trânsitos entre estar dentro e estar fora da igreja. Estar no “no mundo” significa estar fora da igreja e, por consequência, em pecado. Assim, estar dentro, mesmo que seja de uma igreja inclusiva proporciona certo alívio na tensão subjetiva e no “medo” de estar “no mundo”, ao mesmo tempo em que mantém os laços com a família, porque *mesmo sendo homossexual pelo menos não está no “no mundo”*. Esse tipo de negociação é feita durante o processo de *se assumir* e tem peso enorme no maior ou menor grau da *aceitação* da homossexualidade.

Nesse sentido, Gomes (2010) aponta que a prática de “estar no mundo e estar na igreja” busca conciliar valores fundamentais, historicamente construídos, com a diversidade de práticas disponíveis na esfera cultural mais ampla. Essas práticas culturais evangélicas, segundo o autor, têm sido catalisadas com maior eficiência pelo meio jovem. (GOMES, 2010)

Sobre o alívio de estar dentro de uma igreja, segue o seguinte diálogo que nos apresenta a questão. Humberto pergunta a David:

Mas agora frequentando a nossa igreja? Vocês ficam mais leves (risos)

David:

Com certeza...agora eu me sinto melhor...eu tava falando pra ele que tem muita gente que precisa, porque às vezes a pessoa tá em pecado, porque ela não acha uma palavra, ela não acha um caminho, é abominado...é perseguido...

Humberto:

É essa cruz que temos que carregar...a cruz de muitos que se perdem por conta de nós não termos tido acesso pra salvar ela ou pra dar uma voz de salvação pra ela, como o exemplo daquele menino que morreu no

Maranhão³⁶ ano passado, se jogou, se matou...poxa porque que a palavra não chegou a lá, porque que a gente não foi até lá...eu mesmo sou assim, chamo a pessoa pra conversar e eu vou, agora mesmo eu tava comentando,(...) eu acho muito bom, tanto é que eu acredito o nesse ministério, e eu não tô usando o bordão de mórmon não, que eles falam assim geralmente. Mas eu preso realmente o testemunho de vida que eu tenho nessa igreja que por três anos ela me salvou...quantas vezes eu queria estar no ministério de louvor ou dança, porque eu era levita, eu fui revelado ministério de levita, canta, mas eu amava, eu era apaixonado pela dança...minha mãe era de dança e ela nunca deixou...

(Interlocutores, diário de campo, agosto de 2015)

Estar dentro de uma igreja, ou seja, ser membro ou frequentador, não importa muito, além de representar alívio do medo de estar “no mundo”, surge como uma categoria êmica que garante uma segurança espiritual, ou seja, a pessoa está sob proteção divina, além de deixar a pessoa com atributos considerados valorosos por eles, como o falar calmamente e em tom baixo, andar de modo considerado elegante e apropriado, o agir com sabedoria, uma conduta santificada³⁷. Humberto nos explica o que ocorre ao estar dentro da igreja:

Você fica mais bonito...para pra analisar realmente você fica mais bonito quando você tá numa igreja, você começa a agir de uma forma que estando do lado de fora você não agia...a sua sabedoria começa a exercer sua função de forma mais controlada, de uma forma mais moderada que você não utilizava. Antigamente era por instinto, curtir o momento, é agora e já, e é 1 e é 2 (afobação)...o linguajar muda, a forma como você gesticula, as palavras que você usa...tem gente que vai pra igreja a princípio, vou pra tua igreja pra agir dessa maneira, mas aí ele vai e ele pode até não ver isso, e o Espírito Santo revela de outra maneira, né? E detalhe, você nem precisa ser líder pra isso, porque o fato de você tá numa igreja como a nossa já te torna um líder de alguma maneira, te torna um ministro do evangelho...em que sentido? É porque você já absorve aquilo ali, você acorda, come, até nos momentos mais ruins Deus tá ali...mas porque Deus permite? É! Muitas vezes Ele até permite, mas às vezes é um teste, às vezes Ele quer te capacitar para alguma coisa. Ele viu alguma coisa errada ali, segundo o histórico da sua vida diz, tanto que até a bíblia cita que até os demônios, os anjos do inferno se reverenciam ao lado de Deus, por quê? Não por Ele ser todo poderoso, por Ele ser Deus, mas também porque Ele sabe de todas as coisas...

(Humberto, diário de campo, agosto de 2015)

³⁶ Caso de um jovem homossexual que se matou no estado do Maranhão e que foi bastante comentado na mídia

³⁷ No sentido de Natividade (2010). Abordo a questão da conduta desejada na IARI no próximo item deste capítulo.

As dimensões da vida social, como sexualidade e religiosidade, a princípio, parecem antagônicas, mas logo vemos que elas fazem parte do processo de construção e subjetivação das pessoas. Os discursos e atitudes dos membros da IARI, em um primeiro momento, podem parecer contraditórios, pois ao mesmo tempo em que prezam por uma “homossexualidade santificada” (NATIVIDADE, 2010), querem e experimentam uma “homossexualidade secular”. Enfatizo que essas fronteiras³⁸ fazem parte do processo de construção da subjetividade dessas pessoas, na medida em que apontam também sua juventude como algo que permite transitar nessa fronteira entre o estar no mundo e estar na igreja, construindo assim sua subjetividade, *self* e sociabilidade que marcaram suas trajetórias.

Os comentários sobre namoro são sempre proibidos no grupo, com exceção se forem no sentido de encontrar alguém da igreja, de casar, mas marcar encontros, fotos sem camisa, flertes, são proibidos também no grupo do *WhatsApp*. Contudo, há sempre caminhos de burlar essa norma, como veremos mais adiante. As brigas por conta disso causam conflitos e saídas do grupo. Mateus diz:

Quando eu falei namoro ele se revoltou no grupo, eu comecei a rir, porque foi na brincadeira...eu ri muito em casa.

Mas ele conversou comigo e também entendeu que foi na brincadeira, ele também levou na brincadeira...naquela hora eu pensei, meu Deus lá vai o Moisés sair do grupo, lá vai eu de novo atrás do Moisés [risos] só que antes eu falei com o Mateus [que tinha comentado sobre namoro no grupo e Moisés não gostou porque se tratava de um grupo religioso] na passividade, no amor, pedaço de pau (risos)

Moisés:

Ficar na minha, só olhando...

Mateus:

Ele quer participar, mas ficar mais observando assim...

Humberto:

Tentando se encaixar é isso? Tentando te achar dentro do ministério é isso? Ou tu quer achar alguém no ministério? (risos)

³⁸A categoria fronteira aqui é pensada como categoria que produz um sentido às situações difíceis de lidar e ao mesmo tempo cria relações. Desse modo, pode-se, então, pensar no texto não como algo acabado, mas em processo de produção. Além da imagem do texto, podemos também falar do envolvimento no dia-a-dia como um envolvimento com a criação de fronteiras em diversas regiões do *self* e da sociabilidade. (DAS, 1999)

Moisés:

Não, não quero mais ninguém na minha vida...eu não quero, né?! Mas só Deus sabe da minha vida...quero conhecer, quero acompanhar...ir convivendo com vocês...

Humberto:

Aaah, você quer entender o mover da igreja...

Moisés: *isso mesmo...*

(Interlocutores, diário de campo, 2015)

Assim, a IARI se define em relação de oposição simbiótica com as “coisas mundanas” que a rodeiam e a encerram. Não se pode entender os significados dessas aparentes ambiguidades sem examinar a trama das relações sociais e simbólicas que se tecem no interior e ao “redor” da IARI, meio e motor do universo subjetivo e social dessas pessoas. A IARI oferece um lugar de sociabilidade protegida e direcionada para o universo que eles viviam antes do processo de *se assumir*, uma (re) ligação com a família e com a igreja de origem.

Com relação a essa questão, Mateus faz um relato, e depois, em particular, me confessa que ainda ficou em alguns grupos de relacionamento ou de “sacanagem” ou que sai de todos e depois entra novamente. Ele explica:

Eu tava saindo de alguns grupos porque eu não tava mais aguentando, porque era 24, 42 horas estavam no meu PV pedindo as coisas que eu não queria fazer, coisas que jamais iria mandar, fotos nuas e de fazendo pose...aí o que fiz? Eu tava em vários grupos, mais de 80 grupos, digamos, aí eu peguei e fui saindo de todos...igual uma vez que postei uma foto minha sem camisa no grupo [da célula] e uma pessoa saiu, mas eu não sabia das regras.

(Mateus, diário de campo, agosto de 2015)

Os discursos aparentemente contraditórios não se limitam à sexualidade e à conduta, eles também dizem respeito ao universo religioso dessas pessoas, pois transitam em igrejas distintas antes de se encontrarem na IARI, bem como trânsitos místicos, mas sem deixar de haver conflitos por conta disso. Nesse sentido, ao passar um vendedor de artesanato e nos oferecer colares com pedras e símbolos, Humberto comenta:

Adivinha qual foi o amuleto que caiu para o meu signo. Eu não sou esotérico, mas caiu justamente o que tem mais preconceito.

David diz:

A cobra? O triângulo?

Humberto:

Sim, o triângulo. Vê se pode?!

A uma postagem de áudio de um membro que gravou sobre amuletos da sorte, outro responde que:

+55 92 XXXX-XXXX: Oxi, isso é um grupo espiritual ou de misticismo? já existe orações poderosas ou menos poderosas? Se a própria bíblia nos ensina que nem sabemos orar como convém...Devemos tomar cuidado com esses tipos de mensagens, as coisas de Deus não devem ser comparadas como amuletos de sorte, isso é crenças de povos pagãos.

Desse modo, é possível observar os múltiplos domínios da vida social que são parte das trajetórias que constroem a pessoa subjetivamente e socialmente. Assim, “a experiência religiosa é pensada como parte de um processo de construção de si, em conexão com outros domínios da vida social, como: percurso sexual amoroso, história familiar e etapa da vida”. (NATIVIDADE, 2005, p.248)

Reproduzo aqui as colocações de Musskopf (2008) sobre como ambiguidades fazem parte dos processos de constituição de si, como assinala também Duarte (2005), e de articulação política. Para Musskopf (2008);

Com isto, não se quer afirmar que exista uma relação direta e simples entre a diversidade religiosa e a diversidade sexual, e a ambiguidade que caracteriza ambas. Quer-se, no entanto, apontar para as possibilidades de articulação entre elas, em nível político, eclesial e teológico, no sentido de que esta articulação possa dar conta da realidade na qual as pessoas vivem sua religiosidade e sexualidade e libertá-las de preconceitos e culpas[...]. (MUSSKOPF, 2008, p. 110)

Nesse sentido, então, torna-se fundamental olhar para os trânsitos entre diferentes denominações e entre a vida na igreja e “no mundo”. Eles nos falam da realidade na qual as pessoas vivem, nos diferentes lugares de constituição de si, das religiosidades, sexualidades e em última análise dos processos de construção das subjetividades das pessoas. Assim, veremos ainda, no próximo tópico deste capítulo, as dimensões conflitivas e tensas pelas quais os sujeitos se deslocam.

3.4 A homossexualidade e a igreja: Normas prescritivas de relacionamentos e de conduta

A IARI se caracteriza por ser uma igreja inclusiva para homens homossexuais como pôde ser visto através dos perfis dos interlocutores na primeira parte deste trabalho e também dos dados empíricos relatados.

Observando o discurso elaborado pela Igreja Cristã Contemporânea sobre a homossexualidade – um discurso marcado pelo desejo de extinguir ou minimizar a separação entre os ditos homossexuais e heterossexuais –, Marcelo Natividade bem nos lembra que:

A busca por reconhecimento social é perpassada por uma constante reflexão sobre como proceder na promoção da igualdade: tomar a diferença como eixo das reivindicações ou elaborar discursos que tendem a apagá-la, forjando fendas e forçando rachaduras em sistemas de valores tradicionais, de modo a obter mudanças estruturais mais profundas? (NATIVIDADE, 2010, p. 112).

Natividade e Oliveira (2013), ao apontar como as inclusivas aparecem “contra o monopólio heterossexista do poder religioso”, evidenciam o modo como a diversidade sexual é significada nos cultos das igrejas inclusivas, demonstrando a dissidência em relação às igrejas convencionais, por um lado, e, por outro, demonstram como os discursos de acolhimentos pastorais de igrejas tradicionais agem como reguladores da sexualidade e condutas dirigidas à população LGBT, usando o discurso do “odiamos o pecado”, mas amamos o pecador.

Nesse sentido, aponto a experiência da IARI como um “meio termo” entre o discurso inclusivo e o das tradicionais, pois ao mesmo tempo em que inclui a população LGBT, em que a população G se sobressai, prescreve normatividades de conduta e regulações da sexualidade desses. Natividade (2010) apresenta uma perfeita definição sobre esse aspecto, ao relatar que “um líder da Comunidade Cristã Nova Esperança, definiu-se como um “inclusivo” um pouco “fundamentalista”, em função dos posicionamentos que sustenta sobre o que é ser um gay cristão: é contra o sexo sem compromisso e tem uma atitude crítica em face da “efeminação””.

Ao contrário, por exemplo, de estudos em igrejas inclusivas que valorizam “os femininos”. Se para ICM-SP o “dar pinta” é valorizado (WEISS, 2012), na IARI³⁹ ele é condenado e a norma prescrita é o “gay valoroso”. Assim, “O “gay cristão”, ou o “homossexual inclusivo” é virtualmente definido em termos da responsabilidade, da consciência de cidadania, da discricção/contenção, da não “promiscuidade” e da busca pela santidade”. (NATIVIDADE, 2010). Nesse sentido, David, um dos interlocutores dessa pesquisa, aponta que:

Desde 17 anos que me assumi, mas eu tentei me colocar dentro da....eu sempre procurei namorar pessoas que não sejam gays rasgados, porque ele vai se comportar. Não adianta procurar uma pessoa só porque ela é bonita...a gente tem que se colocar no lugar da gente...

Humberto fala da dificuldade de conseguir namorar sem sexo. E o líder da igreja reafirma *é preciso casar!* Diz ainda que: *sabemos que estamos pecando quando fazemos sexo fora do casamento, não iremos nos matar por isso, mas sabemos que é pecado.*

Calma aí...se a gente for na palavra, então vamos entrar na teologia. Na teologia inclusiva o versículo que a gente estuda deve ser estudado de três maneiras: alegórica, metafórica e literal...eu volto a dizer como disse da última vez, o versículo da bíblia que diz que a mão direita te faz pecar, que corte-a fora, se eu for pelo sentido literal...que Deus me perdoe pela expressão e que vocês me perdoem também. Eu me masturbo, eu vou cortar minha mão direita fora porque eu me masturbei? Ao pé da letra como diz a bíblia? Se teu olho direito te fez pecar corta fora...eu vou cortar meu olho direito porque eu vi filme pornô? Eu sei que é pecado...

Normas prescritivas de regulação da sexualidade e conduta dão o tom dos comportamentos adequados e não adequados, condenando namoros fora da igreja, pegação, sexo fora do casamento, atividades como ir a festas, banhos⁴⁰, casa de *show*, *boates*, entre outros passeios e atividades consideradas mundanas. Humberto reclama nesse sentido, falando que:

Pois é, eu tô chateado com o Marcos [Marcos é ex-namorado de um outro membro da IARI] porque ele tá nessa festa aí...aí o Marcos tá com o novo namorado dele lá, aí eu peguei e falei pra ele que ele tava perdendo a salvação dele, por conta do namorado dele que estava levando ele pra esse caminho...falei bem gentil...a dica era trazer ele pra gente..aí ele falou que

³⁹ Ouvi apenas uma vez o seguinte relato sobre um casal de lésbicas: *aí deixa eu te contar: as duas que te falei elas vieram semana passada, elas mais os três filhos delas...estão com casamento programado pra Dezembro. Nunca vi nenhuma lésbica, trans ou drag queen nas reuniões e no grupo há algumas mulheres, contei três, mas elas raramente falam e quando falam é para lembrar o grupo que ali é um espaço religioso. Desse modo, fica evidente a superioridade do homossexual, homem e que “não dá pinta”.*

⁴⁰ Ir para banhos é uma expressão comum no Amazonas e significa sair para realizar passeios em balneários, cachoeiras, rios, etc.

o namorado dele já tem uma igreja...ta! tudo bem, mas você escolheu estar com a gente...se ele escolheu é nosso dever apascentar na medida do possível, não interferir nas coisas deles, porém no momento estamos precisando de novos membros pra igreja, a igreja quer ser inaugurada, só que pra poder renovar esta igreja, tem que estar presente os antigos pra dar testemunho de evangelismo, aí eu falei pra ele precisamos dele, sentimos falta dele...aí ele disse: então tudo bem, semana que vem eu vou...confio em ti e sei que você vai vir...porque é muito chato ficar pressionando, apontando o dedo, aí a pessoa para de vir mesmo, então já faço o contrario....

Pedro acrescenta ainda:

Mas tem gente que faz isso...aí hoje não vou porque vou encontrar com meu namorado. Tô sem tempo pra ele, nunca mais vi ele...leva ele pro grupo, gente! Une o útil e agradável, conversar com Deus junto com ele. Pra ele vê que existe Deus aqui também...aqui não é igreja mundial, mas a mão de Deus está aqui também (risos)

Como diz a palavra: procurai primeiro aquilo que é de Deus e depois as outras coisas serão acrescentadas...

(Pedro, diário de campo, setembro de 2015)

No grupo do aplicativo WhatsApp a propaganda sobre atividades “mundanas” e a repressão das mesmas são motivos de brigas e desentendimento, por conta disso muitos membros saem ou são retirados do grupo. Postagens do grupo:

Felipe: todos convidados pro banho GLS

Mateus: amizades gls...em breve vem aí nosso banho último do ano pra fecha com chave de ouro. Será dia 13/12/2015. Local de sempre km xx br xx. Nosso encontro será no mesmo local centro da xxxx em frente ao xxxxx, horário de encontro de 8:30 9:30. Saída do busão 10:00hs. Conto com todos do grupo pra quem não foi ainda vai ser muito bacana.

Obs: bebida e comida cada um levar sua ou levar grana pra compra la, 3 reais a entrada no balneário.

Fernando: opa

Humberto: Gente! POR FAVOR! [como quem diz parem]

João: Acabei de descobrir porque sai do grupo..rsrsrs Sou muito correto nesses fatos!

Sobre flertes e paqueras no grupo é muito comum que ocorram, mas logo se cria tensões por conta disso, uma vez que é proibido flertar, postar intimidades, fotos sem camisa, conteúdo sexual, entre outras coisas. Sempre lembram que ali é um grupo religioso e não de encontros ou relacionamentos. Miguel diz:

Mas como eu falei. Acabou aquela situação que ocorreu [um irmão flertando com o outro dentro do grupo, acabou porque o administrador chamou atenção deles e um deles saiu]...é porque vocês são novos e não sabiam, por isso relevei as intimidades...

Não, mas sabe por quê? Eu vou te dizer porquê: eu deixei bem claro o seguinte...tá aí que eu falei pro Mateus, tá aí que falei pra ti...Gent, o nosso grupo se trata de uma igreja só quem realmente quer se compromissar com a gente, trabalhar com a Obra, por a mão na obra e não olhar pra trás vai ficar no grupo, vai ficar no grupo.

(Miguel, diário de campo, agosto de 2015)

Humberto completa:

...o pessoal quando entra no grupo [no WhatsApp] eu já deixo avisado beeem claro, mesmo sendo de um grupo de um rede social, mesmo sendo de pessoas diferentes. É UMA IGREJA [voz alta] porque acontecia, como ia acontecendo semana passada no grupo, de pessoas usarem nossa igreja de ponto de encontro. Pq até eu pequei nesse ponto, porque dizia assim: vai pra igreja, vai que teu prometido tá lá na igreja. Depois que fui me tocar, eu tipo assim: tá loco?! Deus tá onde? Aí eu parei, me questionei, aí parei com isso.

(Humberto, diário de campo, outubro de 2015)

A despeito dessas proibições e regulações, sempre se acha um jeito de burlar as prescrições, mas isso não é dito. Esses “jeitinhos” falam de ambiguidades e conflitos vividos pelos interlocutores, que ao mesmo tempo buscam viver sua sexualidade e sua religiosidade, como ambos lhes parece antagônico as formas de agir parecem querer demonstrar como lidam com as ambiguidades.

+55 92 XXXX-XXXX: *pv liberado*⁴¹
+55 92 XXXX-XXXX: *Pv liberado/2*
+55 92 XXXX-XXXX: *A fim de tecla chama aí PV*

Assim, é possível perceber que, ao mesmo tempo em que a IARI demonstra uma postura “liberal”, inclusiva, ficam se policiando na fala e gestos para não “extrapolar” os “limites cristãos”. Nesse sentido, concordo com Natividade (2010), que aponta:

É visível que essas denominações proferem recorrentemente um discurso alinhado a demandas por legitimidade de segmentos de gays, lésbicas, travestis e transexuais. Há também afinidades eletivas entre algumas dessas demandas, como o casamento gay (e a união civil) e o modelo de

⁴¹ Espécie de “código” para quem quiser paquerar/conhecer/namorar/ficar ir ao número privado da pessoa, sem ser no grupo. Significa que aquele membro tá a fim de teclar/paquerar/conhecer algum outro membro que queria as mesmas coisas.

relacionamento estável e monogâmico, valorizado pelas igrejas inclusivas de uma forma geral. Ainda que possa haver dissensos, as formas de relacionamento afetivo-sexuais propaladas são aquelas enquadradas dentro dos parâmetros cristãos, incidindo sobre as outras relativa desqualificação. A visibilidade de homossexuais em posições eclesiais nesse segmento religioso assinala que estamos diante de importantes mudanças culturais. Apesar disso, é possível ponderar sobre a forma através da qual se dá a distribuição de certas posições sociais nesse cenário. O poder parece estar majoritariamente concentrado entre homens gays, sendo a feminilidade exibida por alguns homossexuais um lugar de menor prestígio social. É possível assim observar que mesmo a inclusão obedece a regras, do mesmo modo que todo processo social. "Incluir" ou "acolher" algo ou alguém é obrigatoriamente reforçar as fronteiras entre o dentro e o fora, entre quem são os sujeitos que estão habilitados a esse novo lugar e quais deverão ser resgatados ou se transformar em objeto de regulação e rituais de agregação [...]. (NATIVIDADE, 2010, p. 113)

Diferentemente do que Natividade (2010) descreve sobre normas de conduta oficializadas na ICC, na IARI o que se tem são prescrições no discurso e no modo como são limadas as pessoas que estão fora do padrão ideal de conduta da homossexualidade cristã.

Acredito que essas prescrições e normas estão diretamente ligadas às categorias de preconceito e perseguição, uma vez que se alinhando a um discurso normativo sobre condutas “apropriadas”, a IARI busca também ser legitimada no campo religioso evangélico da cidade de Manaus.

3.5 Preconceito e perseguição⁴² como categorias enfatizadas no discurso da IARI

Fé e preconceito não se misturam (Tiago 2.1)

O preconceito e o julgamento precipitado e superficial são o tema abordado no texto de Tiago 2, versículos de 1 a 13. O primeiro versículo nos apresenta o princípio básico: não julgar ou tratar as pessoas com base na aparência ou em algo superficial. Jamais devemos julgar alguém com base na cor de sua pele, em seu cabelo, roupas, formação acadêmica ou posição econômica.

⁴² É interessante notar o uso das expressões perseguição e preconceito e não homofobia. Isso demonstra, mais uma vez que o discurso da IARI não está alinhado nem com a militância LGBT, nem com algumas outras inclusivas que também preconizam pela “transformação do preconceito” que deve ser feita “no amor”, “na mansidão”, “no carinho”, “no exemplo”.

Deus não julga ou condena ninguém pela sua aparência. No Antigo Testamento, o Senhor afirmou ao profeta Samuel: "Não se impressione com a aparência nem com a altura deste homem. Eu o rejeitei porque não julgo como as pessoas julgam. Elas olham para a aparência, mas eu vejo o coração" (1 Samuel 16.7). Deus quer que todas as pessoas sejam salvas, não importa se elas são bonitas ou feias, altas ou baixas, gordas ou magras, ricas ou pobres. A cor da pele ou quantos anos estudaram não são nem um pouco relevantes. Ele só se preocupa com o coração.

O conceito divino imutável é "Ame os outros como você ama a você mesmo". Mas, se vocês tratam as pessoas pela aparência, estão pecando, e a lei condena como culpados. Porque quem quebra um só mandamento da lei é culpado de quebrar todos (vs. 8-10). O ensinamento bíblico mostra que não há coerência em ter fé e ser preconceituoso. Ambos não combinam, não podem andar juntos.

Aceite, com amor de Deus, as pessoas como elas são. Seja misericordioso. Não se preocupe com a aparência delas e não use isso para julgá-las. Deus vê o coração das pessoas e ele quer que todas elas sejam salvas.

Com essa mensagem se inicia mais um dia de novembro de 2015, no grupo do WhatsApp. As mensagens sempre giram em torno do "aceitar as pessoas como elas são", sem preconceitos ou perseguições. Essas são categorias muito enfatizadas nas falas dos membros da IARI.

Nesse sentido, eles sempre têm uma história de preconceito e perseguição para contar. A esse respeito, Araújo (2014) assinala que "no caso específico do movimento homossexual, cobrava-se fim de preconceitos e o reconhecimento dos gays como pessoas "respeitáveis", "aceitáveis" e "normais" (p. 38). Essa questão se estende à IARI, mesmo que ela não apresente um histórico de militância propriamente dita, nem seus membros possuam histórico nesse sentido.

Assim, Felipe demonstra que a solução é através da evangelização do público hétero e pelo exemplo dado por eles próprios para a população em geral:

...não temos foco, mas é porque que a maioria de nós somos LGBT e mesmo assim é bom que começamos pelo público LGBT, pra demonstrar que a gente não tem preconceito entendeu? E dei uma outra ideia [pro líder da igreja] tem uma outra maneira de chegar e evangelizar o público hétero, que é dentro de casa...Israel agora foi promulgado uma lei que aceita a homossexualidade e se Israel que é uma terra santa e que existe a segunda religião existente no mundo, que a primeira foi o paganismo, tolera, porque que o Brasil, que é um país laico, de religiões, de seitas, de onde tem tudo, não vai aceitar a homossexualidade?

(Felipe, diário de campo, agosto de 2015)

Recorrentemente usa-se o discurso contrário ao do movimento homossexual, por apresentar os discursos cristãos como preferenciais em oposição aos discursos de

“liberdade” de orientação sexual. Contudo, a questão da perseguição e preconceitos une a IARI à causa. Creio que a valorização do masculino na IARI, questão tratada no item anterior, seja uma estratégia para se tornar mais “respeitáveis”, “aceitáveis” e “normais”.

Nesse sentido, “esse conflito com o que eles nomeiam de “feminino” está relacionado, sobretudo, com os preconceitos sofridos por aqueles sujeitos que são reconhecidos como tal e pelo reconhecimento de que o “masculino” tem um valor social maior que o “feminino””. (WEISS, 2012). Sobre isso se segue o seguinte diálogo:

Fernando:

E não para por aí não...o Mateus vai concordar comigo (Mateus fala: unrum e balança a cabeça afirmativamente)..o cara quando é bonito, alto é forte, ainda sofre preconceito porque é passivo e sofre preconceito de quê? Do próprio passivo...um exemplo, não que eu teja sendo específico, mas não acontece e quando o cara é efeminado o cara não pode ser ativo...o cara pode bater cabelo num boate, ter jeito de mulher e não é passivo, é ativo...gente, qual é problema?!

Gabriel conta:

É verdade...olha só vou contar o que aconteceu comigo quarta-feira na reunião. O menino estava no grupo LGBT e ele foi removido por ele ser de menor...ora eu posso tá errado gente, vcs podem me corrigir...mas vai impedir dele ser gay? Isso vai fechar as portas pra ele...todo mundo sabe que com 12 anos muita coisa aconteceu na nossa vida...não o fato de ser, mas muitas coisa que nos afetaram no sentido geral e a nossa vida homoafetiva as vezes começa de lá...

Humberto completa:

aí a pessoa já se esconde achando que vai amenizar, mas vai ser pior, porque o instinto fala mais alto...

David opina:

Eu acho que a gente nasce, porque eu vejo que tem crianças que já é...e uma criança já tem cabeça pra optar?...e até hoje assim...eu nunca falei pro meu pai, mas ele sabe...eu já falei pra minha mãe, mas ela diz aí eu não quero saber...eles são de outra geração né...são fervorosos nas igrejas eles...eles têm muitos anos, ixi a minha mãe nasceu na igreja...

(Interlocutores, diário de campo, setembro de 2015)

No relato a seguir de um dos membros da IARI, em uma reunião de célula, ficam explícitos os sofrimentos apontados sobre perseguição e preconceitos, bem como os modos com os quais eles lidam com isso. Humberto finaliza a reunião assim:

Bora fechar, já é 09:56, já vai dar 10 (da noite) eu prometi...deixa eu fechar aqui com chave de ouro...olha como Deus foi tão bom que ele me mostrou uma passagem que coube certinho pra hoje, não existe passagem mais explícita na bíblia, mais direta, que trate de perseguição, que foi a passagem que achei aqui, que é sobre a história de?

Fernando: *Jó?*

Humberto:

No novo testamento fica mais explícito, mas no antigo testamento também houve perseguição. E essa de Jó ficou como uma espécie de perseguição, Por quê? A primeira pergunta que a maioria das crianças fazem é: por quê? Não demora muito elas notem que as coisas não acontecem por acaso, existe o princípio de causa e efeito. Quando as crianças perguntam “por que” estão tentando compreender esse princípio, mas nem sempre sabemos os porquês e pensamos que as coisas boas devem sobrevir a quem faz bem e ruins a quem faz mal. Frequentemente isso não ocorre, não há exceções. Era um jovem que praticava boas obras, porém, muitas catástrofes lhe sobrevieram através da sua história aprendemos o que Deus deseja que façamos e aprendemos o que está acontecendo conosco. Quando a pergunta por que se torna muito importante temos que esperar e ter esperança e entregarmos a Deus. Esperar é difícil, porque a nossa era instantânea nos ensinou a esperar respostas rápidas, Jó queria saber o porquê de seu sofrimento, quando Deus finalmente falou, não respondeu, mostrou que melhor conhecê-lo, por essa razão é importante a esperança. Quando lembramos que Deus nos ama e que ele tem bons planos para nós e que é mais poderoso do que qualquer outra situação que possamos enfrentar, temos esperança e isso implica confiar no senhor, mesmo que nunca tomemos conhecimento da razão de um acontecimento. Entregar significa estar disposto a fazer o que Deus quer que façamos. Significa orar assim: Deus, estou disposto a esperar e ter esperança, porque o Senhor é o meu Deus. Existem algumas áreas de sua vida que necessitam dessa oração? ...então independente das perseguições que nós passamos devemos nos manter esperançosos, firmes naquilo que nós cremos, porque é Ele que vai nos amparar...independente do que formos sofrer, como Jó sofreu e nunca entendeu porque e sempre perguntamos por quê...por exemplo, nós nunca pedimos pra ser gay e somos, nunca desejamos, aí vem aquela pergunta: Por que que isso aconteceu? Aí aquela área psicológica nos condena...por que que nascemos assim? E a gente nunca entendeu que isso também faz parte do processo que Deus nos colocou...para muitos que acham uma abominação, pra nós que estamos na pele somos apenas instrumentos...e não existe alternativa pra gente, a não ser esperar em Deus as respostas e também saber na pele que servimos pra alguma coisa, até porque não estamos aqui à toa, nós nascemos, enfrentamos uma batalha muito grande pra estarmos no útero de nossas mães, pra estarmos aqui respirando um ar que não é meu e se eu estou respirando esse ar, em troca eu tenho que fazer alguma coisa...é obvio que a gente não vai aprender isso só lendo ou aprendendo em teorias, a própria vida vai nos ensinar isso e a própria esperança também age nisso, porque quanto mais a gente se precipita mais ficamos distantes daquilo que realmente é pra nós...então a única forma de

superarmos os obstáculos é encarando de frente de forma sábia e saber esperar para o que é digno de nós possa chegar..é saber esperar...abrir mão...eu estou solteiro há pouco tempo e eu escolhi esperar o momento de Deus pra que ele possa me revelar, apareceram pessoas? apareceram muitas, mas mesmo assim eu resolvi esperar, dá um tempo pra mim, por que pode muitas vezes eu quebrar a minha cara ... Muitas vezes as palavras que esperamos não são as que vem do céu e muitas vezes caímos por causa disso...então que nós possamos parar de ser perseguidos e perseguir...De que maneira? De maneira pacífica, no amor, na paz, na lei, que precisamos seguir a lei, os princípios geral e pessoal... Amém? E que é com essa mensagens que eu encerro essa reunião...Agora vamos fazer uma foto...

(Humberto, diário de campo, setembro de 2015)

As falas sobre perseguição e preconceito nos revelam que para além da IARI, enquanto instituição, estar em busca de um reconhecimento e legitimidade na sociedade amazonense, seus membros também procuram por isso, especialmente perante a família, pois, nos processos de *se assumir* e *aceitação*, o pensamento está alinhado a igrejas conservadoras e, procurando se desvincular da militância LGBT, asseguram um vínculo maior com a família. Ao passo que valorizar a narrativa de perseguição e de sofrimento confere um valor diferencial para seu pertencimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei demonstrar nos capítulos que compõem este trabalho os entrecruzamentos entre família, igreja e os processos de *se assumir* e *aceitação*. Evidenciando uma parte da trajetória dos interlocutores, subsidiada pelas teorias antropológicas sobre três dimensões da vida social: família, religião e sexualidade.

A contribuição mais importante que pode ser evidenciada aqui é o conhecimento de um fenômeno social, relativamente novo para região norte, que é a igreja inclusiva e seus atores sociais, compreendendo as trajetórias e subjetividades de tais atores, bem como o entendimento da IARI, enquanto instituição religiosa que se filia a um campo específico no pluralismo religioso brasileiro.

Para tal feito, iniciei por uma discussão sobre o trabalho de campo e a subjetividade da pesquisadora. Nele demonstro como “me colocar” em campo foi importante para o acesso aos interlocutores e para visualizar o caminho a seguir. Posteriormente, apresentei as categorias norteadoras: família, sexualidade, religião e juventude, como dimensões fundamentais da vida social dos membros da IARI, demonstrando como elas são manejadas por eles e como elas são centralizadas nos processos de *se assumir* e *aceitação*. Por fim, apresentei os dados empíricos, analisando-os a partir das categorias norteadoras.

Para concluir, gostaria de colocar sumariamente os pontos principais deste trabalho. Sendo assim, começo pela tese central que deu fôlego a essa dissertação: os processos de *se assumir* e *aceitação*. Não somente isso, mas outros dados que marcaram a pesquisa como um todo e demonstram as trajetórias, vivências e subjetividades dos interlocutores. O que revela não somente a construção do indivíduo, mas também revela a face da IARI, enquanto instituição religiosa, que busca a inclusão de pessoas LGBT, dentro de normas de conduta e relacionamentos prescritivos.

Os processos de *se assumir* e *aceitação* são marcos importante na vida dos interlocutores. Eles dão conta de um antes e um depois que marca a trajetória dessas pessoas. É fato narrado constantemente como divisor de águas e com o trabalho do tempo, entendido aqui, como um vetor para a *aceitação* de si, para que a família e seus lugares de sociabilidade os aceitem também.

A categoria juventude figurou como auxiliar do trabalho do tempo, pois a medida que vão se tornando adultos, conforme os relatos, amadurecem e *não batem tanto de frente com a família*. Portanto, como abaliza Natividade e Oliveira (2013), a construção da subjetividade é impactada pelos valores e pertencimento religioso. Elas oferecem um contraponto no qual é possível perceber e problematizar dilemas de constituição das identidades LGBT vivenciadas em contextos religiosos, onde mediações e tensões de idiomas culturais distintos são polarizados entre as noções de transformação e *aceitação*. Nesse sentido, a IARI indica caminhos de como amenizar/lidar com as respostas da família.

A família como ponto central desses processos, e a IARI, como elo entre as duas dimensões da vida social: Religiosidade e sexualidade. Nesse sentido, a AIRI representa uma possibilidade de (re) fazer o elo com a família ou pelo menos apaziguar as relações que se tornam tensas e conflituosas depois do processo de *se assumir* e na medida em que o tempo trabalha, eles se (re) ligam a Deus através da IARI e encaixam-se em comportamentos mais próximos do aceitável pela família, as relações vão se tornando mais amenas, os laços vão se refazendo e a vida se reconstruindo, após os mundos devastados (DAS, 2007) pela “assunção” da homossexualidade e as diversas violências sofridas por conta disso.

Natividade e Oliveira (2013) relatam uma questão bem próxima à colocada aqui. Eles dão conta que é a percepção de que a igreja inclusiva afasta seus membros do “mundo” que podem religar os laços familiares. O cuidado com o filho e a manutenção do vínculo filial, prescrição cultural do cuidado materno, engendram atitudes e discursos de *aceitação* por parte das mães que foram entrevistadas nas pesquisas dos autores. Na IARI, temos exemplos de como as mães têm maior facilidade para aceitar seus filhos se estiverem ligados a uma denominação evangélica, ainda que inclusiva, é muito mais fácil e menos dolorosa a *aceitação*. Nesse sentido, os autores colaboram para a melhor compreensão das atuais dinâmicas das relações entre adesão religiosa e experiência no campo da sexualidade, trazendo uma gama de discursos de distintos atores que ilustram dilemas e soluções complexas.

Outro ponto que chama atenção diz respeito às diferentes tradições de igrejas que se encontram na IARI. Se, por um lado, isso mostra que o ponto “agregador” da igreja é mesmo a sexualidade e as múltiplas experiências compartilhadas por causa dessa sexualidade, por outro, também, representam grande ponto de embate entre os

membros. As visões entre o que é prioridade na e para a igreja são muito controversas para os membros que são oriundos de diferentes tradições evangélicas.

Tais visões ocasionam uma fragilidade na IARI, que tem muitas dificuldades para se consolidar como uma igreja inclusiva forte no norte do país. Constantemente ela se desfaz e refaz novamente. Muito por causa das perseguições que sofre, é verdade, mas também por conta da fragilidade e barreira que a teologia inclusiva ainda encontra devido uma grande resistência de membros às possibilidades de viver uma sexualidade e uma religiosidade sem que isso lhes cause conflitos subjetivos e perante a família. Nesse sentido, a IARI é justamente esse “fiozinho” de ligação com a família e tradição religiosa que os membros fazem parte.

Desde meados de maio de 2015, a IARI está sem sede, pois a sala que a igreja alugava foi entregue ao proprietário. A IARI passa por um momento de reformulação e irá se instalar em outro local

A obra de Marcelo Natividade e Leandro de Oliveira (2013) traz à tona os embates entre os discursos religiosos hegemônicos e os novos discursos frente a atual visibilidade da população LGBT, apontando a construção de um novo problema social que é a homofobia (categoria que não é utilizada na IARI, que utiliza perseguição e preconceito) e isso revela, sim, à semelhança do que os autores citados apontam, que muito ainda deve ser feito para desvelar lógicas opressoras no contexto contemporâneo brasileiro, que por repetidas vezes aparecem sob o véu da bondade e do cuidado.

Este trabalho constitui-se também como uma colaboração no que se refere à análise da constituição da subjetividade de uma parcela da população LGBT, cuja “adesão a cultos religiosos é dimensão essencial da vida” (NATIVIDADE & OLIVEIRA, 2013, p. 242). Assim, buscou-se evidenciar categorias que nos ajudassem a pensar na construção dessas subjetividades: família, religião, sexualidade e juventude formam a base para compreensão de como são negociados os processos de *se assumir* e *aceitação* familiar entre os membros da IARI.

Desse modo, ao longo do trabalho, busco assinalar como se dão os processos de *se assumir* e *aceitação* da família sobre a homossexualidade de jovens oriundos de famílias evangélicas, pontuando dados empíricos e recortes teóricos que buscam indicar as negociações que revelam tensionamentos que ora tendem a aproximar e ora a afastar esses jovens das famílias de origem. O pertencimento religioso, mesmo que seja em uma igreja inclusiva, com toda a carga de preconceito e perseguição que ela carrega, é uma forma de aproximar e apaziguar as tensões familiares. As prescrições normativas

de conduta são também outro ponto que assinalo como atenuante nos processos de *se assumir* e *aceitação* familiar.

Outra questão fundamental que busquei problematizar, se refere a como as categorias de família, sexualidade, religião e juventude ajudam a pensar a IARI e os processos de *se assumir* de seus membros: essas categorias me ajudaram a pensar que os processos de *se assumir* dos jovens da IARI estão intrinsecamente ligados a essas categorias, ou seja, olhar para elas nos ajuda a compreender a gama de negociações e ponderações que a pessoa precisa fazer nos processos de *se assumir*.

Por último, considero que a escolha da IARI tem relação com os processos de *se assumir*, pois não é escolhida por acaso, ela se alinha a um discurso normativo e, por isso, pensar onde a IARI está inserida no campo das inclusivas, nos faz compreender porque esses jovens se vinculam a ela.

Na verdade, as questões postas estão ligadas e ajudam a chegar num entendimento dos processos de *se assumir* de jovens homossexuais oriundos de famílias evangélicas tradicionais. Suas disputas e tensionamentos para conciliar essas dimensões da vida social é o que busquei apresentar de modo ainda inicial, mas pontual.

Por fim, este trabalho também representa um esforço ainda tímido para colaborar no combate à violência oriunda da perseguição e do preconceito, que, para os interlocutores deste trabalho, é uma lide do cotidiano e nos primeiros meios de socialização – a família. Contudo, é importante pontuar que a ênfase não é no “drama” vivido ou na dor, mas nos modos como eles lidam com isso, ressignificando e refazendo relações, refazendo vida.

Por fim, gostaria de salientar que a experiência de realização desta pesquisa foi um desafio que se constituiu desde o primeiro momento. Primeiro, que minha proximidade com o tema da religião era recente; depois, porque a IARI estava/está em processo de consolidação também, o que me proporcionou um mundo de descobertas (minhas e deles) a cada novo contato. De tal modo, espero que esse trabalho sirva além do conhecimento por si só, o que já um grande agente, mas também como uma inspiração para novas pesquisas e pesquisadores com a IARI e outras inclusivas.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Antropologia e Sexualidade: Consensos e Conflitos Teóricos em perspectiva histórica.** In. FONSECA, Lígia, SOARES, C. e VAZ, Júlio Machado (orgs). *A Sexologia, Perspectiva Multidisciplinar*, Coimbra: Quarteto, vol II, 2003. pp 53-72

ALMEIDA, Ronaldo de. & MONTEIRO, Paula. **Trânsito religioso no Brasil.** Perspectiva: São Paulo, v. 15, n. 3, p. 92-100, July 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010288392001000300012&lng=en&nrm=iso.

ARAÚJO, Murilo Silva. **“O amor de cristo nos uniu”:** construções identitárias e mudança social em narrativas de vida de gays cristãos do grupo diversidade católica. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Viçosa, 2014.

ARAÚJO, Murilo Silva de & CALEIRO, Maurício. **A fé e os afetos:** Diversidade Sexual, Catolicismo e Protestantismo em sites de grupos cristãos inclusivos. Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, São Paulo - SP – 12 a 14 de maio de 2011.

BECKER, Howard S. **Segredos e truques da pesquisa.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada.** Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil. 2ª edição, 1999.

BILAC, Elisabete Dória. **Família: algumas inquietações.** In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org.). *A família contemporânea em debate.* São Paulo: EDUC/Cortez, 2003. 29-38.

BLACKWOOD, Evelyn. **Falling in love with an-Other lesbian:** reflections on identity in fieldwork. In KULICK, Don & WILLSON, Margareth. (ed.) *Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork.* London: Routledge, 1995.

BUSIN, Valéria Melki. **Religião, sexualidade e gênero.** In: *Revista Rever.* Ano 11. 2011.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo.** 3a ed. São Paulo: UNESP, 2006.

CLIFFORD, J. **A experiência Etnográfica:** Antropologia e Literatura no século XX. Org. José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.

COELHO JÚNIOR, Carlos Lacerda. **O processo de formação da Igreja Missionária Inclusiva (IMI):** fragmentos etnográficos acerca da primeira comunidade cristã inclusiva do estado de Alagoas. *Latitude*, Vol. 8, nº 1, pp. 141-173, 2014.

CORRÊA, Mariza. **Repensando a família patriarcal brasileira:** notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil. In: Vários autores. *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil.* São Paulo: Brasiliense, 1982.

CRAPANZANO, V. **On the writting ethography**. In: Dialogical Anthropology 2, 1977.

_____, V. **Tuhami**: portrait of a Moroccan. The University of Chicago press, London, 1985.

DAS, Veena. **Fronteiras, violência e o trabalho do tempo**: alguns temas wittgensteinianos. RBCS Vol. 14. Nº 40. Junho, 1999.

_____, Veena. **Life and words**: violence and the descent into the ordinary. Califórnia: University of California Press, 2007.

DAUSTER, Tânia. **A invenção do amor**: amor, sexo e família em camadas médias urbanas. In: figueira, Servulo (org.) uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

DIÓGENES, Glória. **Itinerários de corpos juvenis**: o tatame, o jogo e o baile. Annablume: São Paulo: 2003.

DUARTE, Luiz Fernando; HEILBORN, Maria Luiza; BARROS, Myriam Lins de; PEIXOTO, Clarice (orgs.). **Família e Religião**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **The home sanctuary**. Personhood, family and religiosity. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v. 2, 2006.

_____, Luiz Fernando Dias, et al (orgs). **Ethos privado e modernidade**: o desafio das religiões entre indivíduo, família e congregação. In: Família e Religião. Duarte, L. F. D et al (orgs). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

_____, Luiz Fernando Dias. **Ethos privado e justificação religiosa**: negociações na reprodução da sociedade brasileira. In: HEILBORN, M. L. et al (orgs). Sexualidade, Família e *Ethos* Religioso. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FACHINI, Regina. **Sopa de letrinhas**: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

_____, Regina. **Histórico da luta de LGBT no Brasil**. Psicologia e diversidade sexual. Caderno Temático 11. São Paulo: CRPSP, 2011.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **“Ser afetado”**. Tradução: Paula Siqueira. Cadernos de Campo. Número 13. 155-161, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

GIUMBELLI, Emerson. **Religião e sexualidade**: convicções e responsabilidades. Garamond: Rio de Janeiro, 2005.

GOMES, Edlaine de Campos. **Família e Trajetórias individuais em um contexto religioso plural**. In: Família e Religião. Duarte, L. F. D et al (orgs). Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

GOMES, Elias Evangelista. **Ensaio etnográfico sobre a socialização da juventude para a sexualidade e a fé:** "vem, você vai gostar!". Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GROSSI, Miriam. **Gênero, Sexualidade e Reprodução:** A constituição dos estudos sobre gênero, sexualidade e reprodução no Brasil. In C. B. Martins e L. F. D. Duarte. Horizontes das ciências sociais no Brasil: antropologia. São Paulo: Anpocs., 2010, p. 293-340

_____, Miriam. **Identidade de Gênero e Sexualidade.** Antropologia em Primeira Mão, n. 24, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 1998 (revisado em 2010). http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade_genero_revisado.pdf

_____, Miriam. **Na busca do “outro” encontra-se a “si mesmo”.** In: GROSSI, Miriam Pillar (org.). Trabalho de Campo e Subjetividade. Florianópolis, PPGAS, 1992. Disponível em: <http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/Trabalho%20de%20Campo%20&%20Subjetividade.pdf>.

HEILBORN, M. L. et al (orgs). **Sexualidade, Família e Ethos Religioso** (apresentação). Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

_____, M. L. E Equipe Gravada. **Uniões precoces, juventude e experimentação da sexualidade.** In: HEILBORN, M. L. et al (orgs). Sexualidade, Família e Ethos Religioso. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

_____, Maria Luiza. **Fronteiras simbólicas:** gênero, corpo e sexualidade. Cadernos Cepia nº 5, Gráfica JB, p. 73-92. Rio de Janeiro, dezembro de 2002.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre a população transgênero:** conceitos e termos. Brasília: 2012. Disponível em: [https://www.sertão.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%](https://www.sertão.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%20)

JUNGBLUT, Airton Luiz. **A Salvação pelo rock:** sobre a cena underground dos evangélicos no Brasil. PUC, RS, 2007.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia.** Editora Brasiliense: São Paulo, 2012.

LIMA, C. C. V. **A verdade (des)construída:** a inserção da homossexualidade na comunidade cristã Nova Esperança, em Natal. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

MACHADO, Maria das Dores Campos, ET. AL. **Homossexualidade e igrejas cristãs no Rio de Janeiro.** In: Revista Rever. Ano 11. 2011.

_____, Maria das Dores Campos. **Religião, família e individualismo.** In: Família e Religião. DUARTE, L.F.D et al (orgs). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

MAFRA, Clara. **Os Evangélicos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. **A grande onda vai te pegar:** Marketing, espetáculo e ciberespaço na Bola de Neve Church. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

MEINERZ, Nádya Elisa. **Sexo, oração e rock'and'roll**: um estudo antropológico das percepções de sexualidade de jovens a partir da vivência religiosa. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora*, v. 7, n. I, p. 123-144. 2004.

MICHAELIS. **Dicionário de Português Online**. Editora: Melhoramentos, 2009. Última consulta em janeiro de 2016. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>.

MISCOLCI, Richard e SIMÕES, Julio. **Apresentação do Dossiê Sexualidades Disparatadas** in: *Cadernos PAGU*, número 28, janeiro/junho de 2007, pp 9-18. <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/02.pdf>

MUSSKOPF, André. **Via(da)gens teológicas**: itinerários para uma teologia queer no Brasil. Tese (doutorado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2008.

_____, André S. **“Viado não nasce, Estreia! Não morre, Vira purpurina!”** Diversidade sexual, performatividade e religião numa perspectiva *Queer*. In: *A religião entre o espetáculo e a intimidade*. Alberto da Silva Moreira et al. (orgs). Goiás: Editora da PUC Goiás, 2014.

_____, André S. **Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram**. In: *Gênero: da desigualdade à emancipação?* Revista Tempo e presença digital. Ano 3 - nº 8, Abril de 2008.

NATIVIDADE, Marcelo & GOMES, Edlaine de Campos. **Para além da família e da religião**: segredo e exercício da sexualidade. *Religião e Sociedade*, v.26, n.2, p.41-58, 2006.

NATIVIDADE, Marcelo & OLIVEIRA, Leandro de. **As novas guerras sexuais**: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares e OLIVEIRA, Leandro de. **“Sexualidades ameaçadoras**: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores”. *Sexualid, Salud e Sociedad: Revista Latino-americana*. n. 2. Rio de Janeiro: CLAM, 2009.

NATIVIDADE, Marcelo. **Homossexualidade masculina e experiência religiosa pentecostal**. In: HEILBORN, M. L. et al (orgs). *Sexualidade, Família e Ethos Religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

_____, Marcelo. **Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas**. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 21, n. 61, p. 115-132, June 2006.

_____, Marcelo. **Deus me aceita como eu sou?** A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Antropologia, PPGSA/UFRJ, 2008.

_____, Marcelo. **Uma homossexualidade santificada?** Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 30(2): 90-121, 2010.

NOVAES, Regina. **Juventude, religião e espaço público:** exemplos “bons para pensar” tempos e sinais. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 32(1): 184-208, 2012.

OLIVEIRA, Leandro. **Diversidade sexual, gênero e família:** notas sobre o problema da superioridade moral da heterossexualidade. In PASSAMANI, Guilherme. (Contra) Pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual. Campo Grande: Editora UFMS, 2011. [p. 53-65]

_____, Leandro. **Os sentidos da aceitação:** Família e Orientação Sexual no Brasil Contemporâneo. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional. Rio de Janeiro, 2013.

OLIVEIRA, Pérsio Santos de. **Introdução à Sociologia da Educação.** São Paulo, Àtica, 2001.

PISCITELLI, Adriana et al. **Sexualidades e saberes:** convenções e fronteiras (Apresentação):. In. PISCITELLI, Adriana et al. (orgs) *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras.* Garamond: Rio de Janeiro, 2004.

RIVIÈRE, Claude. **Introdução à antropologia.** Edições 70 (coleção perspectivas do homem): Lisboa, 2011.

ROCHA, A. L. C. da & ECKERT, Cornelia. **Etnografia:** saberes e práticas. In: PINTO, Célia Regina Jardim & GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. *Ciências Humanas: pesquisa e método.* Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

RUBIN, Gayle. **Thinking Sex:** notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: NARDI, P.M.; SCHNEIDER, B.E. (Ed.). *Social perspectives in lesbian and gay studies: a reader.* New York: Routledge, 1998.

_____, Gayle. **O tráfico de mulheres:** notas sobre a economia política do sexo. Recife: SOS Corpo, 1993.

SALEM, Tânia. **Famílias em camadas médias:** uma revisão da literatura recente. *Boletim do Museu Nacional* (54), Rio de Janeiro: PPGAS/ MN/ UFRJ, 1985.

SANTOS, T. B.. **Gays e Neopentecostais:** homens pescados pelas redes de saberes religiosos. In: *Fazendo gênero 10: desafios atuais dos feminismos: anais eletrônicos.* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

SARTI, Cynthia A. **A família como espelho:** um estudo sobre a moral dos podres. 7 Ed. Cortez: São Paulo, 2011.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. In: *Revista Educação e Realidade.* V. 16. n 2. 5-22, 1990.

SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. **“De bem com a vida”:** o sagrado num mundo em transformação. 2001. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

SILVA, Aramis Luis. **Trajetórias de vida e construção de lideranças de uma igreja inclusiva em São Paulo.** 37º Encontro Anual da ANPOCS, São Paulo, 2013.

SIMÕES, Júlio Assis; CARRARA, Sérgio. **O campo de estudos socioantropológicos sobre diversidade sexual e de gênero no Brasil:** ensaio sobre sujeitos, temas e abordagens. Cad. Pagu, Campinas, n. 42, p. 75-98, 2014.

SOARES, Luiz Eduardo. **Misticismo e Reflexão.** Rio de Janeiro, 1989.

SOUZA, Raquel Moreira de. **A salvação da homossexualidade:** reflexões sobre uma comunidade inclusiva cristã. Monografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

VALDÉS, Teresa. **Socialização em sexualidade no Chile:** adolescentes de camadas populares urbanas. In: HEILBORN, M. L. et al (orgs). *Sexualidade, Família e Ethos Religioso.* Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

VANCE, Carole. **A Antropologia Redescobre a Sexualidade:** Um Comentário Teórico. PHYSIS – Revista de Saúde Coletiva, v.5, n.1, 1995.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e Alma:** Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WEISS DE JESUS, Fátima. **Unindo a cruz e o arco-íris:** Vivência Religiosa, Homossexualidades e Trânsitos de Gênero Na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

_____, Fátima. **Igrejas inclusivas em perspectiva comparada:** da “inclusão radical” ao “mover apostólico”. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, 2013, Florianópolis. Anais Eletrônicos, 2013.

_____, Fátima. **Uma antropóloga em campo:** reflexões sobre observação participante e subjetividades na etnografia. Revista Tendências: Caderno de Ciências Sociais. Nº 7, 2013

Filmes

Filme: **Orações para Bobby** – Diretor: Russel Mulcahy. EUA, 2009

Filme: **O Padre** – Diretora: Antonia Bird. Inglaterra, 1994

Documentário: **Assim me diz a Bíblia** (*For the Bible Tells Me So*) – Diretor: Daniel G. Karlake. EUA, 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E1E-wbF-UAc>

Sites consultados

Bíblia online. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/>

Facebook. IARI Inclusiva Manaus – AM. Disponível em: https://www.Facebook.com/iari_inclusiva?fref=ts.

Facebook. Igreja Apostólica da Renovação Inclusiva. Disponível em: <https://www.facebook.com/IgrejaApostolicaDaRenovacao/?fref=ts>